

História de Santo Antônio de Pádua



Pelo
Pe. Antônio At., C. S. C.

Traduzido por
Mons. Dr. J. Basílio Pereira

2ª edição

1951

Editora Mensageiro da Fé Ltda.

NIHIL OBSTAT :

Bahia, 10-9-1951

Frei Pio Leweling, O. F. M

Cens. Diocesano

IMPRIMATUR

Salvador, 10-9-1951

Antônio, Bispo Auxiliar.

Fonte:

alexandriacatolica.blogspot.com

PREFÁCIO

O anúncio do 7º centenário da morte de Santo Antônio despertou um eco de alegria em todo orbe católico. Um santo entusiasmo apoderou-se dos países, particularmente de Portugal e da Itália.

Não é de estranhar! Ainda que Santo Antônio pertença ao mundo inteiro - o próprio Leão XIII o chamou "*Santo de todo o mundo*" -, somente Portugal tem a honra de ter-lhe sido berço, e unicamente a Itália pode gloriar-se de guardar seus restos mortais.

Nem por isso o Brasil ficará em plano inferior: pois, na Terra da Santa Cruz, o grande Taumaturgo tem tantos altares quantos corações católicos pulsam.

Com razão! Desde o dia em que os descobridores aportaram no Brasil e nele ergueram o primeiro cruzeiro, Santo Antônio não cessou de testemunhar o amor particular que dedica a este vasto país e seus filhos.

Sobejas provas temos, em nossa história, de que o glorioso Taumaturgo em graves emergências e críticas situações nos acudiu poderoso. Baste-nos recordar um só dos luminosos traços desse admirável patrocínio; e fá-lo-emos com o depoimento do insigne Padre Antônio Vieira relativo à sua época, no sermão pregado em 1640, na igreja e dia do Taumaturgo, em ação de graças "por terem os holandeses levantado o sítio posto à Bahia e quartéis baterias assentados em frente da referida igreja".

Eis algumas linhas do grandioso quadro esboçado então pelo insigne orador ante multidões que vinham de o presenciar ao vivo: "Assim como o ímpeto do Jordão, tanto que avistou a Arca do Testamento, parou e tornou atrás com a sua corrente, assim o orgulho do exército inimigo, tanto que do monte oposto descobriu o de Santo Antônio, não só foi obrigado desta vista a fazer alto, mas a voltar a marcha que fazia... Defendiam a marinha nas raízes do norte oposto o forte do Rosário e o reduto da Água de Meninos; mas dominados do sítio superior que pela parte da terra tinha ocupado o inimigo, como incapazes de toda a defesa, rebentada a artilharia que foi possível, lhe ficaram logo sujeitos.

Cortados do mesmo modo os dois fortes de Monserrate e S. Bartolomeu, com igual pressa se renderam... Mas... no mesmo tempo em que as praças artilhadas espontaneamente se entregavam, era digno de admiração que só a trincheirinha de Santo Antônio, arruinada, aberta e quase rasa com a terra, mostrasse espíritos de resistência !...

Os tiros da artilharia inimiga que se contaram, foram mais de mil e seiscentos; e chovendo a maior parte deles sobre a cidade, que faziam? Uns caíam saltando e rodavam furiosamente pelas ruas e praças; outros rompiam as paredes, outros destroncavam os telhados, despedindo outras tantas balas, quantas eram as pedras e as telhas; e foi coisa verdadeiramente milagrosa, que a nenhuma pessoa matassem nem ferissem... Chegou enfim a noite decretória e fatal de 18 de Maio, em que acometeram a requestada trincheira três mil holandeses ajuramentados de ou ganhar ou morrer, dos quais muitos cumpriram a segunda parte do juramento, mas nenhum a primeira. E posto que depois foram socorridos com todo o grosso do exército, sendo já na campanha batalha o que na trincheira era assalto; e durando a porfia do combate três horas inteiras, foi o sucesso tão desigual que eles, sem escrúpulos de perjuros, em boa consciência se retiraram vencidos ... Não quis Deus que acometêssemos o inimigo nos seus quartéis, como tanto desejavam os soldados; nem que acabássemos de o sitiá-los, como tinham determinado os generais; mas que, vencido do temor e convencido da própria desesperação, sem nova violência fugisse e com uma fugida tão precipitada e torpe, deixando artilharia: munições, armas, bastimentos, e até o pão cozendo-se nos fornos e nos ranchos, a comida dos soldados ao fogo... Embarcado, finalmente, levou as âncoras na segunda noite, que também lhe foi favorável porque lhe faltou o vento, para que aos olhos de todos se visse voltar por onde veio. Pelas nove a deí horas do dia saiu pela Bahia fora a armada triste desembandeirada e muda. Todos os santos do céu defenderam a nossa ou a sua Bahia de Todos os Santos. Mas como Deus queria que fossem representados por um só santo para com ele repartir a glória desta proteção, escolheu a Santo Antônio pela eminência com que este santo contém em si a jerarquias e dignidades de todos.”

Por constante aclamação popular, padroeiro de todos os católicos da Terra da Santa Cruz, o insigne Taumaturgo não esqueceu em nenhum tempo esta sua missão, não a abandonará jamais. Não desfaleça, pois, nesta hora a nossa confiança; prossiga ardente o apelo; redobrem vivas as preces.

Invocando, com todo o fervor e confiança, nosso proeminente patrono, digamos-lhe : "Lembraí-vos, glorioso Santo, dos muitos templos altares em que de longa data sois venerado e servido em nossas cidades, em nossas vilas e em qualquer povoação, por pequena que seja; e que até nos campos e montes onde não havia casa, só vós a tínheis. Lembrai-vos das grandiosas festas com que tem sido sempre celebrado o vosso dia, e sobretudo da devoção e confiança com que a vós recorreram todos em suas perdas particulares, e do prontíssimo favor e remédio com que a todos acudistes. O mesmo sois, e não menos poderoso para o muito que para o pouco. Apertai com esse Senhor

que tendes nos braços, e apertai-o de maneira que, assim como nos concedeu outrora tão luzida vitória sobre o invasor, nos conceda também hoje o triunfo seguro e pleno contra todos os ataques injustos e iníquas ameaças, e sobretudo a vitória final sobre o inimigo eterno."

O estudo dos santos é sempre tentador. Esse atrativo explica-se facilmente; porque os santos são primores de obra. A natureza fornece de tempos em tempos a sua matéria prima; a graça vem a ser a sua razão última; para os formar, ela utiliza o meio.

Os santos são inteligências sublimes, mesmo quando ignorantes das ciências humanas; são caracteres superiores, porque venceram o mundo; são corações fortes e ternos, aos quais abrasam a um tempo o amor do bem e o ódio ao mal, e que o céu e a terra visitam à mesma hora; eles adoram o céu e protegem a terra : são, finalmente, insignes benfeitores do gênero humano. A caridade dos santos é sem rival; sua direção é segura, são provas disto as obras imortais que deixam após si. Mesmo quando não apresentassem à observação tão belos traços, quando se pudesse deles dizer somente: não são como os outros homens que conhecemos, e que nos aborrecem ou nos prejudicam, seriam dignos de acatamento.

Eis porque os santos são caros á Igreja, da qual constituem o orgulho e a esperança, e caros se tornam aos filhos da Igreja, que vêem neles uma brilhante demonstração de sua fé. Desde que não se os pode pôr em dúvida, preciso é explicá-los; e quem dirá donde saem, se acaso se negar a virtude do batismo? É em vão que muitos se esforçam por obscurecer o nimbo que lhes emoldura o semblante venerando. Fazer dos santos uns grandes homens e colocá-los no Panteon, é muitas vezes uma habilidade; no fundo, é uma involuntária homenagem que escritores honestos, e algures corações de artistas, rendem aos heróis do catolicismo.

Assim, se explica o prazer íntimo que experimentamos, lendo a Vida dos Santos.

É grato estudar os santos; menos fácil é desenhá-los; a mão que o tenta fazer, treme de respeito e de emoção. Angélico de Fiesole pintava ajoelhado. É o único meio de explicar os traços de suas virgens, cujo tipo não é deste mundo; flores que desabrocham ao sopro do gênio e da piedade, com as quais a arte não carece de esforços, e de que a inspiração mística é a razão última. Aquele que quer escrever a Vida de um santo, deve pôr-se de joelhos, e pedir a Deus que não deixe que seja alterada a obra de sua graça.

Afortunadamente, nada há aqui a inventar; os fatos encarregam-se de manifestar o milagre. Cada um desses fatos é como que uma linha do desenho a traçar; quando o último vem relatado, a figura por si mesma destaca-se inteira.

CAPÍTULO I

Nascimento de Santo Antônio de Pádua

Quase ao terminar o século doze da era cristã, no ano 1195, nascia um menino, que estava destinado a ser um dos maiores Taumaturgos de seu tempo. Chamou-se a princípio Fernando de Bulhões; o mundo, porém, deveria conhecê-lo sob o nome de Antônio de Pádua. Sua pátria foi Portugal, a antiga Lusitânia.

Teve por pai Martin de Bulhões, e por mãe Maria Teresa Taveira, quando estavam ainda na flor da idade.

Sabe-se ainda que a nobreza dos Bulhões era das mais ilustres. Maria Teresa Taveira descendia de uma antiga casa que havia reinado nas Astúrias no século oitavo. Martin de Bulhões era da linhagem de Godofredo de Bouillon, chefe da primeira cruzada e primeiro rei franco de Jerusalém.

O avô do nosso santo chamava-se Vicente de Bulhões. Pouco se conhece de sua vida; parece, entretanto, que ele foi nomeado governador de Lisboa, quando esta cidade foi conquistada aos Mouros e veio a ser a capital de Portugal; e é certo que não se chegava então a tais dignidades sem haver consumado algum feito de armas. Martin de Bulhões herdou algo da sorte feliz de seu pai, e sustentou o lustre de seu sangue.

Fernando nasceu a 15 de Agosto, dia da Assunção da Santa Virgem. Não se sabe se foi o primogênito da família dos Bulhões: é certo, porém, que não foi o único filho. Tinha uma irmã chamada Maria, encantadora criatura que a natureza e a graça haviam cumulado de favores e da qual não era digno o mundo, pois que, bem cedo voou para a solidão, e vestiu o hábito das Cônegas Regrantes, no convento de S. Miguel.

Fernando era filho de heróis; era também filha de santos. Maria Teresa de Taveira fazia-se notar pela virtude tanto quanto pela beleza. A virtude transmite-se com o leite e as carícias; o coração de uma mãe é um vaso puríssimo que o Espírito Santo enche de suas bênçãos, e que, derramando-se na alma de uma criança, a enriquece dos dons celestes. É um fenómeno encontrar-se uma mãe piedosa que dê à pátria um mau cidadão e à Igreja um desprezador de seus dogmas; mais frequentemente sucede o contrário; e é

grato pensar que há nisto uma das leis da vida sobrenatural. Demais, Fernando de Bulhões veio ao mundo no dia bem-aventurado da Assunção da Virgem.

Esta Mãe do Céu, mais terna que as da terra, tomou posse de sua alma; imprimiu-lhe às faculdades corno que um selo, para as fazer suas; nela depôs os germens de uma devoção que com o tempo cresceria, e que até a última hora se traduzirá por explosões de amor que ficarão como um dos traços particulares de sua fisionomia. Tão fácil não era anunciar que Fernando agitaria a Europa com a eloquência de sua palavra e os milagres que havia de semear em sua passagem.

Contudo, o que desafiava todas as conjecturas, era que esse descendente de reis, que nascia num palácio no meio dos esplendores da opulência, viesse mais tarde a ser o discípulo apaixonado do Mendigo de Assis, e, seguindo a este, conduzisse garboso por toda a parte a libré austera da Pobreza.

A primeira infância de Fernando correu sob as vistas maternas. Desde então se viu desenvolverem-se nele instintos maravilhosos. Apenas saído das faixas, fazia-se já notar pela delicadeza da consciência e pureza de costumes. Ao passo que nessa idade os meninos costumam revelar-se pouco refletidos e buscam avidamente as bagatelas e as loucuras do mundo, ele mostrava-se animado de uma sabedoria precoce, e imitava os exemplos de seus piedosos pais. Visitava frequentemente as igrejas e os mosteiros. Sentia satisfação em estender as mãozinhas para os pobres, a lhes aliviar a miséria.

Quando o jovem Fernando atingiu à idade da razão foi, por seus pais, colocado na escola da igreja da bem-aventurada Mãe de Deus, para lá aprender as letras humanas e se formar na virtude, sob a direção dos ministros de Cristo, de quem deveria ser um dia o arauto. Assim deslizou a sua infância como a de Jacó, longe do rumor e na paz da inocência.

Mas Deus tinha desde então a parte principal no coração desse menino, verdadeiro altar dos perfumes sobre o qual se oferecia o sacrifício da manhã, que lhe é mais agradável que o da tarde. Para buscar a Deus, Fernando retirava-se de todos, e, à parte, só com o seu muito amado, escutava-lhe a voz e lhe dizia os seus segredos. Observava-se nele uma pronunciada atração para a liturgia católica: os hinos sacros, as pompas do culto, as belezas dos altares o arrebatavam. Sob todas estas formas, era a Deus que procurava, e quem ele descobria e abraçava com delícias. Apaixonava-o, sobretudo o Deus crucificado: é isto o cunho particular dos santos. Devia ele segui-lo até o cimo do Calvário, e morrer por Jesus Cristo e com Jesus Cristo em voluntária imolação. De caminho, ensaiava-se para esse voo sublime, contemplando a Cruz.

Mortificava a carne com frequentes abstinências e jejuns rigorosos, acostumando-se assim às austeridades heróicas que deveria praticar mais tarde. Uma semelhante estreia era a profecia de vindouros dias ainda mais admiráveis.

Deus prepara na sombra, por um trabalho lento, mas contínuo, os homens a quem destina um grande papel. Fernando de Bulhões acabava de receber a primeira modelação. Sua família transmitiu-lhe, com um sangue histórico, tradições de glória que o mundo explora em proveito da vaidade, mas de onde a graça colhe muitas vezes resultados os mais sérios.

Quando a construção de um navio é terminada, e, provido ele já de mastreação, velame e âncoras, pode receber já a tripulação e a carga, lançam-no ao mar e o levam longe. As ondas estremecem e rasgam-se para deixá-lo passar. Caminhará por entre tempestades; mas, se Deus o acompanhar, ele não soçobrará. Fernando de Bulhões é a *nave que parte de costa longínqua, para levar às regiões amigas o pão da verdade*. Ó nobre adolescente, sai do retiro que te abrigou os anos juvenis. Mostra-te ao teu século agitado e incerto entre a barbaria violenta que parece ter prescrito, e a civilização cristã cujas linhas ainda entram de esboçar-se. Teus antepassados combateram os Mouros; tu, combaterás as trevas da heresia e as paixões monstruosas. Teus maiores viverão para sempre na memória da Espanha libertada; tuas cinzas imortais subirão ao altar: viverás no reconhecimento da humanidade transfigurada por teus abençoados trabalhos.

CAPÍTULO II

Mocidade - Primeira vocação

Estamos em 1210. Fernando de Bulhões tem quinze anos. Toca o limiar da juventude, essa idade amável e terrível, que às vezes faz realçar a virtude nascente, porém que mais frequentemente a investe e devora.

Foi graça de Deus que atravessasse o período crítico da vida sem entregar a alma à tempestade esse adolescente, rico de tantos dotes e tão exposto às tentações do século. Não há o menor indício de que tenha olvidado, sequer um instante, as lições do lar, os hábitos sérios da escola e as alegrias íntimas que havia gozado em seu comércio com Jesus Cristo

Fernando sentiu-se atraído para os filhos de Sto. Agostinho, cuja reputação se achava tão bem firmada. Num dia do mês de agosto de 1210, saiu ele de Lisboa, e

dizendo adeus, sem pesar, a todos os prazeres do mundo, caminhou para o mosteiro de S. Vicente. Tinha visitado já muitas vezes esses lugares caros à sua piedade nascente; porém nunca lhe haviam eles falado com tanta eloquência. Ao ver as frias muralhas que serão doravante a fronteira de seus pensamentos e de suas afeições, estremeceu. A casa do Senhor tornava-se o lugar de seu repouso; seu altar ia regozijar-lhe a mocidade. Logo que o nobre postulante, prostrado aos pés do abade, alcançou a graça de ser admitido em o número dos Irmãos, ergueu-se contente, sentindo-se feliz.

Seu pai e sua mãe o haviam deixado; o Senhor o recolhia em seu amor; renunciara ao solar de seus avós; entrava na posse da herança dos santos; tinha dado aos pobres as riquezas da terra; era locupletado dos bens espirituais que valem muito mais. Que estranhas alegrias, ó meu Deus, essas que, de tempos em tempos, lampejam na alma que não tem apego a nada, alegrias que o mundo não compreenderá jamais, e que lhe desafiam o riso, quando não lhe fazem soltar um grito de cepticismo; alegrias reais, entretanto, e que só os que as têm experimentado poderiam descrever!

Fernando de Bulhões trouxe ao noviciado da vida religiosa a condição que mais lhe assegura o êxito: a boa vontade. Foi fervoroso desde o início. Não teve de atravessar as provas da via de expiação; estava, desde muito, mergulhado na luz divina; tinha-se familiarizado com as uniões íntimas do santo amor; porém podia progredir ainda.

Entretanto, chegado era o momento de tomar o hábito religioso. Fernando preparou-se a isto por um recolhimento mais profundo. Estava impaciente por deixar a libré do século, como havia renunciado às suas voluptuosidades, para se revestir de Jesus Cristo.

Desta maneira crescia em idade, em ciência e virtude. Esta alma bem-aventurada era qual formosa árvore plantada à beira de um regato. Dilatava-se na corrente das águas celestes, para dar o seu fruto à hora marcada pela Providência. Ele era a glória de sua Ordem, a alegria de seus condiscípulos e o orgulho dos mestres. Entretanto, preparava-lhes uma decepção algo amarga. O desígnio de Deus estava ainda na sombra; mas a hora da manifestação se ia aproximando. As crônicas do mosteiro de Assis referem que, estando o Bem-aventurado ao altar em Santa Cruz, foi favorecido com uma visão miraculosa. Viu a alma de um religioso franciscano, que acabava de expirar num hospício vizinho de Coimbra, subir ao céu, levada numa nuvem de ofuscante claridade. Era para ele o sinal de um futuro novo.

CAPÍTULO III

Segunda vocação - S. Francisco de Assis

Enquanto as amáveis virtudes de Fernando de Bulhões assim perfumavam a solidão de Sta. Cruz de Coimbra, em Portugal, no fundo da úmbria Francisco de Assis começava a assombrar o mundo com as maravilhas de sua santidade.

Enviou missionários para todo o universo, a dilatarem as fronteiras do pacífico reino do Cristo. Reservou para si a Síria e o Egito, na esperança de lá encontrar o martírio. Enfim expediu para Marrocos cinco obreiros apostólicos, Bernardo, Oton, Pedro, Adjuto e Acúrsio, cujos destinos muito nos interessam, porque se referem ao nosso principal assunto, como se verá.

Estes homens admiráveis tomaram o caminho das Espanhas para chegar a Marrocos.

Em Coimbra a rainha Urraca fez-lhes um acolhimento honrosíssimo. Partiram depois para Sevilha, no país dos Mouros, onde após haverem tentado pregar o Evangelho aos infiéis, e terem sofrido prisão, correndo risco de morte, foram enviados para a África pelo rei, que se não quisera converter, servindo-se Deus do furor deste para favorecer a empresa de seus apóstolos. Chegados ao teatro que a obediência lhes assinara, deram livre curso ao zelo de que iam devorados. Ao sopro do Espírito Santo, que reprova a prudência da carne, cometeram sublimes temeridades, dessas que salvam o mundo, mesmo quando parecem comprometer tudo ou trazem reveses momentâneos. Trataram a Maomé como ele merecia; atacaram o Alcorão nas mesquitas, nas praças públicas e nas encruzilhadas. Dirigiam-se ao povo; afrontavam a majestade do rei Miramolim: tamanha coragem recebeu logo a sua recompensa. Após diversas peripécias de que não cabe aqui referir os pormenores, foram eles presos, postos a ferros, e atormentados cruelmente por vários suplícios. Afinal, num dia que Miramolim os instava a renunciar à fé e abraçar o cômodo culto do "Profeta", apontando-lhes umas escravas de notável beleza que lhes destinava; eles com tanto amor confessaram o nome bendito de Cristo, e opuseram às seduções do rei tão positivos e firmes desdêns, que Miramolim brandindo a cimitarra lhes decepou as cabeças, que rolaram a seus pés. Foram assim duplamente glorificados, pela morte que sofriam, e pelo algoz coroado que lha dava. Eram os primeiros soldados do exército do Pobre de Assis que caíam, se bem que o sangue não houvesse esperado até essa hora para correr entre eles.

Lançaram-se fora do palácio os mutilados troncos dos cinco Frades Menores. A população arrastou-os pelas ruas, horrivelmente enxovalhados; e tentou, mas em vão, queimá-los. Entretanto, o Infante de Portugal, D. Pedro, mandou recolhê-los por cristãos, e escondeu-os em sua casa. Buscou a ocasião favorável de subtraí-los a novas profanações; e, depois de tê-los colocado em urnas de prata, acompanhou-os piedosamente a Espanha, donde facilmente se os poderia transportar para Portugal. Alguns meses antes, Coimbra os tinha visto passar, jovens e intrépidos, quando seguiam para o combate. Agora, abre a cidade régia as portas aos seus despojos. Eles estão mortos; mas estes mortos triunfantes como que sacodem as multidões que correm para lhes cantar os louvores e se aproveitar das graças que eles semeiam em seu caminho. De fato, os milagres produziam-se por toda parte: vou narrar o maior.

Por ordem da Corte, as relíquias dos Frades Menores foram depositadas no convento dos Cônegos Regulares de Santa Cruz. O sangue dos mártires, diz Tertuliano, é uma semente de cristãos; mas os preciosos frutos que esta semente produz não são sempre os mesmos nem todos iguais.

Desde que o nosso Bem-aventurado se viu em presença dos corpos destes santos apóstolos, sabendo os prodígios que operavam, apossou-se dele uma ideia nova que lhe não deixava repouso. Começou a arder interiormente no desejo de os imitar, e de por amor, de Jesus Cristo beber o cálice do martírio. Então, elevando-se acima de si próprio, calcou aos pés todo o temor; e, protegido contra sua fraqueza pelo impenetrável escudo da graça divina, dizia no silêncio da reflexão: "Como desejaria eu que o Senhor me julgasse digno de participar da coroa de seus mártires! Quanto quisera que me fosse dado curvar os joelhos e receber por Jesus Cristo o golpe da espada do algoz!"

Noite e dia a santa visão do martírio desdobrava-se-lhe ante os olhos. Ele interrogava o céu com instância, na oração; conjurava o Senhor a visitar-lhe a alma e inspirar-lhe o que fosse mais conforme à sua vontade, mais favorável à sua própria salvação, e mais oportuno para utilidade e edificação do próximo.

Um dia, quando, retirado a um canto para melhor esconder aos irmãos o seu segredo, vertia copiosas lágrimas sem poder sair de suas perplexidades, S. Francisco, que se achava na Itália, apareceu-lhe numa visão miraculosa, relatada por muitos historiadores; e anunciou-lhe, da parte de Deus, que ele devia entrar na Religião dos Frades Menores. Ao mesmo tempo, levantou-lhe diante dos olhos uma ponta do véu do futuro, fazendo-lhe assim conhecer as bênçãos que estavam reservadas a seu apostolado. Este aviso refrigerou-lhe a alma consumida por generosos desejos; pois que ele

suspirava pela santa Pobreza, como o cervo sequioso pelos mananciais de água viva. Esperou só a ocasião de executar o seu desígnio, a qual não tardou a oferecer-se.

À pequena distância de Coimbra, os Frades Menores possuíam um estabelecimento, chamado Sto. Antão dos Olivais por estar sob o patrocínio do Pai dos anacoretas, e que era edificado em sítio delicioso, no meio de um bosque de oliveiras. Este convento, de data recente, lhes tinha sido dado, quando foram obrigados a deixar a Espanha, aonde S. Francisco os enviara para pregar aos Mouros. A rainha Urraca, mulher de Afonso II que então reinava, princesa piedosíssima e muito compassiva, tendo feito examinar o Instituto deles por homens sábios, e tendo-se assegurado da santidade de sua vida, alcançou do rei que fossem recebidos em seus Estados, com a permissão de aí fundarem casas. Tais foram os começos da Capela de Sto. Antão, no ano 1216. Estes excelentes religiosos dividiam o tempo entre a oração e o exercício da caridade. Não eram versados nos conhecimentos humanos; mas tomavam à letra a moral do Evangelho, que se lhe via como que impressa na vida e nas virtudes que os ornavam. Nada possuíam como próprio, e assim via-se passarem, de alforje às costas, mendigos voluntários que não coravam de andar de porta em porta pedindo aos ricos do mundo o pão quotidiano.

Um dia, pois, tendo-se apresentado eles a esmolar, Fernando, que espreitava a hora de sua chegada, chamou-os em particular e fez-lhes a confidência da resolução que Deus lhe inspirava. Disse-lhes entre outras coisas: "Meus queridíssimos irmãos, desejo, com todo o ardor de minha alma, tomar o santo hábito de vossa Ordem. Ponho a isto uma condição, é, que, depois que o tenha cingido, me envieis para as terras dos Sarracenos, a fim de que, seguindo aos vossos santos mártires, eu mereça também verter meu sangue pela fé e assim participar de sua coroa". Os Frades Menores, que sabiam o mérito do postulante, porque viviam a seu lado, regozijaram-se intimamente do esperançoso recruta que a Providência lhes conduzia. Prometeram voltar no dia seguinte com a resposta ao pedido, e tudo se passou como foi então convencionado. Fernando de Bulhões deixou o hábito de Sto. Agostinho que vestira ao pé do altar, num ditoso dia de sua vida, para tornar o de Francisco de Assis. A branca túnica de linho desapareceu sob o cinzento e grosseiro burel, que simboliza ainda melhor a morte mística em que ele mais se entranhava. Esta cena consumou-se num canto do mosteiro, sem pompa e sem testemunhas.

Entretanto, Fernando de Bulhões não havia esperado por esse momento para participar os seus projetos ao abade de Santa Cruz, não tendo sido sem custo que este lhe concedeu a permissão de mudar de estado. A dor que experimentou e a violência

que a si teve de fazer para vencê-la, são a medida do apreço que cercava a Fernando na comunidade. O pesar foi geral; lágrimas corriam dos olhos de todos, quando viram afastar-se um homem tão notável, que esperavam cedo colocar à frente do convento. Viu-se até, na circunstância, o despeito misturar-se à tristeza. As famílias religiosas parecem-se um tanto com as mães a quem pela sua ternura se perdoa o ciúme de que às vezes se deixam possuir, como se estas duas disposições se não pudessem separar. No momento das últimas despedidas, um Cônego diz irônicamente ao fugitivo: "Vá, vá, meu irmão; pois que não pôde ganhar a sua salvação entre nós, talvez que noutra lugar venha a ser um santo". A estas palavras, Fernando voltou-se mansamente para o seu censor e lhe disse: "Quando souberdes de minha canonização, certamente louvareis o Senhor". Sua modéstia o impedia de crer no que avançava: profetizou sem o saber.

Em S. Antão dos Olivais, o novo Franciscano foi recebido por seus irmãos com demonstrações de ternura. Estava confuso da luta interior que havia sofrido, e da tempestade de que fora causa inocente. Não olhou para trás, a lastimar o que deixara; porém tinha-se arrancado a lugares queridos, havia partido seus primeiros laços monásticos, que o prendiam a homens cheios do espírito de Sto. Agostinho.

Curto foi o tempo que ele passou em S. Antão dos Olivais, e assinalou-o um fato notável, sobre o qual estão de acordo todos os historiadores. Ele deixou o nome que até aí usara em religião, para tomar o de Antônio. Vários motivos o decidiram. Antes de tudo, queria escapar às vistas dos homens e viver oculto. Não descurara coisa nenhuma para se fazer esquecer. Depois de ter renunciado ao mundo, havia fugido de solidão em solidão. Demais, não tivera vida pública; podia crer-se ao abrigo da vanglória. Tinha porém a paixão da humildade; e achou que a camada de sombra que o cobria não era ainda bastante espessa. Além disto, o vocábulo da ermida dos Olivais inspirou-lhe uma grande devoção a Sto. Antônio (Antão). Quis honrar o Patriarca da vida cenobítica e se batizar em suas virtudes adotando-lhe o nome.

Desde então contava S. Francisco um discípulo a mais.

CAPÍTULO IV

Partida de Antônio para África e Itália

Entretanto, não tinha Antônio esquecido a promessa que se lhe fizera, quando recebeu o hábito de Frade Menor. Pediu, pois, que o mandassem para a África, a fim de lá trabalhar na conversão dos infiéis. Os santos, movidos como são pela ação secreta do

espírito de Deus, realizam um desígnio superior, mesmo quando parecem obedecer a inspirações pessoais. O desejo de Antônio adaptou-se perfeitamente a uma das grandes ideias de S. Francisco.

Após o Capítulo de 1216, enviara para a Espanha a Bernardo de Quintavale, que tinha estabelecido dois conventos, um em Toledo, outro em Corrión de Los-Condés no reino de Leão; eram como os postos avançados das forças que iam atacar os Mouros.

Antônio queria partilhar os trabalhos de seus irmãos: estava impaciente por entrar na arena. O amor da glória, combinado com um certo gosto das aventuras, só embriagar as naturezas ardentes, que não levam em conta as fadigas, e olham, sem empalidecer, aos perigos que as aguardam. Esta paixão, bela sob alguns aspectos, faz os heróis ao gosto do mundo. O apóstolo obedece a motivos mais elevados. O zelo que o devora é uma flama santa, acesa no próprio coração de Deus, esse foco de todas as inspirações sublimes- Seu zelo compõe-se de dois amores, que em substância constituam um só, e que abrangem a Jesus Cristo e a humanidade. O amor de Jesus Cristo lhe faz desejar que o reinado soberano do Salvador se estabeleça sobre os espíritos, sobre as vontades, sobre os costumes, sobre as leis e os destinos das nações; ele emprega-se neste desígnio, e dispõe tudo para que tenha efeito. O amor da humanidade faz que trate de torná-la feliz: ele esforça-se por arrancá-la a seus preconceitos, a seus vícios, ao despotismo da opinião, a fim de conduzi-la, contrita e comovida, aos braços de seu Redentor. Estes dois amores misturavam-se na alma profunda de Antônio.

Depois de obter dos superiores a permissão de seguir seus desejos, só pensou nos preparativos da partida. Era ainda recente a sua entrada na Ordem dos Frades Menores. Segundo a Regra, teria devido começar o noviciado, para adquirir o espírito particular a esta Religião. Mas o tempo dos prelúdios era passado para ele: soava a hora da ação. Tomara o hábito pelo meio do ano 1220; segundo a opinião mais comum, não se pode colocar além do mês de novembro deste mesmo ano a época de seu embarque; donde cumpre concluir que foi dispensado das provas a que os aspirantes à vida monástica são em toda parte submetidos. Nem houve jamais uma dispensa que melhor se justificasse. As necessidades da Ordem eram grandes, porquanto ela estava em pleno trabalho de dilatação, e estendia as asas até as extremidades do mundo conhecido; mas ainda maiores eram as virtudes que Antônio adquirira. Entre a perfeição do Cônego Regular e a do Frade Menor, havia só uma questão de forma: não era, pois, temeridade entregar a solução do caso à graça, que já nessa alma operara maravilhas.

Ele lançou-se com santo entusiasmo na carreira nova que Deus abria adiante dele. Tinha deixado, sem pesar, a casa paterna; agora diz um derradeiro adeus à pátria, que não havia de tornar mais a ver. Enquanto o navio se afastava, tinha ele os olhos fitos noutras plagas que ainda não descobria, e onde já pelo coração habitava, porque lá havia armado o altar de seu sacrifício. Mas as esperanças que levava, iam mais uma vez ser frustradas. Chegando ao teatro de tão santo apostolado, caiu logo enfermo; sua saúde, abalada pela mortificação e pelas vigílias, sucumbiu inteiramente à influência do clima africano. Não se menciona aí um só ato que prove o mais tímido ensaio de seu ardente zelo. Não foi à mesquita nenhuma opor ao impuro Alcorão do "Profeta" a lei do Cristo bendito. Não se dirigiu nem às multidões nem aos príncipes do país. Esta impotência foi para ele um martírio. No fim do inverno de 1221, a prudência obrigou-o a regressar à Espanha, para se refazer de forças e pôr-se à disposição dos superiores.

Quando fazia rota para a Espanha, levantou-se violenta tempestade que mudou o rumo do navio, ameaçando-o de terrível naufrágio. Neste perigo, o nosso Bem-aventurado invocou o socorro do céu para os passageiros espavoridos; ele impôs ao vento e ao mar com essa autoridade que tantas vezes deveria exercer sobre os elementos. Aportou na Sicília, a Taormina, antiga cidade episcopal da província de Messina. Durante os dois meses que passou na ilha, não ficou ocioso. Sua convalescença, provavelmente, não lhe permitiu dar-se aos trabalhos do apostolado; mas uma tradição constante refere que fundou quatro conventos de Frades Menores.

Os séculos não têm apagado o traço da passagem de Antônio na Sicília. Esse traço ficou impresso no coração dos Irmãos que ele havia escolhido, e cujas modestas habitações construiu. Cada geração conserva o culto de sua memória; ainda hoje, seu nome é cercado de um respeito hereditário. Os lugares são, muitas vezes, mais fiéis que os homens. Mostram-se em Taormina ciprestes que se diz serem seus contemporâneos. Em Messina admira-se um poço que ele mandou cavar, e um limoeiro que plantara por suas mãos. Os santos são fontes "de água viva em que as almas vêm dessedentar-se.

Entretanto o Capítulo geral da Ordem devia abrir-se em Sta. Maria dos Anjos a 30 de Maio de 1221. Antônio resolveu apresentar-se lá. O desejo de ver B. Francisco e de se juntar a maioria de seus Irmãos que ainda não conhecia fê-lo afrontar as fadigas inseparáveis de uma longa viagem, que o estado de sua saúde fazia ainda mais assustadoras; partiu acompanhado de Fr. Filipino, jovem leigo de Castela que o prezava muito.

O fato mais notável do Capítulo de 1221 é a presença de Antônio. Ele estava em êxtase diante do Santo Patriarca de rosto emagrecido, de olhar meigo e terno, e cuja pobreza sublime era objeto de admiração para Deus, para os anjos e para os homens. Não se cansava de o olhar, ao tempo em que este, sentado no chão, aos pés de seu Vigário, se fazia pequeno como o último dentre os Irmãos. Ficava suspenso de seus lábios, quando falava do reino dos céus, numa linguagem simples e ardente, que só ele possuía. Sentia-se também como que arrebatado, contemplando os discípulos de tal mestre, distribuídos em grupos harmoniosos ao redor de Sta. Maria dos Anjos.

Terminado o Capítulo, distribuíram-se os empregos, assinaram-se as residências, e os Frades foram reenviados para os seus conventos. Mas o ministro geral não se ocupou de Antônio. Como era desconhecido a todos, tomavam-no por um homem de pouco préstimo, em quem se não se supunha a menor aptidão: assim nenhum guardião propôs-se a levá-lo, e só, entre todos os seus irmãos, ficou ele à pura disposição do ministro geral. Apareceu nesse ínterim Fr. Graciano, ministro da província da Emília ou da Romanha. Segundo certos autores, procurava este um sacerdote que pudesse dizer a Missa para alguns Irmãos aplicados à vida contemplativa. Encontrou a Antônio por acaso; e tendo-lhe perguntado se era sacerdote, à sua resposta afirmativa, pediu e obteve a autorização para que ele o seguisse.

CAPÍTULO V

Vida contemplativa - Revelação de seu talento

Havia na Emília unia ermida, chamada o Monte S. Paulo, sita num lugar retirado. Antônio obteve a licença de residir nela com seus irmãos, esperando gozar aí o repouso do espírito e do coração. Tinha vinte e sete anos; estava nesse momento feliz da juventude, em que as faculdades em plena seiva pedem só que se lhes deixe expandirem-se, para exalar seus perfumes e revestir as suas cores- Mas ele não experimentava nenhuma impaciência de exhibir-se. Pode-se dizer que combatia sua inclinação natural: esse triunfo sobre si próprio não foi o menor de seus méritos.

Sentia um atrativo irresistível pelo apostolado. Sua campanha entre os Mouros, longe de o desanimar, ateara-lhe no peito uma paixão mais forte pela glória de Cristo bendito e pela salvação das almas.

O homem de Deus, Antônio, conquanto cheio do precioso dom da ciência, por muito tempo não passou de ser um simples no meio dos simples. A humildade de seu

coração lhe fazia evitar o fausto do orgulho; e sob as aparências de ignorante ocultava a luz da graça divina. Embora devorado pelo zelo da casa de Deus, como se viu acima, todavia, não lhe tendo o céu permitido a realização de seus generosos desejos, ele por si não queria ingerir-se em empresas capazes de lhe proporcionarem alguma glória diante dos homens.

A gruta do Monte S. Paulo foi para Antônio o teatro obscuro e estreito de prodígios que só os anjos poderiam narrar, porque foram suas únicas testemunhas, e dos quais guardou tão somente parcelas escapas à humildade do heróico penitente. Ele tomava um pedaço de pão e um pouco d'água num vaso; e esforçava-se por submeter de todo a carne ao espírito.

Não tinha a expiar pecados da mocidade: a sua tinha-se deslizado longe dos tormentos do mundo. Tinha, porém de prevenir desvios sempre possíveis no homem viador; tinha ainda a reprimir revoltas que a tirania dos sentidos torna quase inevitáveis, e que Deus não poupa nem a seus amigos, porque fez da provação o caminho da glória. Além disto, ele trazia na mente um ideal que não lhe deixava tréguas, e que provocava cada vez mais as ascensões de seu coração generoso. Jesus Cristo aparecia-lhe tal como o Profeta o descreveu, revestido de uma beleza envolta em sangue vertido por amor. Antônio inebriava-se desta visão, e acabava, em si a redenção começada no Calvário, enquanto não soava a hora de aplicá-la às multidões peia palavra e pelos sacramentos. Tão longo tempo quanto a obediência lho permitiu, adotou a vida solitária; nutria o espírito de pensamentos santos; buscava ria meditação a força necessária para resistir às tentações; e abismava-se cada dia mais a dentro nas delícias do amor divino. Assim ficava, só, durante longas horas da noite, sem cansar-se de orar.

Abandonava-se todo à ação da graça, lançando no seio de Deus, como num mar profundo, a âncora de sua inabalável esperança. Não estava, entretanto, ao abrigo da tentação dos demônios, que frequentemente o atacavam a fim de o perturbar e demover do santo exercício da oração. Mas, pelo temor de que o silêncio e as vigílias não aproveitassem logo bastante, dava-lhes por auxiliares jejuns rigorosos e prolongados, que estancavam em sua fonte a vida inferior do organismo, para sobre suas ruínas fazer triunfar a vida do espírito. Sua fronte pálida, os lábios descorados, as faces encovadas, testemunhavam o heroísmo da luta que ele sustentava contra si próprio.

A penitência lhe havia esculpido a carne; através das brechas que nela praticara, percebia-se a alma como que meio desprendida já da argila. As privações que se impunha tinham-no enfraquecido ao ponto de que, segundo o testemunho dos que o

viram com seus olhos, quando ele voltava a juntar-se à comunidade, à hora das refeições, os pés lhe cambaleavam; às vezes precisava arrimar-se no braço de um Irmão, para não cair no caminho. Diante disto, não vos surpreenda que a antiguidade em arroubo o chamasse "lírio em flor e espelho da castidade".

Mas Deus não quis que ele ficasse para sempre oculto; permitiu que o seu mérito luzisse em pleno dia, e que ele fosse apreciado por seus irmãos. Eis em que ocasião.

No ano de 1222, e muito provavelmente no terceiro dia das tēmporas da Quaresma, que nesse ano caía a 19 de Março, a véspera da dominga da Paixão, os Frades do Convento do Monte S. Paulo, tinham ido a Forli, em companhia de vários religiosos de S. Domingos, para lá receberem as ordens sacras. Antônio os acompanhou. Ora, costumava o bispo, antes da ordenação dirigir uma exortação aos jovens clérigos, para lhes fazer compreender a gravidade do passo que iam dar, a sublimidade do estado sacerdotal e os deveres que ele impõe. Nesse dia, o bispo, sem dúvida querendo honrar os filhos de S. Francisco, convidou o guardião do Monte S. Paulo a usar da palavra ante a assembleia. No caso de não o poder fazer ele mesmo, pediu que designasse um de seus Irmãos para desempenhar a tarefa.

O guardião impedido, não se sabe por que causa, dirigiu-se com muita cortesia a diversos dominicanos e pediu-lhes que proferissem o discurso; mas todos se escusaram. Não foi melhor sucedido junto aos seus, aos quais lhe vedava a prudência impor um encargo que era superior as forças da maioria deles. Então o Espírito Santo é que o tirou do embaraço. Acudiu-lhe de súbito uma inspiração; e, voltando-se para Antônio, em quem um momento antes ninguém pensava e ele menos que outro qualquer, mandou em nome da santa obediência que se erguesse e falasse aos ordenados.

Surpreendido por uma ordem tão pouco esperada, Antônio a princípio turbou-se, e tentou escusar-se. Achava-se, no entanto, amoldado ao jugo da disciplina; não havia reassumido a sua vontade desde o dia em que a oferecera em holocausto, ao pé do altar. Sua humildade, porém, espantava-se da honra que lhe faziam. A excessiva desconfiança das próprias forças era a razão última de suas hesitações. Neste combate, em que Deus parecia estar em luta consigo mesmo, porque se mostrava de um e de outro lado, a graça triunfou ainda sobre a natureza; e Antônio, escravo do dever, dirigiu-se para o púlpito, depois de ter recebido a bênção do bispo, rogando interiormente a Deus que suprisse à sua insuficiência. Fazia assim a sua estreia no terrível ministério da pregação.

Tomou por texto de seu discurso estas palavras do Apóstolo: O Cristo fez-se obediente por nós até a morte; elas aplicavam-se exatamente à sua situação pessoal.

Falou como se já houvesse envelhecido no ofício. Animado do temor de Deus, exprimiu-se a princípio com simplicidade; mas, à medida que se adiantava no desenvolvimento do assunto, empregou linguagem tão brilhante, elevou-se a uma altura tal na exposição das doutrinas místicas, que mergulhou todo o seu auditório na admiração, tanto pelo vigor da eloquência que surpreendia, como pelo ardor da caridade que edificava. Confessavam todos em alta voz que ainda se não ouvira discurso igual. No meio do geral entusiasmo, os corações sentiam-se cheios de consolação. A partir desse momento, os Frades cercaram de veneração aquele em quem acabavam de descobrir, como por milagre, a luz da divina sabedoria, que nele se conciliava com uma tão notável humildade.

CAPÍTULO VI

Poder apostólico

Antônio fez como Isaías, a quem fora dito: Grita bem alto, e sem cansar; ressoa tua voz como uma trombeta: anuncia a meu povo os crimes de que ele está coberto. Forte pela autoridade de Deus que lhe havia dado sua missão, deixou as doçuras do deserto, onde tinha só de cultivar a alma, para se tornar o arauto do céu- Não foi jamais negligente na obra santa a que se devotou.

Quando Antônio pregava, não era um homem, sim um anjo descido do céu para converter as almas. Deus havia derramado em sua pessoa uma graça maravilhosa; dera-lhe uma língua cheia de facúndia, uma voz de timbre argentino, que ressoava ao longe com a força de um clarim; o que lhe permitia fazer-se ouvir e compreender por todos os seus ouvintes. Conquanto nascido num país estrangeiro e neste houvesse passado todo o tempo de sua educação, falava o italiano tão corretamente e com tanta elegância como se jamais tivesse pisado fora da Itália.

Não era, o gênio o único elemento de sua eloquência: o traço distintivo dela era o caráter. Antônio aqui aproximava-se dos mais belos tipos da antiguidade judaica e cristã. Era ardente na ação: no trabalhar pela salvação das almas, desenvolvia um vigor indomável. Na pregação, mostrava uma imparcialidade rara. Dirigia-se aos grandes como aos pequenos: traspassava-os a todos indistintamente com as flechas da verdade. Argumentava com os incrédulos; e esmagava-os aos golpes de sua lógica. Exortava os bons; tornava-se com eles terno e suplicante. Admoestava os ímpios; e os fazia corarem

de sua conduta. Assim distribuía as advertências do modo mais conveniente, acomodando seus discursos às circunstâncias e às pessoas, de modo tal que a doutrina da salvação era servida aos auditórios como o pão a mesa de um banquete.

Aquele que tinha ido à África para lá buscar a morte, não temia expor-se a padecê-la, quando preciso. Por nada no mundo, teria ele traído a verdade. Protestava intrepidamente contra a tirania que se fazia pesar sobre o povo; e o olhar irritado dos reis não o intimidava. Não cedia a nenhuma consideração pessoal. A lisonja não o quebrantava; a popularidade não o seduzia; a opinião não o perturbava. Quando os poderosos de sua época estavam em falta, ele dirigia-lhes tão francas admoestações, que célebres pregadores, ouvindo-o, tremiam de tanta coragem e firmeza, chegando a tapar o rosto com as mãos para disfarçar o rubor que a fraqueza de cada um lhes fazia subir às faces. Era um outro Elias inflamado em zelo da glória de Deus. Comunicava à sua palavra o fogo do Espírito Santo de que era consumido interiormente; esse fogo aquecia os tíbios, excitava os que dormiam, reanimava aos que estavam sepultados sob os gelos da morte.

Antônio tinha ainda, em eminente grau, todas as qualidades de um bom diretor. Sua palavra, que pairava contente nas altas investigações do dogma era, sobretudo prática.

Ele só expunha as grandes verdades da salvação para tocar os corações e provocar as lágrimas do arrependimento. Esperava no confessionário aqueles a quem abalara do púlpito; ali banhado em suor, exausto pela fadiga, dava os restos de sua voz e das forças, emendando a noite ao dia, para prolongar o seu sublime labor e corresponder às necessidades das multidões que o cercavam. Desenvolvia neste obscuro ministério virtudes raras, dessas que, não sendo brilhantes, por isso têm maior valor aos olhos de Deus. Possuía a mansidão de um cordeiro; conservava uma calma imperturbável; consumado em prudência, nas questões delicadas mostrava admirável circunspeção; forte e meigo a um tempo, era de caridade amolgável que se punha ao nível de todas as misérias, para aliviá-las todas, mergulhando-as no sangue do Cristo bendito. À custa de tudo isto, acabava com a palavra íntima o bem que havia começado pela palavra pública. Insinuava-se nas almas pelos conselhos, pelas exortações e pelas lágrimas. Este valente explorador avançava sem desfalecimento nas galerias sombrias das consciências, dando seu tempo e seu trabalho a quem o queria, sem acepção de pessoas, e não se poupando em nada para retirar os pecadores do seu triste e perigoso estado. Enquanto viveu, nunca se lhe invocou em vão o socorro; depois da morte, continuou ainda a prestar serviço às almas, como o provam muitos fatos indiscutíveis.

O milagre, que é ordinariamente a manifestação da santidade, acompanhou a de Antônio, e acabou de fazê-la triunfante. Deus, que exalta os humildes a fim de confundir os fortes, costuma conceder este dom a seus servos, para os colocar tão alto na estima dos homens que sua missão se torne indiscutível. É assim que os faz entrar na participação de seus atributos.

Antônio é um dos famosos taumaturgos da história. Desde os tempos apostólicos, é superado só por S. Francisco, que parece ter-lhe transmitido em herança, com suas virtudes, os maravilhosos privilégios de que era dotado. Os anais da Ordem Seráfica estão cheios de fatos que formam uma demonstração opulenta do poder sobrenatural que ele exerceu durante sua vida e após a morte. Sua pregação era acompanhada de fenômenos que faziam reviver as belas cenas da Bíblia, quando, em torno de Jesus, os cegos viam, os surdos ouviam, os paráliticos andavam, e os mortos saíam do sepulcro. O século de Antônio não era como os que o tinham precedido: ele trazia uma renascença católica; e, como o processo divino é sempre o mesmo, compreende-se que os milagres se tenham multiplicado além das leis ordinárias, numa época que certamente não viu nascer um novo Evangelho, mas assistiu a uma evolução nova no Evangelho propagado.

A sua estreia de missionário Antônio fez nas principais cidades da Lombárdia e da Romanha. Faltam os pormenores sobre esta parte de sua vida apostólica, que aliás, foi curta, pois em 1222 é que começou a pregar o Evangelho, e rio ano seguinte (1223) já o encontramos empregado noutra função. Sabe-se, todavia que agitou profundamente essas províncias, e aí recolheu abundantes frutos de salvação,

Desde logo o seu futuro começou a desenhar-se. As multidões eletrizadas por sua eloquência, deram-lhe o cognome de tuba evangélica. Esta gloriosa denominação ficou: as gerações cristãs repetem-na ainda com amor. Seguindo os passos do apóstolo e assistindo às obras maravilhosas que ele consumará, ser-nos-á fácil ver que está justificada. Ó Antônio, os espinhos vos rasgam os pés, e cobre-os a poeira do caminho! No entanto, como são belos, quando galgais as colinas dos dois flancos do Apenino, anunciando a paz e dando-a àqueles que a querem! Grato nos é ouvir-vos a pregar a lei santa, na montanha de Sião, com o talento que o pai de família vos confiou. Nós vos seguiremos na jornada que fazeis a preparar a salvação de Israel, clamando: Eis aqui o reino do Cristo bendito.

CAPÍTULO VII

Carta de S. Francisco — Antônio lente de teologia

Antônio acabava de fazer o ensaio de suas forças no ministério da palavra, e de gozar as primeiras alegrias da dedicação, quando recebeu de S. Francisco a ordem de aplicar-se ao ensino da Teologia. Eis a carta:

"A meu caríssimo Irmão Antônio, eu, Irmão Francisco, saúdo em Jesus Cristo.

Acho bom, que ensines a santa teologia aos nossos Irmãos; mas de forma que, nem em ti nem neles (o que muito ardentemente desejo), se venha a extinguir o espírito de oração, conforme a regra que professamos. Adeus."

Esta carta fundou a primeira escola da Ordem dos Menores, e deu-lhe seu primeiro mestre.

Antônio feito professor, conformou-se religiosamente às instruções contidas na carta de S. Francisco. Aplicou-se ao estudo, tomando precauções para não extinguir em sua alma o espírito de oração. Aí está efetivamente o perigo do estudo, e poucos homens lhe escapam de todo. Dir-se-ia que, uma faculdade só se pode exercer em detrimento de outra, e que o coração perde tudo quanto ganha a cabeça. Antônio preveniu essa ruptura de equilíbrio, alimentando há um tempo os focos todos de sua vida interior: realizou ele assim o pensamento de seu Patriarca. Deu à ciência o cunho místico que ele deveria conservar sempre em sua Ordem, e de que S. Boaventura se tornou o ideal.

Sua missão foi a princípio bastante modesta. Era encarregado de ensinar os elementos da teologia aos jovens religiosos do convento de Bolonha.

Mas o rumor de seu mérito espalhou-se logo na cidade; e a estreiteza do claustro não pôde impedir o concurso dos alunos da Universidade. Nesse tempo, havia na cristandade, e particularmente na Itália, um movimento intelectual muito considerável. O espírito humano, que durante séculos havia dormitado, já despertava e parecia querer reparar por um novo ardor a vergonhosa indolência em que se estagnara por demais. As Universidades organizavam-se em toda parte, animadas pelos papas, pelos reis e pela opinião pública, sem a qual nada se faz. Depois da Universidade de Paris, então sem rival, e que via afluir em torno de seus mestres, justamente afamados, a mocidade da Europa inteira, a Universidade de Bolonha ocupava lugar muito distinto.

Os santos têm um modo de ensinar que lhes é próprio. O que os homens vulgares pedem à investigação, os santos vão haurir na oração. Eles entram na luz do céu

entreaberto pelo amor; e, quando tiraram a cabeça do seio de Deus em que a têm mergulhada, trazem-na com um nimbo cujas cintilações esclarecem as mais densas trevas.

CAPÍTULO VIII

Antônio na França — Martelo aos hereges

Antônio, a despeito da nova tarefa, não abandonou o ministério da pregação. A carreira do ensino, que ainda apenas se abria diante dele, ia fechar-se logo pouco depois; ela foi em sua vida só um curto parêntesis. Sua verdadeira vocação, era o apostolado; salvo porém que, exigindo-o as circunstâncias, ele era de estatura para meter ombros a qualquer empresa.

Em 1224, pregou a quaresma em Vercelli. Esta missão lhe fora oferecida pelo bispo Hugo, que governava a diocese; desempenhou-a com zelo costumado, e os resultados excederam a expectativa. Segundo o testemunho dos historiadores, a igreja de Sto. Eusébio, cujas proporções eram consideráveis, não estava um instante vazia : noite e dia o povo se aglomerava, impaciente de ouvir a palavra, do homem apostólico que a Providência lhe tinha enviado. Um acontecimento extraordinário veio ainda aumentar o movimento de conversão que a graça havia produzido. Uma manhã, quando o infatigável missionário pregava diante de numerosa assistência, ouviram-se soluços e gritos dilacerantes que partiam de uma das capelas laterais da basílica: celebravam-se os funerais de um jovem que a morte roubara à ternura da família. Os parentes e os amigos, presos de viva dor, banhavam de lágrimas o esquife, lamentando a perda sofrida. A cena comoveu os presentes, e logo ressoaram na igreja exclamações tristes e gemidos que saíam de todos os peitos, Antônio participou da comoção geral, e interrompeu o seu discurso. Levantou os olhos para o céu, e pareceu como que absorto era ardente oração. Quando retomou a palavra, foi para se dirigir ao morto, que ia se enterrar: ordenou-lhe em nome de Jesus Cristo, que tinha ressuscitado o filho da viúva de Naim, voltasse à vida e saísse do seu esquife. À voz do apóstolo, que já não estava só na estreia do ofício de taumaturgo, o moço ergueu-se, e caminhou radiante de saúde, à frente de sua família, transportada de assombro e de felicidade. O efeito deste prodígio foi imenso: renderam-se logo a Deus solenes ações de graças. Porém o lucro mais nítido foi para a empresa evangélica de Antônio, o qual, desde esse momento, a custo pôde bastar para a tarefa; tão copiosa se tornou a messe.

Depois do primeiro Capítulo geral da Ordem, em 1216, S. Francisco havia estabelecido a missão de França.

Em 1224, o seu fundador sempre inspirado por Deus, se decidiu a lá enviar Antônio "a pérola de sua Ordem."

A escolha de um tal obreiro explica-se pelo deplorável estado a que se achavam reduzidas as províncias meridionais desse país. Meu assunto leva-me a traçar disto um rápido esboço.

Desde cem anos, a heresia parecia ter-se naturalizado na região que se estende dos Alpes ao Garona e dos Pireneus às montanhas do Auvergne. Quando ela algures sucumbia, era para em breve renascer sob outra forma, conservando a mesma índole. Na primeira metade do século doze, Pedro de Bruys, e seu discípulo Henrique, ambos monges desfradados, agitaram o Delfinado e o Languedoc. Eugênio III enviou S. Bernardo para combater estes inimigos da fé e da paz pública. O abade de Clairvaux descarregou sobre eles rijos golpes a que não haviam de sobreviver. Os Valdenses tomavam-lhes o lugar. Herdaram estes algumas de suas ideias, e sobretudo o seu fanatismo, continuando, ainda em maior escala, as devastações que eles tinham começado. Foram, porém atacados com vigor; e, quando, esmagados pelo número, se recolheram às montanhas das Cévennes e do Piemonte, os Albigenses ocuparam o primeiro plano da cena.

Os Albigenses eram a expressão mais completa dos erros que as seitas precedentes carream como um limo impuro. A maneira de todas as escolas pagãs ou anticristãs, eles tinham duas doutrinas: uma doutrina metafísica, professada em segredo por um número pequeno de iniciados; e uma doutrina popular, destinada aos simples e aos ignorantes. Sua metafísica não era outra coisa mais do que o maniqueísmo, velha heresia que havia atravessado os séculos no estado de sociedade secreta, para ela o único meio de escapar às vinditas da opinião humana; e que aparecia aqui e ali a grandes intervalos como esses monstros que seguem no fundo do Oceano caminhos ignorados, e que às vezes levantam a sua cabeça secular acima das ondas. A doutrina popular consistia em recusar o batismo às crianças antes da idade da razão; em não permitir nem altares nem igrejas; em proibir adorar-se a cruz, e obrigar a calcá-la aos pés; em negar a presença real, e proibir a celebração da missa; enfim, em rejeitar as orações e as boas obras pelos mortos.

A moral dos Albigenses era conforme o seu símbolo. Partindo da ideia de que o mal é eterno como Deus e, por conseguinte, Deus como ele, acabavam logicamente pelo fatalismo que destrói a responsabilidade da consciência, negando sua Liberdade, e autoriza todas as desordens. Daí um sensualismo desenfreado, pior que o de Maomé,

professado no Alcorão, e que os fiéis deste fazem entrar em seus costumes. Atacando o matrimônio, que chamavam coito impudico, tomavam ares de apóstolos da castidade; ao passo que sobre os destroços da instituição conjugal estabeleciam uma vergonhosa libertinagem, nos mistérios de seus conciliábulos.

Os Albigenses, porém, eram mais do que uma escola, constituíam uma sociedade que, ficando meio subterrânea para ocultar sua fealdade, tinha feito irrupção no mundo exterior e tomara lugar ao sol da Europa cristã, a despeito da Igreja e das leis do Estado. Não contentes de vulgarizar seus dogmas, eles os praticavam, atacando a ferro e fogo populações pacíficas, que entendiam governar o que era seu e manter a posse de sua fé e dos direitos políticos e civis que dela decorriam nessa época.

A idade média, que não poupava o erro puro, não devia perdoar ao erro armado e fraticida. Por conseguinte, os papas e os reis ligaram-se contra os Albigenses, como se haviam ligado contra os Sarracenos. Alexandre III excomungou-os no terceiro Concílio de Latrão, no ano de 1179. Inocêncio III organizou contra eles a primeira cruzada-

Agora, qual a parte dos Frades Pregadores e dos Frades Menores nestas duas expedições, cujo caráter era uma vez político e religioso? Durante a primeira expedição, a parte principal pertence incontestavelmente aos Frades Pregadores. Eles nasceram no campo de batalha, e expressamente para marchar contra os novos Maniqueus com o gládio da palavra. Enquanto S. Francisco se recolhia com seus filhos sob cabanas de folhas, armadas no fundo do vale de Assis, S. Domingos tirava de seu coração uma nova milícia que ia acampar ativa junto aos muros de Tolosa.

Estava, pois o nosso herói tão bem armado de textos decisivos tomados à Santa Escritura, suas provas eram tão sólidas e evidentes, que os míseros adeptos do erro não ousavam aparecer em sua presença nem abrir a boca para lhe responder. Podiam ser-lhe aplicadas, em toda a verdade, as palavras de Jesus Cristo a seus discípulos: *Dar-vos-ei lábios eloquentes e uma sabedoria, a que os vossos inimigos não poderão resistir e que eles se guardarão de contradizer.* Primava na arte de descobrir as fraudes e os artifícios dos hereges; sabia estorvar os seus projetos; desmascarava suas doutrinas abomináveis e imprimia-lhes o estigma de sua palavra. Como ele mesmo confessava-o de público, não era fácil achar em parte nenhuma quem perseguisse os hereges com tanto ardor e constância.

Vieram por isso todos a chamá-lo o indefesso *Martelo dos hereges*. Os trabalhos deste homem apostólico não ficaram sem fruto. A maior parte dos hereges e os que os

favoreciam, voltavam para a verdade, e submetiam-se à autoridade da Santa Madre Igreja.

Em Montpellier como em Bolonha, Antônio soube conciliar os deveres do mestre com os trabalhos do apóstolo. Pregava frequentemente, fazendo-se tudo para todos segundo o conselho de S. Paulo, a fim de a todos ganhar para Jesus Cristo. Sábio com os Maniqueus, simples com o pobre povo, correspondia a todas as necessidades da situação. Nesse tempo, ocorreu um acontecimento que faz z sua santidade resplandecer aos olhos até dos mais prevenidos. Estando ele no púlpito, num dia de grande festa, em presença de todo o clero da cidade, e no meio de enorme concurso de povo; ao começar o sermão, lembrou-se de que tinha a desempenhar em seu convento um ofício, para o qual, por descuido, não buscara quem o substituísse. Era regra que nas principais solenidades dois Frades, dos mais considerados na comunidade, cantassem no coro durante a missa conventual. Naquele dia o servo de Deus era um dos designados para essa tarefa. A lembrança causou-lhe viva contrariedade. Viram-no então inclinar-se no púlpito, como cedendo ao sono, a cabeça envolta no capuz. Mas oh prodígio! No mesmo instante, o homem de Deus apareceu na igreja dos Frades Menores, onde cantou a antífona, enquanto o imenso auditório da catedral o contemplava imóvel e silencioso na tribuna. Este espetáculo durou uma boa hora. Porém o milagre foi logo descoberto.

Em Tolosa Antônio operou o famoso milagre, conhecido sob o nome de milagre da mula. Não seja esquecido que entre os erros professados pelos Albigenses estava a negação da presença real de Jesus Cristo no Sacramento do altar. Ora, um dia Antônio sustentou sobre este artigo da fé católica uma longa discussão com certo herege obstinado e influente na cidade. Apertado pelas razões sólidas e luminosas do apóstolo, o herege parecia abalado, e propenso a render preito à verdade; mas parou a meio em tão bom caminho. Como os judeus, esses eternos modelos da cegueira intelectual, pediu ele sinais prodigiosos: — "Prova-me, disse, por um milagre público, que Jesus Cristo está realmente presente na Eucaristia, como vos esforçastes por estabelecer com os vossos silogismos. Eu vos juro que renunciarei logo a minhas doutrinas, para me submeter humildemente às que pregais." — O desafio era solene: outro qualquer teria hesitado em anuir. Antônio, sempre inspirado pelo Espírito Santa, respondeu tranquilamente que o aceitava. — "Eu possuo uma mula; por três dias deixá-la-ei presa na estrebaria, sem lhe dar nenhum alimento. Decorrido esse tempo, levá-la-ei para a praça diante de todo o povo reunido, e lhe oferecerei de comer. Por vosso lado, vós trareis a hóstia consagrada e apresentá-la-eis à minha mula. Se, a despeito da fome de que estará devorada, ela se desviar do feno e da aveia que eu lhe oferecerei, para se ir prostrar a dois joelhos ante o vosso Sacramento, eu ficarei convencido, e declarar-me-ei

católico." — Antônio deu seu consento à proposta e retirou-se. Foi preparar-se pela oração para vingar a Jesus Cristo dos ultrajes que lhe infligia a impiedade maniqueia. Reconhecendo-se indigno de ser o instrumento da graça que esperava, pedia a Deus que arrancasse da escravidão do erro tantas almas simples e retas que a torrente da opinião triunfante arrastava para longe de sua Igreja. Chegado o dia da prova imposta, o herege caminhou para a praça, acompanhado de imensa multidão de adeptos, que supunham ir gozar a humilhação do apóstolo franciscano: conduzia a mula peia brida, e levava consigo o alimento que sabia ser o de que ela mais gostava. Entretanto Antônio celebrava a missa numa capela vizinha, com um fervor maior que de ordinário. Quando acabou, recomendou-se aos anjos do santuário; e calmo, não obstante a emoção que o agitava no íntimo, dirigiu-se para o teatro em que o poder do céu ia manifestar-se. Tinha nas mãos o ostensório do ouro, no meio do qual repousava o Cordeiro que apaga os pecados do mundo. Sua cabeça inclinada, os olhos velados pela modéstia, a fronte resplandecente de uma luz sobrenatural, o andar que lhe traía a santidade: tudo isso era já um espetáculo imponente. Caminhavam atrás dele numerosos fiéis, que recitavam hinos, e estavam impacientes por saber o que sucederia. Chegando à presença de seus adversários, Antônio parou; recolheu-se um instante; em seguida, impôs silêncio à multidão, e, voltando-se para a mula, assim lhe falou: "Em nome de teu Criador, que eu trago realmente nas mãos, apesar de minha indignidade; eu te digo, ó animal privado de razão, e te ordeno que venhas imediatamente com humildade prestar-lhe a reverência que lhe deves, a fim de que diante deste sinal os pervertidos hereges reconheçam que toda criatura se deve submeter a seu Criador, que o sacerdócio toca todos os dias no altar." No mesmo instante o dono da mula deu-lhe de comer. Mas — oh prodígio! — O animal que a três dias era guardado à vista e mantido em jejum rigoroso, afastou-se do alimento que se lhe apresentava; e, dócil à voz do taumaturgo, prostrou-se no solo com os dois joelhos e ficou imóvel nessa posição. O povo que apenas respirava, não pôde conter o seu entusiasmo: aclamações e gritos de alegria romperam de todos os peitos. Os hereges eram batidos no próprio terreno em que se haviam colocado. Eles sumiram-se logo caíadinhos, indo sepultar longe no silêncio a sua derrota e o seu partidarismo opiniático.

Entretanto o servo de Deus não havia perdido o seu tempo. O herege que provocara o milagre, lança-se-lhe aos pés, e adorou em alta voz o augusto Mistério, que momentos antes chamava superstição.

Não se limitou a isto a vitória. O convertido por sua vez feito apóstolo, reconduziu à verdade toda a sua família. Fez construir à própria custa uma igreja que dedicou a S. Pedro, sem dúvida para honrar nele a prerrogativa da fé ortodoxa. Seus

descendentes foram além no seu reconhecimento; e, para perpetuarem a lembrança do milagre, edificaram uma capela no próprio lugar em que este se havia operado, com uma inscrição em versos destinada a rememorá-lo para sempre.

CAPÍTULO IX

Antônio guardião em Puy - Novos milagres

No mês de setembro do ano 1225, Antônio deixava Tolosa, dirigindo-se para o convento de Puy em Velay, do qual fora nomeado guardião.

Era chamado pela primeira vez a governar uma casa da Ordem. Ainda aqui ele foi o homem da Providência, porque vinha curar grandes males: trazia à sua nova missão qualidades soberanas. No meio dos magníficos progressos da Ordem dos Frades Menores, não deixava de haver lugar para as misérias humanas. Estas desordens ofereceram a S. Francisco o ensejo de expor o que ele queria dos ministros provinciais, e de todos os que os auxiliassem no cargo: "Eu quisera, meus irmãos, que os ministros provinciais fossem afáveis para com os seus inferiores, e lhes testemunhassem tanta benevolência que até os culpados não temessem confiar-lhes suas faltas. Quisera que fossem moderados no mando, e misericordiosos ante as fraquezas da natureza; que suportassem com paciência os maus religiosos, antes do que os ofendessem com suas repreensões; que fossem os inimigos do pecado, mas os médicos dos pecadores: quisera, em suma, que a vida deles fosse para os outros um perfeito espetáculo de fidelidade à Regra".

Nesta situação, Antônio representou um papel de reformador; esse papel, o agiógrafo Surius e o Escritor Anônimo o indicam em poucas linhas, as quais todavia bastam para nos fazer compreender-lhe o alcance. "O Bem-aventurado ilustrou muitos conventos notáveis da Ordem, com as suas lições, com as suas disputas teológicas e com as suas exortações. Nisto o animavam o zelo da fé cristã e o amor das almas que ardentemente desejava levar à lei do Cristo. Queria ao mesmo tempo confirmai-os irmãos no espírito de sua vocação; e esforçava-se para reformar seu Instituto que então havia baixado em crédito, pelo mau governo de certos superiores." No dizer de Surius, Antônio no convento de Puy realizou o tipo do guardião segundo o coração de S. Francisco. Em sua administração distinguiu-se "por uma grande brandura", que se estendia a todos os irmãos indistintamente, e lhe granjeou a confiança geral. Nem menor prudência foi a que desenvolveu nesse posto. Ele mantinha um justo meio entre a

severidade rígida e a frouxa complacência. Inimigo do relaxamento, defendia a Regra com vigor contra os tíbios, sempre numerosos, e contra os dogmatizadores desvanecidos da própria sabedoria. Sabia corrigir e curar. Não cessava de exortar seus irmãos ao amor da disciplina e à prática das virtudes evangélicas. Mas o seu principal instrumento de êxito foi o exemplo que soube dar sempre a seus inferiores. Deus abençoou a rude empresa do santo homem; ele viu a piedade reflorescer em sua comunidade, e a vida simples e mortificada receber novamente preitos e honras como nos dias antigos.

Entre os fatos mais célebres que assinalaram o apostolado de Antônio no Velay, cita-se a mudança miraculosa que se operou em pessoa muito considerada, e com a qual se revelou o espírito profético de que Deus favorecia o seu servo.

Havia no Puy um notário que levava uma vida desregrada, com escândalo de toda a cidade. Ora, cada vez que ele passava diante de Antônio, este descobria-se respeitosa e ajoelhava-se-lhes aos pés. O notário tomou esse proceder como de mofa: irritava-se dentro de si pelos supostos ultrajes, e evitava cuidadosamente aquele que lhos prodigalizava. Apesar de suas precauções, permitiu Deus que ele se achasse ainda uma vez em face de seu pretendido insultador, que, apercebendo-o, se prostrou conforme o costume. O notário, obedecendo sempre à sua ideia fixa, entregou-se a um acesso de cólera; e, dirigindo-se a Antônio, lhe disse: Que me quereis? E que significa o ridículo cerimonial que seguis para comigo? Se eu não temesse os juízos de Deus, agora mesmo vos traspassaria com a minha espada. — Antônio respondeu-lhe com tranquilidade: Toda a minha vida tenho desejado morrer mártir por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo. Estes meus votos não têm sido atendidos; mas foi-me revelado que renderíeis testemunho à nossa santa religião e com o vosso próprio sangue selaríeis os seus ensinamentos. Quando, pois for chegada a hora de vossa morte, rogo-vos que vos lembreis de quem hoje vo-la anuncia. — Ouvindo estas palavras, o notário desatou a rir com todas as mostras de o não crer, e prosseguiu seu caminho. Entretanto, pouco tempo depois, o bispo do Puy resolveu embarcar para Jerusalém, a fim de visitar os Santos Lugares e pregar a fé aos Sarracenos. O notário, tendo conhecimento dessa determinação do bispo, sentiu-se de repente mudado num homem novo; e, depois de ter vendido todos os bens e haver distribuído aos pobres a soma apurada, seguiu seu pastor. Era o tempo em que os cristãos faziam longínquas peregrinações, para expiar seus pecados, tanto como para satisfazer a devoção para com o sepulcro de Jesus Cristo. Chegado ao Oriente, o notário mostrou-se inflamado de um zelo todo apostólico, não temendo pregar publicamente que Jesus Cristo era o verdadeiro Deus e que Maomé não passava de um impostor e um filho de Satan. Diante de tais provocações, os infieis exasperados agarraram-no, e durante três dias lhe fizeram sofrer as mais cruéis torturas.

Ao expirar, ele recordou-se do apóstolo franciscano, e declarou a seus algozes que este lhe havia predito o seu fim desde muitos anos antes.

Outro dia, uma dama de qualidade, estando prestes a ser mãe, veio encomendar-se às orações de Antônio, que prometeu lembrar-se dela no santo sacrifício. A dama apresentou-se de novo pouco depois, e retirou o pedido. Então o homem de Deus voltou-se para ela, e disse-lhe: Tende boa esperança, e alegrai-vos; porque o Senhor vos dará um filho que será grande em sua Igreja; ele há de ser Frade Menor, e morrerá mártir. Antes, porém, proporcionará a mesma glória a muitos outros, exortando-os por suas palavras a ficarem firmes na fé cristã. De fato, a dama deu à luz um filho, que se chamou Filipe: sua história cabe muito naturalmente na de Antônio, pelo brilho que sobre este projeta.

Filipe entrou na Ordem dos Frades Menores; e, depois de ter feito rápidos progressos na perfeição, sentiu-se inspirado por Deus e atravessou o mar para ir trabalhar na conversão dos infiéis. Tendo sido, por traição, entregue aos Sarracenos o campo entrincheirado que os cruzados ocupavam do lado de Azot na Palestina, todos os cristãos, em número de perto de dois mil caíram em poder dos bárbaros e foram condenados à morte.

O Irmão Filipe, que estava entre os prisioneiros, obteve ser decapitado por último, a fim de confortar os companheiros e mantê-los todos fiéis a Jesus Cristo. Animados por suas palavras, eles foram interrogados para dizerem, se queriam, renegar a fé e assim escapar à morte, ou se preferiam conservar a sua religião, mesmo sofrendo o suplício. Responderam unanimemente querer seguir o caminho que o Irmão Filipe lhes mostrava. Então este felicitou-os, e dirigiu-lhes uma exortação enérgica, muito própria para lhes dar a coragem. Falou assim: Irmãos muito amados, ficai firmes na fé; porque esta noite o Senhor me revelou que eu, sofrendo o martírio, entrarei na glória do Paraíso, à frente ás mil triunfadores. Continuou a animá-los por este modo; ouviu-lhes a confissão; após o que, todos eles declararam estar decididos a sofrer a morte pela fé de Jesus Cristo. O Sultão, irritado, mandou logo que se lhe cortassem todas as falanges dos dedos. Como não cedesse, foi esfolado vivo até o meio do corpo. Ainda assim, não se calou: cortaram-lhe então a língua. Mas, como o inflamava um zelo extraordinário, nem isto mesmo o impediu de se exprimir de modo animador, até que a espada do algoz consumou a sua obra. Após todos os outros, Filipe se apresentou: com muita devoção ergueu o capuz, e sua cabeça rolou por terra- Foi assim que ele conquistou a palma do martírio. O Autor desta narração acrescenta: É isto a prova da divina claridade que

iluminava o bem-aventurado Antônio, pois que o acontecimento verificou tão exatamente a sua profecia.

O Espírito Santo, que impele as grandes naturezas para o deserto, havia reservado a Antônio um lugar de delícias num canto de terra que não tinha nome na língua dos homens, porém sobre o qual ia o Céu pôr as suas complacências e derramar favores. Quando um piedoso habitante de Brive acabou de construir um convento em proporções modestas, conforme convinha aos filhos do Pobre de Assis, Antônio veio habitá-lo por alguns meses e nele ergueu o edifício espiritual, construindo-o com pedras vivas e talhadas pelo modelo de Jesus Cristo. O santo franciscano era um desses poderosos semeadores que trazem as mãos cheias de gérmenes, e que passam enriquecendo os sulcos do campo humano. Não contente de espalhar ideias, deixava após si instituições. Este convento de Frades Menores que ele organizou no interior do Limousin, foi uma fonte de vida para toda a região.

O homem da Deus quis a sua parte no benefício que aos outros proporcionava. "Construiu para si, diz Wadding, uma cela numa gruta afastada do convento; cavou na rocha viva um pequeno reservatório para receber as águas que corriam ao longo da parede que formava um dos lados da gruta. Aí, condenou-se a pesadas austeridades; seguia a vida eremítica, e experimentava as delícias da contemplação. Ele se afundava no êxtase do santo amor. As noites eram muito curtas para o que seria seu gosto; o levantar do sol parecia importuná-lo, como se os seus raios lhe roubassem os raios do Sol de justiça. Assim é que o convento de Brive foi para ele unia estação no rude' caminho do apostolado. Depois de haver refrigerado a alma e retemperado as forças, tomou de novo o bastão de peregrino para correr em busca das ovelhas desgarradas do rebanho do Cristo bendito. O tempo levou consigo a obra de Antônio. Do convento dos Frades Menores, resta só o sítio desolado- As velhas heras que lhe cingem as ruínas são pela Providência encarregadas de o indicar ao viajante. Todavia, o tempo não destruiu tudo. A gruta sagrada lá está sempre. Ela repete os gemidos do apóstolo franciscano. A fonte ainda cone, como para lembrar as lágrimas e as preces cru e ele aí derramou. E se a natureza ficou fiel à sua memória, também os homens não a esqueceram inteiramente. Ainda agora esses lugares têm o nome de Santo Antônio.

À medida que se avança no percurso de sua vida, os anais estão como que ajoujados sob o peso dos fenômenos sobrenaturais que ele realiza por todos os lados: no meio de tal abundância, é forçoso fazer uma escolha.

Certo dia de grande festa, o Santo homem pregava. Uma dama de origem nobre o ouvia, parecendo beber-lhe as palavras. Vendo isto, o impuro Satanás quis roubar-lhe o fruto da excelente instrução. Para isso transformou-se em correio; e, dirigindo-se à dama com algumas cartas na mão, anunciou-lhe que um filho seu, depois de ter sido feito prisioneiro de guerra, fora morto pelo inimigo. Mas o homem de Deus por uma revelação conheceu os artifícios do espírito maligno; e, conquanto não houvesse percebido o fantasma que se introduzira no auditório, voltou-se do alto do púlpito para a aflita mãe, e em presença de toda a assembleia lhe disse: "Nada temais irmã; vosso filho ainda vive, e está de boa saúde: este correio, é o demônio". A estas palavras, o pretendido correio desfez-se como o fumo.

Os mais cruéis males eram também, como os demônios, incapazes de resistir ao poder de Antônio. Um dia, estando ele ocupado em instruir ao povo, um louco que se achava entre o auditório levantou-se e perturbou a todos. O homem de Deus com brandura pediu-lhe se calasse: o louco respondeu-lhe que só obedeceria, se lhe desse ele o seu cordão. Antônio desatou logo o cordão que trazia aos rins, e lho entregou, O pobre louco pegou-o pressuroso, pôs-se a apertá-lo ao peito e a cobri-lo de beijos; e nisto recobrou subitamente o uso da razão. Prostrou-se então aos pés do homem de Deus no meio da admiração geral, rendendo graças pela cura miraculosa que obtivera, e convidando a assembleia a glorificar o Senhor, que se servia de seu apóstolo para tão grandes coisas.

Nesse país havia uma mulher que desejava ardentemente seguir o homem de Deus, quando ele saía da cidade para ir pregar na vizinhança. Mas o marido, que não tinha boas disposições, opôs-se a isto. A proibição molestou-a muito; e, para se consolar de não poder assistir à pregação, ela subiu ao terraço da casa e aí ficou de olhos voltados para o lugar em que se deveria realizar o sermão, como se isto de algum modo a satisfizesse. Sucedeu então um fato maravilhoso. Conquanto fosse à distância de duas milhas o teatro da pregação, ouviu muito distintamente a voz de Antônio. Tão suaves eram os seus acentos, e escutando-os gozava tão celestial deleite, que ficou por longo tempo nesse posto. O marido impacientou-se e dirigiu-lhe duras repreensões; porém ela, sem se perturbar, respondeu que estava escutando o sermão do Padre Antônio. A estas palavras, o marido rompeu a rir, dizendo que sua mulher estava louca. Ela, porém sustentou o seu dito, e afirmou que ouvia realmente a voz do homem de Deus. Querendo convencer-se, o homem subiu e pôs-se à janela. Os merecimentos de sua fiel companheira lhe alcançaram que ouvisse muito distintamente o pregador. A partir desse dia, os dois esposos foram vistos a assistir a todos os sermões do Padre Antônio.

Pouco tempo depois deixou o Velay. Pelo fim do ano 1225, foi enviado a Bourges, onde a heresia maniqueia havia ganho muito terreno. Combateu-a de frente, com o seu zelo ordinário, e logrando vantagens de que os anais do tempo fazem menção. No dia de Sto. André, celebrou-se naquela cidade um concílio que várias circunstâncias tornaram célebre, e no qual Antônio representou um papel que merece ser relatado. O concílio foi presidido pelo Cardeal de Santo Angelo, legado do Papa. Convocaram para ele o rei de França, os bispos, abades e capítulos de todo o reino. Contaram-se aí seis arcebispos, e os bispos sufragâneos de nove províncias, em número de cerca de cem; com estes os abades, os priores e os deputados dos capítulos prontos a ouvir as ordens da Santa Sé. Raimundo, conde de Tolosa, e Amaury de Montfort apresentaram-se, a fim de obter dos prelados um julgamento que pusesse fim ao seu litígio. Apesar da alta categoria das personagens que compunham o concílio, e da gravidade dos interesses que aí se agitaram, Antônio salientou-se mais do que todos, pela coragem apostólica que mostrou na emergência, e pelo maravilhoso efeito que produziu.

Nesse tempo a diocese de Bourges era governada por um arcebispo que se chamava Simão de Souliac. Este prelado assemelhava-se a muitos outros que, longe de servir a Igreja na posição em que ela se encontrava, enfraqueciam a defesa, expondo-se ao desprezo dos hereges.

Simão de Souliac havia ficado mundano em plena reforma. Antônio chegava a Bourges, quando o concílio se abriu; não conhecia o prelado; o rumor da opinião ainda não lhe tinha trazido aos ouvidos os escândalos dessa vida. Mas por uma divina revelação soube que ele faltava às obrigações do seu cargo, que vacilava na fé e começava a deixar-se ganhar pelos inovadores. Sentiu-se inflamado de santo zelo pela glória de Deus e honra de sua Igreja: a ocasião de manifestá-lo ofereceu-se-lhe, ao receber a missão de proferir o discurso da abertura do concílio.

Antônio era uma alma forte e magnânima, sobre a qual não tinha poderio o respeito humano. Abandonou-se ao movimento de seu zelo, e, voltando-se para o arcebispo, entrou a atacar logo certos vícios do prelado que lhe nodoavam a vida. Foi tão ardente em suas invectivas, citou passos da Escritura tão claros e tão demonstrativos, que o prelado sentiu a compunção despertar-se-lhe n'alma. Verteu copiosas lágrimas; e deu mostras de uma piedade a que se não estava mais acostumado desde muito. Acabado o concílio, chamou Antônio à parte, e descobriu-lhe corri grande humildade as chagas de sua consciência. Desde então foi mais fiel a Deus, e mais

dedicado aos Frades Menores: deu-se aos exercícios espirituais com uma regularidade singular.

A bela conduta de Antônio no concílio aumentou-lhe singularmente a reputação e a influência. Em breve o concurso do povo em torno de seu púlpito foi tão considerável, que não houve na cidade uma igreja, ou sequer uma praça, capaz de conter os auditórios. Foi preciso pensar em transferir a pregação para o campo, ao ar livre. Um dia, pois, o bispo e o cabido organizaram uma procissão imensa que se dirigiu para um terreno cercado, vizinho da cidade. Era durante o verão, e o tempo estava magnífico. Antônio subiu a um cômodo elevado, para se fazer ouvir melhor. Ora, enquanto ele pregava com extraordinária eloquência, e, mais doces que o mel, suas palavras excitavam viva atenção do povo como que suspenso de seus lábios, o céu carregou-se de nuvens, donde rompiam sinistros relâmpagos; rebombou o trovão, e começou a cair uma chuva copiosa. Assustado pela tempestade, o povo logo agitou-se; e, cedendo ao medo, ia retirar-se. Mas o homem de Deus tranquilizou seus ouvintes com voz carinhosa, e lhes disse : Não vos movais, nem vos inspire a chuva nenhum receio. Eu espero nAquele que nunca falta a quem nele depõe a sua confiança: prometo-vos que nenhuma gota d'agua cairá sobre vós.

O povo aquiesceu às palavras do homem de Deus, e não foi iludido em sua expectativa. Aquele que encadeia as águas nas nuvens, suspendeu a chuva acima da cabeça de toda aquela gente; e, ao passo que por toda a parte em redor o temporal formara verdadeiras torrentes, nem um pingo de água caiu sobre a multidão que recolhia com avidez os preceitos da lei santa. No fim do sermão, o povo, admirado de ver a terra inundada, porém seco o lugar que ele ocupava, glorificou a Deus cujo poder se manifestava pela virtude de seu servo.

Havia na mesma cidade um homem dotado de inteligência não comum, e que exercia sobre os espíritos grande ação: chamava-se Guialdo. Este homem não era um sectário banal, colhido nas redes do erro, e que cegamente seguisse o impulso que lhe dessem. É qualificado de heresiarca pelos historiadores do tempo. Era ele que dirigia os Maniqueus da região, e que enfrentava tanto os anátemas da Igreja como os assaltos dos príncipes cristãos. Sua conquista seria de um grande valor: a causa da fé podia tirar dela muito proveito. Guialdo, tendo ouvido falar das maravilhas que realizava o apóstolo franciscano, quis vê-lo de mais perto; fosse que o dedo de Deus já lhe mostrasse o caminho da verdade, fosse que ele pensasse tão somente em satisfazer a sua curiosidade. Chegando à presença do Santo, travou imediatamente a discussão. Suas dúvidas versavam sobre diversos pontos essenciais do Símbolo; mas a Eucaristia era o dogma

que ele repelia mais energicamente. Vindo a vez de Antônio falar, entrou este, sem prévio preparo, numa exposição da doutrina católica. A exatidão, a clareza, a força e a sanção, que eram suas qualidades capitais, nunca talvez tinham brilhado nele em grau igual. Seu zelo era provocado pelo poder social do adversário, e pela gravidade dos interesses em jogo. Não era fácil responder a suas razões. Mas o orgulho humano, ainda quando se lhe esgotem os recursos da lógica, nem sempre se rende; ele muitas vezes concentra-se em si próprio, e espera com obstinação que o forcem em seus últimos redutos. Parece que tal foi o caso de Guialdo. Antônio empregou então o seu método ordinário: efetuou às vistas do adversário um milagre de primeira ordem, que lhe fez depor as armas. Guialdo, fulminado pelo raio da luz sobrenatural, reconheceu publicamente a divindade da fé católica, e foi até a morte um filho submisso da Santa Igreja. Sua volta à verdade atestou a grandeza apostólica de Antônio, e a eficácia da graça divina que a este seguia em toda a parte. O fato mencionado coroou os trabalhos do Santo no Berry. Como sempre, ele passou rápido: parecia pressuroso de deixar a terra em que havia derramado o seu suor, e que lhe retribuía com tanto amor. Este grande obreiro temia o reconhecimento dos povos. Ele recordava-se da palavra do Evangelho, que manda se dêem gratuitamente os gratuitos bens da Providência.

CAPÍTULO X

Antônio guardião em Límoges - O Menino Jesus repousa em seus braços - Morte de S. Francisco

O ano 1226 ia já adiantado, quando Antônio recebeu de seus superiores a ordem de ir a Arles, para assistir ao Capítulo provincial que estava convocado para o mês de setembro. Encontrou ali seus irmãos, vindos, em grande número, dos conventos do sul; e teve de todos o mais lisonjeiro acolhimento. Seus trabalhos apostólicos tinham fama. Aqueles que o não conheciam, desejavam desde muito ver esse homem extraordinário, ainda maior pelas virtudes que por sua eloquência e pelos milagres que operava. Sua humildade sentiu-se constrangida no meio dos elogios que se não disfarçavam bastante. Porém, quanto mais ele se abatia na própria estima, tanto mais se elevava na de seus Irmãos. Discorria-se a respeito de sua ciência, da qual havia já exibido provas nas escolas; falava-se dos combates que dava todos os dias à heresia maniqueia, e das coisas maravilhosas que realizava em toda parte. Não podia ficar despercebido; e, a despeito de esforços para se furtar à glória, não logrou escapar a um papel brilhante. O orador do concílio de Bourges estava naturalmente designado para ser o orador do Capítulo. Por

consequente, foi incumbido de proferir os discursos costumados em tais casos; essa escolha obteve a aprovação unânime dos Irmãos.

Após o Capítulo de Arles, Antônio foi nomeado guardião do convento de Limoges. Seu apostolado, já rico em frutos de salvação e em sucessos extraordinários, tornou-se ainda mais prodigioso. Pareceu que a graça de S. Francisco se traduziu imediatamente na alma de Antônio, por mais abundantes jorros de luz, e em sua palavra, por uma virtude que excedia tudo o que até então se tinha visto. O sobrenatural passa ao estado de hábito e forma como que um temperamento nos santos, se por ele se entende uma união íntima com Deus, e um comércio de amor que nunca cessa e que pouco a pouco se converte em lei da vida. Se se chama sobrenatural o dom de fazer exteriormente coisas miraculosas, esse privilégio é intermitente, mesmo nos mais favorecidos. Mas Antônio era uma exceção a esta regra. Ele parecia ser já um cidadão do mundo invisível; caminhava pelas eminências do mundo inferior; penetrava os segredos das consciências; modificava-lhes a seu grado, os movimentos; desconcertava os demônios, prevenindo-lhes as ciladas; trazia sob o freio a natureza; predizia o futuro; o Cristo baixava do céu para afagá-lo. Ele era o homem novo de que fala S. Paulo, o homem resgatado e reintegrado na posse dos direitos que nos conferira a justiça original.

Quando Antônio chegou a Limoges, um jovem noviço, de grandes esperanças, chamado Irmão Pedro, era presa de uma tentação violenta de desânimo, e pensava já em deixar a Ordem. O homem de Deus foi disto advertido por uma revelação divina. E, como o animava a mais terna solícitude pelo rebanho confiado à sua guarda, moveu-se de compaixão ante essa ovelhinha que se desgarrava. Inflamado de um zelo todo celeste, mandou chamar o noviço, e, abrindo-lhe a boca, bafejou sobre ele, dizendo-lhe: Recebe o Espírito Santo. Apenas o jovem sentiu correr-lhe no peito o sopro do venerando Padre, caiu subitamente no chão, ficando como morto. Nesse ínterim os Irmãos acudiram ao ruído da queda; e, quando Antônio segurava-o para o levantar, ele recobrou logo o uso dos sentidos. Pôs-se então a contar que, durante o delíquio, fora arrebatado em êxtase, e, transportado ao meio dos coros dos anjos, contemplara espetáculos que a terra não conhece. Ia tentar descrever a sua visão, quando Antônio, atribuindo só ao poder de Deus, sem influência de seus méritos, o milagre que se acabava de operar, disse-lhe que não falasse mais da graça de que fora favorecido. Desde esse momento, o jovem noviço não experimentou mais a tentação que o atormentara com tanta violência: mais tarde ele confessou que as flechas do demônio pareciam ter-se embotado contra sua alma. Revestido da virtude do alto, perseverou no

santo estado que abraçara; avançou a longos passos no caminho da perfeição, e serviu de exemplo a todos os seus Irmãos.

Daí a pouco tempo, Antônio achava-se no convento de Brive, que lhe era particularmente caro, porque fora ele o seu fundador, e também certamente pelas doçuras espirituais que se lhe tinham proporcionado na gruta selvagem sobre a qual se edificara esse convento. Por esta ocasião, deu uma grande prova de sua fé na Providência e, do crédito que gozava diante dela. Um dia o convento viu-se em penúria. Chegara a hora da refeição, e nada, havia para servir aos Irmãos. Nessa idade heróica da Ordem dos Menores, o caso não era raro. Homens que haviam tomado à letra os conselhos evangélicos, não se impacientavam de conhecer as privações da santa pobreza. No convento de Brive a crise não foi longa, porque Antônio já estava. Não tendo o cozinheiro com que preparar a refeição da comunidade, ele participou o seu embaraço a uma piedosa dama que lhe era dedicada; e pediu-lhe que mandasse legumes de sua horta, para o sustento dos Irmãos que governava. Caía no momento uma chuva torrencial. A dama chamou sua criada, e com palavras delicadas e insinuantes disse-lhe que fosse logo à horta e levasse de lá os legumes necessários para a cozinha dos religiosos. Muito contrariada por esta incumbência, a criada escusou-se, alegando a chuva diluviana que inundava as ruas. Todavia cedeu às instâncias da patroa; tomou o caminho da horta, colheu o que era preciso para o jantar dos pobres Frades, e seguiu para o convento, que era distante daí. Entretanto, apesar de não ter a chuva cessado um instante, não lhe caíra sobre o corpo nenhuma gota d'água, nem um fio das suas vestes se molhou. Ela entrou, pois em casa com a roupa inteiramente enxuta, e contou que a chuva, caindo embora copiosa e de contínuo, não a havia tocado. Pedro de Brive, filho da senhora em questão, e que foi mais tarde cônego da colegiada de S. Leonardo, relatava a miúdo, em glória de Sto. Antônio, esse milagre que ouvira de sua mãe; e não o fazia sem experimentar vivos transportes de alegria.

Nessa época, aprouve a Deus renovar o prodígio de que favorecera seu humilde servo em Montpellier. Quando Sto. Antônio era guardião de Limoges, durante a semana santa, na noite da Ceia, na igreja da cidade, chamada de S. Pedro dos Quatro Caminhos, antes da aurora, semeava ele a palavra de vida nas almas que se reuniam em torno de seu púlpito. À mesma hora, cerca de meia-noite, os Frades Menores cantavam em seu convento as matinas do Ofício do dia. Ora, o guardião, Sto. Antônio, estava designado para ler uma lição de matinas. Já os Frades haviam chegado à lição que Sto. Antônio devia ler, quando de repente ele apareceu no meio do coro, e em voz solene pôs-se a cantar a lição. Todos os Frades presentes ficaram espantados, e com razão; porque sabiam que a essa hora estava ocupado num arrabalde da cidade, a pregar ao povo. O

poder de Deus fez que ele, no mesmo instante, estivesse com seus Irmãos no coro, onde cantava uma lição, e na igreja de S. Pedro, no meio da multidão sobre a qual espalhava as sementes do Evangelho.

Durante as missões que pregou no território de Limoges e de Brive, Antônio mais do que nunca teve de se haver contra os demônios, invejosos de suas conquistas. Em todas as épocas, os demônios se têm feito temer, porque são uma força real, apesar de invisível, e representam um papel no drama da história.

Antônio ganhara perante eles uma grande reputação. Tinha um nome terrível, que lhes recordava as derrotas que outrora, nos desertos do Egito, um outro Antônio lhes infligira. Este lhe havia herdado o poder; e, a despeito de sua mocidade, já lhes tinha feito muito mal: desde cinco anos que lhes prejudicava os interesses nas províncias meridionais da França, refutando os Albigenses maniqueus, e arrancando-lhes, com ilustres chefes, as multidões seduzidas que tinham abraçado a religião deles. Assim se explica a raiva dos demônios e seus esforços para lhe estorvarem as empresas, sempre abençoadas pelo céu. De seu lado, Antônio aceitava a luta que os inimigos lhe ofereciam; e de ordinário era dele a vantagem, como se verá pelos fatos que vou narrar.

Um dia o bem-aventurado Padre, guiado por Deus, foi à abadia de Solignac, na diocese de Limoges; e certo monge desse mosteiro desde muito tempo era presa das obsessões do demônio da carne. Para vencê-las, empregava os jejuns, as vigílias, a oração e repetidas macerações; porém esses meios não lhe haviam alcançado a paz. A Antônio reservava Deus o aplicar o remédio ao terrível mal. O infeliz religioso, que tinha uma alta ideia da santidade do apóstolo, procurou-o. Fez-lhe a humilde confissão de seus pecados, e com toda a confiança descobriu-lhe a tentação que o atormentava, instando-o com lágrimas a rogar por ele. O santo homem tornou o religioso de parte, e, despindo em sua presença a túnica que cingia, disse-lhe que a vestisse, a fim de conjurar o perigo. Apenas o religioso satisfez o que Antônio ordenara, uma virtude poderosa comunicou-se das dobras da pobre túnica: era como que uma emanção da castidade d'alma e de corpo daquele a quem ela pertencia. O efeito não se fez esperar. A tempestade dos sentidos aplacou-se logo 110 religioso, que não sentiu mais agitações de tal ordem, como o declarou diante de muitas testemunhas.

Mas, da mesma sorte que os demônios do Evangelho, banidos do corpo de um possesso, iam alojar-se noutra, assim aconteceu que o demônio se vingou de Antônio, procurando perturbar o convento que ele habitava. Um dia, quando os Frades, depois do canto de completas, se preparavam para a oração mental, o Irmão que acabava de tocar

o sino para este exercício, viu um bando de malfeitores a devastar a seara de um dos principais amigos do convento. Correu logo a comunicá-lo a Antônio. Este, porém, muito ao invés de incomodar-se, disse tranquilamente aos irmãos: Ide para o coro, e fazei a vossa oração conforme as prescrições da Regra, sem vos ocupardes do suposto dano que se causa ao nosso vizinho. Estes malfeitores são demônios que com tal estratagem queriam roubar-vos um tempo precioso e privar-vos das consolações da presença de Deus. Guardai-vos bem de cair no laço, debaixo do pretexto de caridade. Sabei que o poder dos demônios é limitado. Deus não lhes permitiu destruírem o trigo desses campos: vós vos convencereis disto amanhã de manhã, vendo-os tão belos e tão ricos como estão agora- Esta fala tranquilizou os religiosos. Descansando na palavra de Antônio, eles se foram com recolhimento para onde o sino os chamava. Reconheceram em breve que lhes haviam dado um falso alerta, e que o Irmão sineiro fora iludido pelo anjo das trevas.

Desconcertados pela penetração de Antônio, os demônios não se deram por batidos. Voltaram-lhe contra a própria pessoa suas detestáveis maquinações.

Ele fora convidado a pregar numa cidade da região; e o concurso do povo era tal que Antônio viu desde logo que este não caberia na igreja. Decidiu-se, por isso, a fazer o seu sermão na praça pública. Mandou armar um estrado, em que devia colocar-se, com o clero, os magistrados, e as pessoas gradas do lugar. No momento de tomar a palavra, por uma inspiração interna conheceu que os demônios procurariam perturbar a cerimônia, mas que nenhum acidente grave sucederia. Começou por avisar aos ouvintes; e, depois de tê-los premunido contra as surpresas, entrou no assunto. Ainda não estava no meio do sermão, quando os demônios derribaram o estrado, que desabou com estrondo. Houve susto a princípio; mas a lembrança das advertências de Antônio acalmou depressa a emoção pública. Nem o pregador nem os que o cercavam, receberam a menor contusão. Improvisou-se um púlpito, e Antônio pôde continuar o seu sermão, no meio de um perfeito silêncio. Admirou-se-lhe, ainda mais que a eloquência, o espírito profético: seu prestígio, que aliás parecia ter atingido o apogeu, ainda subiu. A partida estava perdida para os demônios : eles tinham trabalhado para seu inimigo.

Por entre as fadigas do ministério, Antônio confortava-se com as almas fiéis a Jesus Cristo: elas não eram raras nessa época, a despeito das devastações da heresia. As mães e as criancinhas compunham uma clientela menos eivada que outras categorias da sociedade. As mães, cristãs por instinto, quando mesmo não o eram por sua vida, tinham simpatia ao apóstolo franciscano. Seguiam-no em suas excursões; respondiam a seus apelos; defendiam-no contra as calúnias dos Albigenses; acudiam-lhe à pobreza,

oferecendo-lhe o pão de cada dia. Algumas, chegada a noite, abrigavam sob o colmo de suas habitações esse peregrino do Bom Deus, que não tinha onde repousar a cabeça. Por seu lado, Antônio estava ao serviço delas; sua caridade nunca se desmentia; escutava-lhes as confidências, consolava-lhes as tristezas, animava-as nos desfalecimentos. As criancinhas tinham direitos particulares sobre o seu coração. Ele folgava de lhes distribuir carinhos e de as abençoar. Olhava-as como o digno modelo de cristão. O espetáculo da sua inocência compensava-o das amarguras que lhe causavam as paixões humanas; por isso até sentia prazer em que as crianças o buscassem, e sobre elas efetuou muitos milagres.

Um dia, chegando o Bem-aventurado Antônio a certa aldeia para pregar, uma mulher, ocupada em aquecer a água de um caldeirão para o banho de um filhinho que tinha junto de si, pressurosa de ver e ouvir o grande santo, esquece e abandona o que fazia, e sai precipitadamente para o sermão. Terminado este, regressa à casa, e com sobressalto encontra a criança dentro da caldeira, porém alegre e a sorrir, sem ter sofrido a mínima lesão; sucesso este que, por quantos afluíram a testemunhar o fato, foi atribuído à intervenção do grande Taumaturgo em socorro daquela que na ansiedade de ouvi-lo dera involuntariamente ocasião a tão sério perigo.

De outra vez, uma mãe, ao voltar do sermão, achou o filho morto dentro do berço. Na sua angústia, recorreu ao Bem-aventurado Antônio e contou-lhe, em pranto, a desgraça que acabava de feri-la. Antônio comoveu-se, ouvindo-lhe as lamentações, e disse-lhe em voz baixa por duas a três vezes: Vai, o Senhor terá piedade de ti. Cheia de confiança na palavra do Bem-aventurado, tornou à sua casa, e achou o menino cheio de vida, a brincar sossegadamente com urnas pedrinhas que antes não tinha nas mãos.

Era assim que o Bem-aventurado passava, fazendo o bem, consolando todas as dores e curando as enfermidades. Sua campanha contra a heresia maniqueia tinha sido maravilhosa em todo o meio-dia da França, e principalmente na província do Limousin. Em toda a parte ele se havia mostrado o inimigo irreconciliável do vício. Deslizara como um rio de água viva nessa região que o sopro da morte havia ressequido. Sua palavra caíra nas almas como orvalho celeste, e nelas reanimara a fé extinta e a caridade arrefecida.

Tantos trabalhos, coroados de tão grande êxito, não deviam ficar sem recompensa. Ordinariamente Deus faz os seus servos esperarem; adia a glória que lhes reserva, a fim de que o desinteresse ainda lhes aumente os méritos. Fez, porém, uma exceção em favor de seu bravo apóstolo, cujo zelo restituía-lhe o que a heresia lhe tinha

arrebatado. Quando estava ele ainda exilado neste vale de lágrimas, suspirando por unia felicidade inefável de que tinha o doce pressentimento, veio a receber verdadeiras arras da glória do Paraíso, contemplando com seus olhos o Menino Jesus, e carregando-o nos braços. Antônio, que por único tesouro tinha só o Evangelho, vivia ao modo apostólico. Ele cria que todo o obreiro é digno de seu salário. Por isso, comia aquilo que lhe ofereciam; e, quando uma porta se lhe abria diante dos passos, entrava dizendo: A paz do Senhor habite nestes lugares. Ora, um dia, numa aldeia do Limousin, um proprietário rico e piedoso ofereceu-lhe a hospitalidade em seu solar. Antônio aceitou-a com gosto, na esperança de achar no interior desta, mansão afastada de todo o bulício um repouso necessário à sua alma, e um pouco de silêncio que favorecesse as suas elevações para Deus. Não suspeitava, porém, nem de leve a graça de que ia gozar. O burguês lhe havia destinado um quarto separado do resto da casa, a fim de que tivesse mais liberdade para se dar às doçuras da contemplação. Porém, enquanto o bem-aventurado orava sozinho no quarto, sucedeu que o dono da casa passeasse nas dependências da sua morada ou precisou atravessá-las várias vezes, e num momento sua solicitude e sua devoção pelo Santo lhe fizeram olhar para o aposento em que este se achava. Através da janela, viu então nos braços do bem-aventurado Antônio, um menino de grande beleza que o abraçava com ternura. Por seu lado, o Santo retribuía-lhe as carícias e os ósculos, não desprendendo um instante as vistas do seu semblante encantador. O burguês, pálido de emoção e como arrebatado ante a beleza desse menino, perguntava consigo donde é que tinha vindo aquela formosíssima criança. Ele não era vítima de uma ilusão: o espetáculo que se lhe apresentava era uma realidade. O bem-aventurado Antônio estava em colóquio direto com Jesus Cristo, o Filho de Deus e da Virgem, descido do céu expressamente para o consolar. O nome de Jesus Cristo, por si só, fazia-lhe o coração palpitar: o pensamento dele, presente sempre à sua memória, era o alimento invisível de sua vida. Agora ei-lo a conversar com Jesus Cristo, face a face, como com um amigo, numa familiaridade tocante. Não penetrara nunca tão profundamente no íntimo do amor divino. Não havia experimentado jamais uma alegria comparável a essa alegria suprema, que foi para ele o primeiro quarto de hora do Céu.

Este canto escuro do Limousin, que ficou sem nome nos anais do mundo, foi o Tabor de Antônio. Em sua humildade, ele parecia embaraçado com o milagre que se acabava de consumir. Não pôde, entretanto, ocultá-lo a seu hospedeiro, porque o Santo Menino Jesus revelou, ele mesmo, ao bem-aventurado Antônio que o burguês o olhava. Pelo que, depois de haver ficado muito tempo em oração, o bem-aventurado chamou o dono da casa e proibiu-lhe revelar o que vira, enquanto ele, Antônio, estivesse neste mundo. Mas, depois da morte do bem-aventurado Padre, o devoto homem divulgou a

visão que acaba de ser narrada. Ele prestou o seu depoimento, derramando santas lágrimas.

Antiga lenda conta que, no pontificado de Nicolau IV, uns artistas que trabalhavam em mosaico, incumbidos de restaurar a tribuna de S. João de Latrão, colocaram S. Francisco e Sto. Antônio no meio das figuras dos doze Apóstolos, Bonifácio VIII, não julgando conveniente esta combinação, ordenou aos artistas que desfizessem a imagem de Sto. Antônio e a substituíssem pela de S. Gregório. Mas, ao primeiro golpe do instrumento, força irresistível repeliu rudemente o obreiro, e não lhe permitiu prosseguir uma ação que parecia sacrílega. Se o que diz a lenda é verdade, a escuta do Pontífice deve estar nas intenções que o animavam. Mas, se não pôde ele apagar a imagem de Sto. Antônio da abóbada de um templo, muito mais difícil fora o bani-lo das tradições da arte e do culto que os povos lhe têm votado.

Por esse tempo S. Francisco havia morrido em Sta. Maria dos Anjos, a 4 de Outubro de 1226.

Ora, a Regra de S. Francisco estabelecia que na morte do ministro geral da Ordem todos os provinciais e todos os guardiães deveriam reunir-se em congregação, para nomear o seu sucessor. A eleição só podia fazer-se no capítulo pleno, que nessa época estava fixado para a festa de Pentecostes.

Sendo Antônio guardião do convento de Limoges, achava-se no caso previsto pela Regra. Teve, pois, de pensar em voltar à Itália. Como ainda não estivesse designado o lugar em que se reuniria o capítulo, decidiu-se ele a ir diretamente a Roma, que não conhecia. Desde muito tempo desejava fazer uma peregrinação à Cidade eterna, para ver o sucessor de Pedro e depor-lhe aos pés a homenagem de sua fé e de sua piedade filial. Nessa ocasião, ser-lhe-ia grato inspirar-se no pensamento do Pontífice a respeito da futura eleição. A obediência veio também em auxílio da sua devoção, pois que de seu provincial, que lhe apreciava o critério nas negociações, recebeu ordem de ir consultar a Santa Sé sobre certos negócios relativos à província da França.

Ele deixou Limoges no começo do ano 1227; e encaminhou-se para a Itália com um dos seus Irmãos. Atravessando a Provença, passaram em pequena aldeia, onde uma mulher, compadecida de sua indigência, lhes deu, por amor de Deus, a hospitalidade em sua casa. Verdadeira Marta pela solicitude que lhes mostrava, esta mulher pôs na mesa pão e vinho, e correu à casa da vizinha a pedir-lhe emprestada uma taça de vidro. Mas Deus, para que o mal se trocasse em bem, permitiu que a mulher, depois de haver tirado vinho do tonel, para servi-lo aos Irmãos, deixasse por descuido a torneira deste aberta,

de modo que todo o vinho se derramou no chão. Por maior desastre, o companheiro do bem-aventurado Antônio tomou o vaso de vidro tão desajeitadamente que o partiu de encontro à mesa, por forma que o pé rolou de um lado e a copa de outro. No fim da refeição, a boa mulher quis ainda servir de beber aos Irmãos; porém, entrando no celeiro, viu todo o vinho derramado no pavimento. Voltou para os Irmãos, chorando amargamente, e aflita pela perda que tivera. Quando a comunicou ao bem-aventurado Antônio, este apiedou-se da sua tristeza; firmou os cotovelos na mesa, escondeu a cabeça nas mãos, e pôs-se a orar com fervor. E, enquanto a boa mulher contemplava o Bem-aventurado absorto em sua oração, aconteceu uma coisa extraordinária: a copa do vaso de vidro, que estava na ponta da mesa, movendo-se por si, ou melhor, obedecendo a um impulso divino, veio colocar-se sobre o pé, que estava na outra extremidade. A este espetáculo, a mulher estupefata pegou logo o copo, e, sacudindo-o com força, verificou que ele fora concertado pela virtude da oração. Veio-lhe na mesma hora a convicção de que a virtude que havia restaurado o vaso podia restituir-lhe o vinho que perdera. Correu, pois, ligeira ao celeiro, e achou o tonel, um momento antes meio vazio, tão cheio que o vinho chegava até a boca, donde jorrava fervendo como se corresse do lagar. Ao ver isto sentiu a boa mulher uma alegria indizível, ficando como fora de si. Mas quando Sto. Antônio percebeu que sua oração fora atendida, como discípulo de Cristo, cheio da verdadeira humildade, apressou-se a deixar a aldeia, pelo temor de receber louvores.

Antônio granjeara na França, sem buscá-la, uma glória particular, à qual os maiores homens nem sempre chegam: falo da popularidade. Ele tinha sido o homem das massas; envolvera-se em todos os seus movimentos; falara a língua delas, aliviara-lhes as misérias; em seu favor muito havia feito, e mais com a ação que pelos discursos; era, enfim, taumaturgo, e esse caráter lhe assegurava um prestígio sem igual. Pode-se medir a sua popularidade nas províncias que percorreu, pelos mosteiros que fez germinar em sua passagem, pelas igrejas aue se lhe dedicaram, pelos oratórios eretos sob o seu vocábulo, pelas confrarias que o tomaram por padroeiro, pelas estátuas e imagens que o têm representado nas diferentes circunstâncias de sua vida, e sobretudo pela familiaridade das almas com o se nome.

CAPÍTULO XI

Antônio em Roma e Assis — Missão em Rimini, onde prega aos peixes

Antônio chegou a Roma no começo da primavera. Ela regozijara-se intimamente, quando lhe mandaram que se dirigisse para a Cidade Santa. A mente do fervoroso monge transportava-se muitas vezes a divagar através dos palácios e basílicas da capital do Orbe católico. Mas, quando seus pés tocaram o solo sagrado, logo aí lançaram raízes.

A reputação que Antônio gozava na Itália, e que aumentava na França, o havia precedido em Roma. Honório III o incumbira de pregar a quaresma; ele desempenhou-se da missão com um sucesso prodigioso. Sua alma apostólica, afinada já num diapásão tão elevado, achou acentos de zelo ainda mais vibrantes, como se a vizinhança da Cadeira de Pedro, fonte de toda a verdade, lhe aumentasse a eloquência natural. De todas as partes vinha gente para ouvir sua pregação; as multidões afluíam dos quarteirões mais afastados da cidade. Os pastores da Sabina e das campinas romanas deixavam os rebanhos, atraídos pelo encanto celeste de sua voz. As igrejas eram muito acanhadas para conter imensos auditórios que acampavam nas praças públicas, esperando com impaciência a hora em que as portas se abriam.

Desta forma compreende-se porque o espírito de penitência entre o povo romano excedeu os limites ordinários. Às mortificações ordinárias, aos jejuns e às vigílias prolongadas, juntaram-se flagelações heróicas que iam até a efusão do sangue.

Este último exercício não era uma novidade: uma tradição de muitos séculos a propunha à imitação das almas ardentes, e ao respeito das que não tinham a coragem de ir tão longe. Mas, Antônio, aproveitando as disposições públicas, fez desse costume uma instituição, fundando a confraria dos flagelantes, que tinha por fim honrar a Paixão de Jesus Cristo e expiar os pecados do mundo. Então pela primeira vez entraram homens a formar procissões em que se disciplinavam, entoando muito devotamente piedosos cânticos. Este louvável costume, devido à iniciativa de tão eminente mestre, ganhou sucessivos incrementos; de modo tal que por muito tempo foi praticado em quase todas as províncias da Itália. O abuso que disto se fez na continuação, nada lhe tirou da santidade de sua origem, da beleza de seu intuito, nem da utilidade de seus resultados.

Entretanto o rumor das maravilhas que Antônio operava com a sua pregação, chegava até à corte romana. Ele granjeou tanto a estima dos príncipes da Igreja, que o Soberano Pontífice e todos os cardeais corriam a seus sermões, com um zelo extraordinário e uma devoção que se não poderia descrever. Desde que Gregório IX saboreou uma vez a palavra de Antônio, não pôde mais privar-se deste maná celeste, e fez-se um dos seus assíduos ouvintes. Admirava a sua ciência das Sagradas Escrituras, e

como lhes possuía a letra e o sentido, e com que rara felicidade os aplicava às almas. Contemplava essa abelha mística que percorria, como a recrear-se, os prados balsâmicos da Revelação sobre os quais o Espírito Santo derramou tantos perfumes e imprimiu tantas cores; tomando um pouco por toda parte que formavam os materiais de suas admiráveis instruções.

Não foi sem razão que o Sumo Pontífice lhe deu o nome de Arca do Testamento; o texto dos dois Testamentos estava, de fato, gravado tão profundamente em sua memória, que, a exemplo de Esdras, só com as suas recordações seria capaz de restabelecer integralmente as Escrituras, dado o caso de que todas as cópias delas se perdessem. É o que atestam todos os homens que viveram longo tempo com ele, e que o conheceram de mais perto. Além disto, possuía um maravilhoso talento para interpretar as divinas Escrituras, e para expor com clareza e solidez os seus diversos sentidos. Não havia na Bíblia um só livro que lhe fosse estranho. A Concordância Moral da Santa Escritura, e o Comentário Místico sobre o Antigo Testamento, no qual não deixa um só trecho sem o acompanhar de notas cheias de erudição e de piedade, são a prova de que Antônio não havia usurpado esta reputação.

Aproximavam-se as festas de Páscoa. O Papa fez promulgar a grande indulgência que atraía à Cidade eterna imenso concurso de estrangeiros, vindos de todos os pontos da cristandade. No ano em que Antônio pregou a quaresma, a afluência foi inumerável. As multidões apinhavam-se com avidez em torno do Apóstolo: cada um estava mais desejoso de vê-lo e de ouvi-lo. Para muitos, não era ele um desconhecido; tinham-no encontrado noutros pontos da Itália e na França, a lembrança de sua eloquência e de seus milagres ainda aumentava neles o entusiasmo geral de que eram testemunhas. Antônio estava colocado no centro desta pequena humanidade na qual todas as nações se achavam representadas. Ele as trazia todas em seu coração; elevava-as todas até a verdade e até Deus. Assim este vaso de eleição, que fora predestinado para anunciar aos povos e aos reis o nome de Cristo bendito, se tornara em Roma "um vaso católico", segundo a bela expressão de que a antiguidade se serviu para exprimir a extensão de seu zelo, a profundidade de suas vistas, e a universalidade de sua glória. O Papa encarregou-o de explicar aos peregrinos a natureza dos favores espirituais de que abrira o tesouro, o valor incalculável que lhes deveriam ligar e as condições era que poderiam conseguí-los. Antônio obedeceu a esta ordem suprema; e, no dia da Ressurreição, sua pregação foi acompanhada de um milagre que lembrou o acontecido em Jerusalém no dia de Pentecostes, e cuja narração se encontra nos *Atos dos Apóstolos*. Ei-lo tal qual é referido nos *Fioretti de S. Francisco*. Esta singela narração adiciona à autenticidade do fato histórico os encantos da lenda. "A maravilhosa nave do Espírito Santo, Sto. Antônio de

Pádua, um dos discípulos e companheiros que S. Francisco havia escolhido, e o que ele chamava seu vigário, pregava uma vez perante o Papa e os cardeais no consistório, onde se achavam homens de diversas nações, gregos, latinos, franceses, alemães, slavos, ingleses, e de outros vários países. Ele foi inflamado pelo Espírito Santo e anunciou a palavra de Deus de um modo tão eficaz, tão devoto, tão penetrante, tão suave, tão claro e inteligente, que todos os presentes, conquanto fossem de línguas diversas, entenderam todas as suas palavras clara e distintamente como se houvesse falado a língua de cada um, e ficaram todos estupefatos. Pareceu ver-se renovar o antigo milagre dos Apóstolos no tempo do Pentecostes, quando pela virtude do Espírito Santo falavam todas as línguas; e os cardeais diziam uns para os outros: Não veio da Espanha este que prega? E como, pois, entendemos todos na sua língua a do nosso país ? O Papa reflexionava como os outros, e, maravilhado da profundidade desta pregação, exclamou: Na verdade, este é a Arca do Testamento, e o tesouro da Santa Escritura." Assim é que se aprazia Deus em glorificar a seu servo diante de todas as tribos da terra. Com isto mereceu ele ser comparado aos Apóstolos, pois que, como estes, recebera o dom precioso das línguas.

Depois da quaresma, Antônio pensou em prosseguir sua viagem para Assis. Sua estada em Roma fora somente um intervalo de repouso, uma parada. Tratara ali os negócios de que seu provincial o incumbiu, ao partir de França. Não tinha então previsto que aí exerceria o ministério evangélico; porém não deixava escapar nenhuma ocasião de trabalhar na salvação das almas. Tinha feito o que devia fazer. Julgava-se daí em diante inútil na Cidade eterna, e, a despeito da alegria que nela gozava, era invisivelmente impellido a deixá-la: a obediência chamava-o à outra parte. Como perfeito discípulo da Cruz, praticava seriamente o esquecimento de si próprio, preferindo a todos os gozos o que achava no sacrifício. Demais era atraído por uma outra sedução. O Capítulo a que ia assistir, só estava indicado para o dia imediato ao de Pentecostes. Antônio tinha diante de si mais tempo do que lhe era preciso; porém estava impaciente por tornar a ver lugares que para ele eram cheios das mais gratas recordações. Um laço terno e forte o prendia ao vale de Assis, a pátria de seu coração, e, por mais longe que estivesse, outra coisa não fazia senão girar em torno deste centro em que seu zelo infatigável achava o ponto de apoio. Também ao deixar o país em que a heresia exercia sua fatal influência, vinha-lhe naturalmente certa ansiedade de rever as cabanas de palha edificadas ao longo do Rivo-Torto, onde os caros Irmãos conservavam a virgindade de sua fé e protegiam a das cândidas populações que os cercavam. Enfim, ele prometia a si, chegando a Assis, ter aí mais proveitoso e longo retiro espiritual, e retemperar-se nas fontes da vida heróica que abraçara e da qual cumpria com tanto

fervor os austeros deveres. Todos esses motivos lhe davam asas à alma, e não lhe permitiam diferir por mais tempo a sua partida. Foi, portanto, prostrar-se, uma vez mais, aos pés de Gregório IX; e, depois de ter obtido a sua vênua, dirigiu-se para Assis, em companhia de Fr. Lucas.

De volta a Assis, empregou Antônio as horas livres em satisfazer sua fé e piedade filial. Visitou primeiro Santa Maria dos Anjos.

Saindo de Santa Maria dos Anjos, Antônio subiu à cidade de Assis, e foi prostrar-se diante do túmulo de S. Francisco. Estava ausente quando o seráfico Patriarca tinha deixado a terra: não lhe recolhera as palavras supremas; não havia recebido sua última bênção. Mitigava-se-lhe a saudade, orando assim sobre as suas cinzas ainda quentes. Na sua ternura ele ressuscitava o grande morto; contemplava-lhe o rosto emagrecido pela penitência e sulcado pelas lágrimas do amor; ouvia sua voz, ontem tão persuasiva, quando pregava a doutrina da cruz; e agora ainda mais eloquente, porque saía do fundo do túmulo, para dizer a mesma coisa. Cara lhe era já a igreja de S. Jorge; porque aí é que S. Francisco, ainda menino, começara os estudos, e também aí é que tinha pregado a primeira vez. Depois que nessa igreja repousara o corpo do Santo, ainda mais a amava Antônio: desprendia-se dali uma virtude que nele aumentava o espírito religioso de que era animado. Em silenciosa meditação considerava o digno discípulo como havia Deus recompensado o pobre Francisco, que durante a vida estava como que morto para o mundo e para si próprio, e depois de sua morte havia florescido qual palmeira do deserto e se tinha multiplicado como o credo do Líbano. Inebriava-se ele na torrente de delícias que corria daquele túmulo; aí cobrava ânimo para morrer cada dia, e para reviver nas almas, gerando nelas o Cristo bendito.

Entretanto o Capítulo geral reuniu-se na data indicada. As circunstâncias deram-lhe uma grande importância, e atraíram número muito considerável de provinciais e guardiães. Durante os últimos anos de S. Francisco, a Ordem fora governada por um vigário; porquanto ninguém havia anuído a que se substituísse inteiramente o fundador enquanto vivo, nem a que tomasse outro o título de ministro geral. Chegado era o momento de, conforme a Regra, proceder à eleição de seu sucessor. A escolha caiu sobre João Parente, de Florença. No mundo era este um jurisconsulto eminente, e exercera a magistratura em Fescênia. Convertido a Deus pelo temor de se não salvar na profissão que havia abraçado, entrou em religião, onde não tardou a fulgir com o brilho de grandes virtudes. Era ministro da província da Espanha, quando foi eleito geral de sua Ordem: não desmentiu as esperanças que inspirara aos Irmãos. O voto de Antônio estava ganho por quem tanto merecia. Amigo da Regra, apaixonado pela prosperidade

da Família Seráfica, pôs-se imediatamente nas fileiras daquele que era capaz de remediar os abusos, e que de fato procurou restaurar a disciplina, abalada em alguns pontos.

No fim do Capítulo, Antônio foi dispensado de seu emprego de guardião de Limoges. Era-lhe sempre agradável depor o fardo do poder: não por amor do repouso, mas por um decidido gosto pela vida humilde e oculta. Entretanto, nada ganhou com esta abdicação; pois que lhe deram imediatamente o título de provincial da Romanlia. Uma vez mais, ele viu por si mesmo que os que se abatem aos próprios olhos, são elevados diante dos homens; porque Deus se compraz em tomar dessas fileiras os instrumentos de sua graça. Tinha ele então trinta e dois anos.

Antônio, que tudo aferia com o peso do santuário, considerou, em suas novas funções, antes os deveres que tinha a cumprir do que os direitos de que era investido. Nessa conformidade, apressou-se a percorrer em visita a sua província. Levou a seus Irmãos as resoluções tomadas no Capítulo. Recomendou-lhes a prática das virtudes religiosas, e animou-os com as exortações e com os exemplos. O fervor que desde então animou os conventos da Emília e da Romanha, foi um fruto de seu zelo. Durante muitos anos, foi ministro de seus Irmãos na província da Emília, com um êxito que lhe granjeou a aprovação geral. Conquanto na Itália ninguém com ele competisse em doutrina e eloquência, todavia no exercício de suas funções mostrava-se maravilhosamente fácil e compadecido.

No exterior, o zelo do Santo não foi menos notável que antes. Desde que pôde regular os negócios de sua província, tomou de novo a Cruz, e correu em socorro das populações que a heresia trabalhava na península italiana, como na França e na Alemanha. Os Cátaros ou Patarinos eram muito numerosos na Romanha e na Emília. Os Circuncisos dominavam na Lombárdia. Os Valdenses tinham-se entrincheirado principalmente no Milanez, e nas montanhas, do Piemonte.

Antônio, fiel a seu antigo método, começou por proteger o pobre povo contra a sedução das novidades maniqueias. Os pequenos lhe eram especialmente caros. Olhava-os como cordeiros do Cristo bendito. Dirigia-os para as pastagens da verdadeira fé; saciava-lhes a sede nas fontes sagradas que jorram do lado entreaberto do Salvador. Mas, como o bom pastor, não se pôs em fuga ao ver os lobos que giravam em torno do rebanho, caminhou para eles, e tentou abrandar a sua ferocidade. Era sempre a parte difícil do apostolado de Antônio. As multidões só se movem arrastadas: quem se

acolher à sombra de sua ignorância e lhes lisonjear as paixões, precipitá-las-á no erro e em excessos terríveis.

Assim foi em Rímini, onde havia grande multidão de hereges, Antônio querendo reconduzi-los à luz da verdadeira fé e ao caminho da virtude, pregou-lhes durante muitos dias e com eles disputou sobre a fé cristã e a Santa Escritura; mas eles não só não se rendiam às suas santas palavras, mas ficavam endurecidos e obstinados a não querer ouvi-lo. Sto. Antônio, um dia, por divina inspiração, foi para a costa em que o rio desemboca no mar; e, tendo-se colocado aí entre o rio e o mar, começou a discorrer como se pregasse em nome de Deus aos peixes, e disse : "Ouvi a palavra de Deus, vós, peixes do mar e do rio, pois que os hereges desdenham ouvi-la". E, desde que falou, afluiu logo para perto da praia, em que ele estava uma tal multidão de peixes, grandes, pequenos e meões, que nunca nesse rio tantos se tinham visto: traziam todos a cabeça fora d'água, e todos pareciam olhar a face de Sto. Antônio, na maior ordem todos eles e em grande paz; estando na frente e mais perto da praia os pequenos, depois destes os medianos, e por detrás, onde a água era mais funda, os maiores. Estando os peixes dispostos nesta ordem, Sto. Antônio pôs-se a pregar solenemente e a dizer: Meus irmãos peixes, vós estais muito obrigados, conforme o podeis, a render graças ao nosso Criador, que vos deu tão nobre elemento para vossa habitação; porque, segundo o vosso gosto, tendes águas doces e águas salgadas. Ele vos proporcionou muitos abrigos para escapardes às tempestades, e preparou-vos ainda um elemento claro e transparente e uma nutrição de que viveis. Deus, vosso Criador liberal e bom, quando vos fez nascer, mandou que crescêsseis e vos multiplicásseis, e deu-vos a sua bênção. Quando veio o dilúvio universal, morrendo todos os animais, Deus vos resguardou a todos sem dano. Depois deu-vos barbatanas para vos transportardes aonde quereis. A um de vós foi concedido, por mandado de Deus, guardar o profeta Jonas, e após três dias lançá-lo de novo em terra são e salvo. Fostes vós que destes o censo para nosso Senhor Jesus Cristo, que, em sua qualidade de pobre não tinha com que pagá-lo. Por um mistério singular, vós servistes de alimento ao rei eterno Jesus, antes e depois de sua ressurreição. Por todas estas coisas, estais extremamente obrigados a louvar e bendizer a Deus, que tantos e tais benefícios vos liberalizou mais que às outras criaturas." — A estas palavras e aos outros ensinamentos que Sto. Antônio juntou, começaram os peixes a abrir a guela, a inclinar a cabeça, e com testes sinais e outras mostras de respeito, a seu modo e nas suas forças louvavam a Deus. Então Sto. Antônio, vendo todo o respeito dos peixes por Deus fseii Criador, regozijou-se intimamente, e disse em Voz alta : "Bendito seja, o Deus eterno, porque os peixes das águas o honram mais do que o fazem os homens hereges, e animais crivados de razão escutam melhor sua palavra do que os

homens sem fé." — Ora quanto mais Sto. Antônio pregara, mais crescia a multidão dos peixes, e nenhum deles deixava o lugar que havia escolhido. À notícia, do fato, o povo da cidade correu em massa, e com eles os hereges, que, ao verem tão maravilhoso e manifesto milagre, ficaram profundamente abalados, e lançaram-se aos pés de Sto. Antônio, paia ouvirem sua palavra. Então o Santo começou a expor a fé católica, e pregou de modo tão elevado que os hereges se converteram e voltaram à fé de Cristo, e os fiéis ficaram consolados e alegres, fortalecendo-se mais na fé. Por fim, Sto. Antônio despediu os peixes com a bênção de Deus; e todos eles se foram, dando sinais extraordinários de alegria, como também o povo.. Depois, Sto. Antônio ficou em Rimini muitos dias, pregando e colhendo muito fruto nas almas.

O efeito deste milagre foi imenso: era tão extraordinário, realizara-se diante de tão grande número de testemunhas, as circunstâncias davam-lhe tão claro o caráter de um desafio lançado aos hereges, que havia apaixonado até os espíritos mais calmos. A partir deste momento, a palavra de Antônio recobrou todo o poder.

Entre as conquistas do bem-aventurado Antônio, contava-se uma personagem notável, chamada Bonvillo. Tem este na história o nome de heresiarca; o que indica suficientemente que era o chefe da seita catara. Havia trinta anos que estava mergulhado nas trevas do erro, e tão profunda era sua cegueira, tal sua obstinação em defender perniciosas doutrinas, que se perdiam as esperanças de reconduzi-lo ao seio da Igreja; mas a graça triunfou, alfin, de seu orgulho, pelos méritos e fé ardente do Bem-aventurado Bonvillo, voltando a melhores sentimentos, mostrou-se daí em diante um discípulo fidelíssimo de Cristo; e perseverou até a morte em sua obediência.

O homem de Deus, Antônio, que de tão perto seguiu em tudo a seu seráfico Patriarca, parecia ter dele recebido em herança o espírito de reconciliação. Porque o papel de iniciador fazia parte de sua vocação: ele foi dos primeiros, entre seus irmãos, que entrou por esse caminho, no qual tantos outros o seguiram durante dois ou três séculos. Vê-lo-emos, no decurso de seu apostolado, correr a buscar as almas, para as retirar do erro e do pecado; preferir os campos às cidades cultivadas, por uma ternura especial para com os rústicos e os operários, sobre quem ainda pesavam as cadeias da servidão. Sua humildade, porém, não o salvará de um destino mais brilhante. Esse pobre monge passará através da Itália como pacificador; as cidades o escolherão por árbitro; ele apresentará diante dos tronos as queixas do povo; negociará tratados entre as cidades rivais; advogará o direito dos miseráveis em face de credores sem entranhas; preservará os vencidos dos rigores da força triunfante. Os homens d'Estado o invejarão, sem lhe poder igualar a influência; naufragarão onde ele aportará, com felicidade. A pátria não

lhe deverá menores serviços que a Igreja; um grito longo de entusiasmo levantar-se-á dos Aipes até Roma, e do Adriático ao Mediterrâneo, para saudar o missionário magnânimo, que, salvando as almas, salvava as cidades. S. Francisco de Assis fez concluir um grande número de pazes, da mesma sorte que Sto. Antônio de Pádua, seu discípulo. Outro historiador já citado rende-lhe igual testemunho: "Depois de ter edificado a França e a Sicília, passa os últimos anos a pregar a paz e a união às cidades lombardas; obtém dos Paduanos o privilégio da cessão dos bens em prol dos devedores sem recursos; ousa, ele só, exprobar ao fero Ezelino a sua tirania." A narração particularizada do seu apostolado na Itália provará que estes elogios não são exagerados. Esta simples exposição do estado das coisas na península itálica, no século treze, prova a oportunidade da aparição dos Frades Pregadores e dos Frades Menores. Evidentemente, não foi o acaso que os suscitou; eles não eram o resultado dessa força plástica que alguns descobrem cada manhã, gratuitamente, nas entranhas da humanidade. Como poderiam eles nascer da civilização bárbara de que vinham combater as paixões? A história está cheia de mistérios que só se explicam pelas intervenções periódicas de Deus nos negócios humanos. Sua Providência governa o mundo: ela é que salva as nações de suas loucuras, às vezes até mau grado as mesmas. Esta filosofia não humilha ninguém: tem a vantagem de nos esclarecer as vistas sobre o passado, tranquilizar nossos corações, quando medimos as probabilidades do futuro.

Não é menos digno de nota que a Igreja é o instrumento predestinado de que Deus se serve para dirigir a marcha dos acontecimentos. Esta Igreja que parece pairar entre o céu e a terra, e ocupar-se mais da eternidade que do tempo; que divulga dogmas abstratos e se mantém de preferência nas alturas dos interesses morais; esta Igreja, foi feita deveras para a sociedade. Ela é figurada pelo fermento que a mulher do Evangelho mistura a três alqueires de farinha, a fim de que, dilatando-se, faça crescer toda a massa. A Igreja entra em combinação com a sociedade de quem é a alma; ela exerce sobre todos seus elementos uma ação necessária: as leis, as ciências, as artes, a família, os costumes, nada lhe escapa. E porque lastimá-lo? A Igreja dá a tudo o que toca, um valor que não pode vir de outra origem. Não ofende nenhum direito; não susta nenhum progresso; em compensação, previne muitos males, e cura outros ainda maiores. Porque, pois, tratá-la como se fosse um perigo? Quanto ao cercá-la só de um falso respeito, e pô-la fora da vida social; não é também isto, nem mais justo nem mais assisado. O mundo não se dispensa impunemente da Igreja. Na idade média, quando os destroços do império romano e as raças novas, vindas do norte, se encontraram num choque formidável; acabada seria a Europa, se a Igreja aí não estivesse, e se não houvesse ela

desdobrado as asas de seu gênio sobre esse caos humano, para lhe coordenar os materiais, para lhe regular os movimentos, e tirar deles uma harmonia relativa, donde a guerra não foi totalmente banida, mas que não deixou de ter beleza e grandeza. Seria uma ilusão crer que na hora presente a sociedade europeia, assentada em bases inabaláveis, não precise mais de sua pedagogia: seria ingratitude negra olvidar os seus benefícios.

Os monges são o braço com que a Europa move a humanidade. Eles são a mais perfeita forma do espírito do Evangelho: possuem todas as suas santas energias; a fé, o entusiasmo e a disciplina fazem deles soldados da vanguarda, terríveis para o mundo, que é o inimigo de Jesus Cristo e de sua Igreja. Nasceram na hora matutina; desdobram-se em vastas unidades, enchendo o espaço e atravessando os séculos, prestando às almas serviços assinalados; não deviam mais desaparecer. Não ficaram, é verdade, ao abrigo das decadências; mas, quando uma instituição caía, gasta pela luta e às vezes pelo próprio triunfo, outra lhe tomava o lugar; quase como se vê nas florestas um carvalho carcomido que não pode morrer de todo, e que brota um vigoroso rebento, na hora mesma em que abandona os ramos à fúria da tempestade. Assim os monges sucedem aos monges, para corresponderem às necessidades dos poros e ajudá-los a viver. No século treze, era a vez dos Frades Pregadores e dos Frades Menores. Eles ainda estão de pé, jovens a despeito de sua idade, e bravos como nos dias heróicos de S. Domingos e de S. Francisco: sua história certamente lhes granjeará simpatias, mesmo ante os preconceitos dos nossos contemporâneos.

CAPÍTULO XII

Pregação e maravilhas no norte da Itália

Entre os conventos que Antônio fundou merece especial menção o de Gemoná, célebre pelo milagre que Antônio aí operou; eis em que ocasião. Quando ele dirigia as obras do edifício, misturado com os operários, conduzindo as pedras e a argamassa como um deles, passou perto da oficina um camponês com uma carroça puxada por bois. Antônio pediu que lhe emprestasse um momento a carroça, para ir buscar certa porção de tijolos precisos para a construção do convento. O camponês, que não estava disposto a obsequiar o Bem-aventurado, disfarçou as suas intenções; e recusou o serviço que lhe era pedido sob o pretexto de que levava um morto. Ora, esse pretendido morto não era mais que um filho do camponês, que dormia estendido no carro. A tais palavras, o Bem-aventurado não insistiu; retirou-se, enquanto o rústico, sorrindo com malícia,

despertava o moço para lhe contar o logro que o frade pedreiro tinha levado. Mas seus esforços foram baldados; sem o suspeitar, ele havia dito a verdade respondendo que conduzia um morto. A esse espetáculo, ficou tomado de susto, e soltou gritos de angústia. Deixou o carro, e correu para o Bem-aventurado, a conjurá-lo, derramando torrentes de lágrimas, que lhe restituísse o filho. O Bem-aventurado comoveu-se diante de uma dor tão profunda, acompanhada de tão viva fé. Dirigiu-se para o carro do morto; e, fazendo sobre o cadáver o sinal da cruz, estendeu a mão ao adolescente, que se ergueu cheio de vida- É assim que os santos se valem dos ultrajes que se lhes dirigem.

Este milagre terminou os trabalhos do santo durante o ano de 1227. No começo do ano seguinte, nós o achamos em Treviso e Veneza em marcha ascendente, projetando claridades cada vez mais vivas. Mas tudo isto é só o prefácio de sua atividade; tão grandioso é o que me resta a dizer.

Pádua é o teatro em que Deus vai manifestar com maior opulência os tesouros de graça que derramara na alma de seu servo. Não sei se, ao caminhar na risonha planície em que Pádua é situada, quando lhe avistava no horizonte os muros fortificados e as arrojadas flechas dos templos, teve Antônio o pressentimento de seu futuro, e das tribulações, que o aguardavam.

É, pois, lícito crer que Antônio não suspeitou o que Pádua lhe reservava. Ele restituirá a essa infeliz cidade o verdadeiro Evangelho, obscurecido pela heresia; fará reflorescer a pureza de seus costumes; restabelecerá a paz entre os cidadãos divididos; exercerá salutar influência em seus destinos políticos, e a preservará dos males prestes a se descarregarem sobre ela; depois de ter sido seu apóstolo, tornar-se-á o mais ilustre de seus filhos. Pádua tomará o nome dele nos fastos da Ordem dos Frades Menores, e Pádua lhe dará o seu: é com esse batismo de reconhecimento e de amor que sua memória chegará até a mais remota posteridade. Enfim, ele terá o túmulo ao lado de seu segundo berço; morto, viverá na glória que lhe há de assegurar a sua pátria adotiva. Mas Antônio não tinha preocupações dessa ordem. Olhando Pádua, pensava nos estragos que os sectários haviam produzido em seu seio. Suas entranhas então estremeceram; seu coração se dilatou sobre ela, como para lhe recolher os filhos transviados e reaquecê-los ao foco da caridade de Jesus Cristo. Transpôs as portas da cidade com toda modéstia; chegado o momento, abriu sua estação, pedindo ao Céu que a abençoasse.

O movimento não se fez esperar muito tempo; desde o começo, o Bem-aventurado fascinou o auditório. O concurso era imenso; de todos os lados vinha gente, ansiosa; e com avidez se recolhia sua palavra eloquente. "Coisa digna de admiração

escreve o Autor anônimo, nas fileiras dessas massas humanas amontoadas no templo, não se ouvia sequer uma queixa; nenhum traço de dissipação, nenhum dito inconveniente empanava a beleza da cena. As crianças faziam como todos os mais; até os vagidos retinham para não interromper o pregador. Aplicava-se o ouvido: fitava-se o olhar sobre o homem de Deus; não se experimentava nenhum cansaço; tão grande era a devoção com que se o seguia." A palavra de Antônio saía-lhe da boca como de uma fornalha ardente. Era maravilhoso ver como ele agitava o auditório. Penetrava até a medula das almas; produzia nelas profunda emoção, acompanhada de arrependimento e de ódio às fraquezas e aos crimes da vida. Nessa época de fé cândida, os pecadores davam livre curso aos sentimentos que os agitavam interiormente. Voltavam-se para os vizinhos e diziam em voz alta, soltando gemidos: Infeliz que sou! Até hoje não tinha compreendido a fealdade do pecado! Se a conhecesse, de certo não o teria cometido. Então exortavam-se mutuamente a fazer uma boa confissão, a empreender peregrinações por espírito de religião, a se imporem jejuns rigorosos, em dias fixos, em honra da Mãe, de Deus, e a realizarem outras obras de piedade. Ao mesmo tempo vertiam torrentes de lágrimas: soltavam longos suspiros; batiam no peito pancadas repetidas, com uma compunção de que nenhuma narrativa poderia dar ideia a quem não foi testemunha. E eram sinceras essas demonstrações, porque se seguiam das mais estrondosas conversões. À voz do apóstolo, acalmavam-se os ódios hereditários; os cidadãos divididos pelas opiniões políticas e pelos preconceitos de seita, reconciliavam-se, dando-se o ósculo de paz; as portas das prisões abriam-se; as infelizes vítimas da lei ou das vinganças, que pelo espírito de partido então eram numerosas, recobravam a liberdade. Os usurários restituíam os bens mal adquiridos. Os credores devolviam os penhores que tinham em seu poder; perdoavam as dívidas da viúva e do órfão. Em todas essas acomodações, o homem de Deus era tomado por árbitro. Cada um se remetia ao seu parecer, com ilimitada confiança, da qual se valia ele para o bem geral da cidade. Por outro lado, as mulheres de má vida envergonhavam-se de suas desordens; os concubinários regularizavam sua posição; os lugares de jogos e folguedos se viam desertos. Ladrões afamados e salteadores de estrada deixavam a sua abominável profissão. Foi nessa época que Antônio converteu os doze bandidos, cuja história é narrada do seguinte modo no *Líber Miraculorum* de Wadding.

"No ano do Senhor 1292, um velho referiu a um Frade Menor que havia conhecido o Bem-aventurado Antônio. — Eu era, disse ele, salteador de profissão. Fazia parte de urna quadrilha de doze bandidos como eu; habitávamos nos bosques, e roubávamos a todos os viajantes que passavam perto de nós. Mas, tendo ouvido falar da reputação que o Bem-aventurado Antônio adquirira em suas pregações, resolvemos

todos doze ir ao sermão, certo dia, disfarçados. Não podíamos acreditar no que se contava, a nosso ver com exageração, sobre os efeitos que ele produzia; pois que o comparavam a uma tocha ardente e o chamavam um novo Elia? Uma tarde, pois, em que ele devia anunciar a palavra de Deus, pusemo-nos a caminho para ouvi-lo; mas enquanto prestávamos ouvido aos acentos que lhe saíam da alma inflamada, sentimos despertar em nossos corações o arrependimento dos crimes que tínhamos cometido. Ao terminar o discurso, era profunda a nossa compunção: consternavam-nos as lembranças de nossa vida maculada de perversidades. Quando o Bem-aveniurado Padre nos ouviu em confissão, um após outro, proibiu-nos continuar em nossas desordens. Aos que renunciassem a elas, prometeu as alegrias do paraíso; ameaçou dos suplícios do inferno os que sê obstinassem. Muitos violaram seus juramentos, e acabaram mal, conforme o Bem-aventurado lhes tinha predito. Os que foram fiéis a seus compromissos, adormeceram na paz do Senhor. — O velho acrescentou: — O bem-aventurado Antônio dera-nos por penitência fazer doze vezes a peregrinação ao túmulo dos Santos Apóstolos. É a duodécima que hoje completo. — À proporção que se adiantava nesta comovente narrativa, torrentes de lágrimas lhe corriam dos olhos. Segundo a promessa que o Bem-aventurado lhe tinha feito, ele esperava a paz da vida eterna, terminado que fosse o curso de sua vida mortal."

Os triunfos que obtinha Antônio no púlpito, levaram ao sagrado tribunal multidão enorme de penitentes de um e de outro sexo, impacientes por confessar os seus pecados. A custo podia ele acudir a toda a tarefa. Era auxiliado pelos Frades Menores e pelos sacerdotes seculares; mas todos eles juntos sucumbiam ao peso do trabalho. Muitos dentre os que se apresentavam para alcançar o perdão, declaravam ter recebido avisos divinos, e que tinham ordem de se dirigir a Antônio e de se submeter em tudo a seus conselhos. Outros não hesitavam em afirmar que, durante o sono, o homem de Deus lhes tinha aparecido e lhes dissera: Levanta-te Martinho; levanta-te Inês; vai procurar o tal Frade, e confessa-lhe o pecado que cometeste em tal lugar, e que ninguém sabe, senão só Deus.

Entretanto, Deus não deixava sem prêmio os trabalhos de seu servo. À parte as consolações íntimas de que lhe inundava a alma, fazia brilhar os milagres até no ministério obscuro e sem eco do confessionário. Um dia o Bem-aventurado tinha sido mais eloquente que de ordinário. Um homem do auditório ficou profundamente abalado por sua palavra e, quando se apresentou para acusar os pecados, soltava tão doidos suspiros, e tanto lhe cortavam a voz os soluços que não pôde proferir palavra. Disse-lhe então o Bem-aventurado que notasse por escrito os pecados, a fim de que ele os pudesse conhecer por leitura. O penitente fez o que lhe ordenava; mas, quando o homem de

Deus teve nas mãos o papel, a escrita desaparecera: tão apagada estava como se aí nunca se houvesse traçado uma letra. Esse fenômeno tinha uma significação muito elevada e muito grata. Era para o choroso penitente a prova de que os seus pecados estavam perdoados no céu. Expressava ao apóstolo que o labutar dele não era inútil, pois sua palavra determinava arrependimentos tão eficazes.

Mas o espírito do mal ardia em despeito por tantas maravilhas, que enfraqueciam o seu império. Inimigo irreconciliável de todas as boas empresas, para desviar dos seus pios desígnios o santo homem Antônio, cujo triunfo tanto subia, entrou a atormentá-lo com ilusões noturnas. "O que vou referir, escreve o Autor anônimo, não é fábula; o próprio homem de Deus confiou-o a um Irmão, ainda em vida. Uma noite durante a santa quarentena, no começo dos trabalhos apostólicos a que vimos que o homem de Deus se consagrara, para restaurar os membros abatidos da fadiga, buscava ele um pouco de repouso em alguns instantes de sono. Eis que de súbito o impuro Satanás invade a sua cela; e, agarrando-o pela guela, apertava-o com tanta violência que, se não o sustentara uma força divina, Antônio certíssimamente seria estrangulado. O Bem-aventurado invocou logo o nome da Mãe de Deus; e traçando na testa o sinal da Cruz redentora, entoou era voz alta O *glorioso Domina*. Assim pôs em fuga o espírito de trevas; e logo se sentiu livre de suas emboscadas. Quando, contente de o derrotar, procurava-o com os olhos, notou uma claridade celeste derramada em sua pobre cela, que a fazia resplandecer como um vestíbulo do Paraíso."

Depois desse combate de que saíra vitorioso, o intrépido apóstolo continuou a aplicar-se ao rude labor da pregação com uma energia que não conhecia desfalecimento. Os esforços do inferno para ir de encontro à sua obra, produziam o efeito contrário. O povo mostrava-se cada dia mais ávido de ouvi-lo. Estabelecera-se na cidade uma santa emulação: era a quem mais corresse para recolher os ensinamentos que caíam de boca tão eloquente. A afluência foi logo tão considerável que se tornou preciso instituir estações quotidianas em cada igreja, por turno; mas esta medida ainda não resolveu a dificuldade. Num momento, o espaço faltou de todo. Nenhum recinto podia conter as multidões que se apinhavam e cuja onda invasora crescia sem cessar. As mesmas praças públicas se acharam acanhadas; e então o Bem-aventurado pensou em ir para fora dos muros, para se instalar em campo aberto, "a fim de que, diz o Autor anônimo, o orvalho da doutrina celeste que corria da abundância de seu coração, refrigerasse a terra e lhe fertilizasse o seio." Sob essa tocante imagem, designa ele as almas que tinham sede da verdade e da justiça, e a quem o Bem-aventurado ia abrir as fontes sagradas para as dessedentar.

Viu-se então um espetáculo admirável, que se reproduziu mais de uma vez nos anais da Igreja; mas que raras vezes tem sido excedido. A região de que Pádua era capital, abalou-se por inteiro. Das cidades vizinhas, dos castelos, das aldeias, multidões inúmeras corriam ao teatro em que o homem de Deus, Antônio, desenvolvia o seu zelo, com a fundada esperança de que a doutrina de sua palavra os poria no caminho da salvação. Essa boa gente, que pertencia a todas as classes da sociedade, levantava-se no meio da noite; marchavam por caminhos difíceis; e procuravam antecipar-se uns aos outros. Para clarearem as trevas profundas levavam em mão archotes acesos; e seguiam a passos largos, a fim de serem os primeiros a tomar lugar em torno do púlpito do homem de Deus. Viam-se correr soldados e damas da mais alta nobreza, que não temiam aventurar-se no meio da noite. Ao passo que antes costumavam esperar que fosse alto dia para se erguerem, agora esqueciam a sua delicadeza e melindres; não lhe custava nada o vestirem-se antes da aurora, e esperarem durante muitas horas que o sermão começasse. Seu fervor manifestava-se por sinais ainda mais patentes. Elas voluntariamente se despojavam dos luxos da veste e do toucado; tinham renunciado a todo o arrebique e a quaisquer atavios que parecessem visar ao efeito. Cingiam vestidos de burel; pelo seu porte, dir-se-iam Religiosas, Nestas memoráveis circunstâncias, o bispo de Pádua dava o exemplo a seu rebanho. Ele assistia à frente de seu clero às instruções do Bem-aventurado, com edificante humildade. Sua presença contribuía não pouco para atrair as multidões e sustentar-lhes a coragem, no meio das fadigas inseparáveis de uma tal dedicação. Quando Antônio pregava, chegavam-se a contar em torno dele até trinta mil almas. A atenção que se lhe prestava de todos os pontos desta assembleia era tão viva que se não ouvia um murmúrio nem o mais leve ruído. Nesses dias os negociantes fechavam as lojas; não faziam vendagem senão depois de acabado o sermão: tão ardente era o desejo que tinham de ouvi-lo. As mulheres distinguiram-se entre o auditório, pelas piedosas indiscreções a que se entregavam. Tinham o cuidado de vir munidas de tesouras; e algumas cortavam devotamente partículas da túnica do Santo, para fazerem delas relíquias. As que logravam tocar a fímbria dessa pobre veste, julgavam-se felicíssimas.

Os testemunhos de respeito e de amor multiplicavam-se em torno de Antônio. Quando acabava de falar, precipitavam-se todos sobre ele; a muito custo defendia-se das carícias populares, que chegavam a lhe ocasionar algum perigo de vida. Precisou de se fazer seguir de homens robustos que formavam como que uma trincheira diante de sua pessoa. Outras vezes, usava de inocentes ardis para furtar-se às ovações que lhe preparavam, ou, aliás, esperava que a multidão se houvesse dispersado. Tinha então a liberdade de se retirar sem que o importunassem. Mas ele não gozava sempre da

tranquilidade que buscava. Um dia, ao entrar em Perúgia por veredas solitárias, a fim de evitar os aplausos da turba eletrizada por sua eloquência, uma mulher, tomando caminhos de atalho, pôs-se a correr para o alcançar ofegante e quase sem respiração, de tão precipitada que era a sua marcha. Trazia nos braços um filhinho paralítico dos braços e das pernas, desde o nascimento. Logo que chegou à presença do Bem-aventurado, lançou-se-lhes aos pés rogando-lhe com gemidos e lágrimas que se apiedasse de uma mãe infeliz e fizesse o sinal da Cruz sobre o menino. Tinha a esperança de que o doentinho recobriria perfeita saúde pela virtude dessa bênção. Como o servo de Cristo, por um sentimento de profunda humildade, se esquivasse a satisfazer o seu pedido, ela redobrou de lágrimas e soluços, e reiterou as súplicas, gritando: Padre Antônio, tende compaixão de mini. O santo homem, compadecido ante essa dor de mãe e a enfermidade da criança; instado também pelas exortações de seu companheiro de viagem, cuja piedade era notória, decidiu-se a traçar o sinal da Cruz sobre o menino, abençoando-o em nome e pelo poder de Jesus Cristo. Oh prodígio! O menino ergueu-se logo perfeitamente curado. Quando antes sua mãe, consternada, o trazia carregado ao colo, agora o reconduz à casa já restabelecido, levando-o pela mão. O homem de Deus, porém, não atribuiu a seus méritos a graça obtida, e sim à virtude daquela mãe. E, deixando-a recomendou-lhe que em todo o caso não propalasse o ocorrido, antes que ele morresse.

Pádua estava transformada. A heresia confundida entrincheirava-se no silêncio, que se tornara o seu último asilo; o vício já não levantava a cerviz; a discórdia não agitava mais as suas serpes nos corações; a verdade recuperara os direitos; a virtude triunfante patenteava-se em todos os seus encantos.

CAPÍTULO XIII

Antônio com o tirano Ezelino — O coração do usurário

Terminada a quaresma, o clero e os cidadãos mais notáveis de Pádua vieram solenemente à residência do bem-aventurado Antônio, para lhe agradecerem, em nome da cidade, o bem que fizera às almas e os serviços que havia prestado à causa pública. O homem de Deus não buscava os aplausos; dispensava até, de muito bom grado, as demonstrações de reconhecimento; mas estava exposto a elas, e não se lhes podia furtar facilmente. Nessa conjuntura, fechou o coração a todo o sentimento de complacência: reportou ao Senhor, fonte de todo o bem, a glória que se lhe atribuía.

Sua humildade foi sujeita a outra provação. Seus sermões haviam provocado tanta admiração, que, depois de tê-los ouvido, se queria ainda lê-los. Mas, como o eloquente apóstolo costumava abandonar-se à inspiração, e só trazia para o púlpito um esboço muito sumário, foi-lhe pedido os redigisse, a fim de que seus filhos tivessem dela esta recordação, e por esse meio pudesse prosseguir nos espíritos a obra de santificação que havia começado. É provável que o último destes motivos lhe tocasse o coração; porque, apesar de suas repugnâncias pela publicidade, se resolveu a fazer o que lhe solicitavam. Em consequência disto, fixou-se em Pádua por algum tempo, com grande alegria de todos os habitantes que temiam ver afastar-se muito prestes o homem de Deus, e que, contra toda a expectativa, iam gozar ainda a sua cara presença. Cercaram-no aí os testemunhos da mais alta veneração e terna estima. Faziam-se peregrinações ao seu convento; ainda vivo, ele era tratado como se estivesse já sobre o altar.

No entanto, pôs mão à obra e assentou, num rápido trabalho, os traços principais dos sermões que pregara durante a quaresma. Aproveitou o ensejo para levar mais longe essa empresa; redigiu os sermões que em suas obras completas vêm sob o nome de Sermões do tempo, a fim de se diferenciarem dos Sermões dos Santos.

Mas os acontecimentos políticos da Itália vieram arrancá-lo a suas gratas ocupações, para o precipitarem novamente na luta. Estava destinado para a ação; Deus que o havia armado todo para sustentar o santo combate, não lhe deixava nenhuma trégua. Ele nos vai aparecer sob um novo aspecto. Vimos já em obra o apóstolo; agora vamos ver o cidadão. Sempre fortalecido por sua caridade, ele vai assumir um papel que teria amedrontado a outros. Só, entre as vítimas e o algoz, conjurará terríveis males; e sustará os que não tiver podido impedir totalmente.

Nesse tempo, a Marca de Treviso estava sob a dominação de Ezelino de Romano.

Ezelino, já temível por seu poder, era o terror das populações pela crueza. Sufocava no sangue as menores revoltas contra sua autoridade. Por sua ordem, matavam-se às porções, nas praças públicas, os cavaleiros e os cidadãos grados: depois, faziam-se-lhes os corpos em postas, que se juntavam para as queimar. Os amigos, os parentes, os irmãos a traiçavam-se uns aos outros ou matavam-se reciprocamente pelas próprias mãos, crendo ganhar com isto as graças do tirano, que, poucos dias após, os fazia morrer também a eles. Mandara cegar os filhos dos nobres, depois deixava-os morrer à fome nas prisões, onde pereciam também não poucas damas e donzelas da nobreza. Todos os dias morria gente na tortura, e dia e noite se lhe ouviam os gritos lamentáveis. Todavia, ninguém ousava queixar-se publicamente de tantos

males: era preciso elogiar a Ezelino, intitulá-lo de justo, sábio, conservador da pátria, e desejar-lhe a vida e a vitória; e ainda com essas bajulações nada se ganhava. Sempre igualmente desapiedado, não poupava idade, nem sexo, nem profissão. Tratava assim ao clero como ao povo, aos religiosos como aos seculares. Tomava os bens dos bispados, das abadias, e dos outros benefícios; e deles servia-se para cometer mais facilmente seus crimes. Não havia mais pregação, nem confissão, nem visita dos lugares santos, nem prática nenhuma exterior de devoção. Verona foi uma das cidades italianas sobre as quais exerceu Ezelino as mais cruéis vinganças. Tomada de assalto, foi entregue a uma soldadesca furiosa. Os horrores do morticínio recordavam o que a história conta da carnificina de Tessalônica.

A tais novas, Pádua temeu ter a mesma sorte: o pânico foi universal. Antônio, a quem a caridade fazia intrépido, resolveu ir em pessoa exprobrar ao tirano tais crimes e procurar detê-lo em seus projetos sanguinários, ameaçando-o com os juízos de Deus. Como fosse iminente o perigo, pôs-se presto a caminho, com o aplauso de toda a cidade, que o saudava de antemão como a um salvador, e fazia votos pelo êxito feliz do passo que dava. Poucos dias após, chegava ele a Verona, e ia tranquilamente bater às portas do palácio do terrível Ezelino. Logo que se achou em sua presença, o Espírito de Deus inspirou-lhe um ânimo admirável; sem medir os perigos que corria, falou-lhe com liberdade apostólica: "Ó inimigo de Deus, exclamou ele, tirano cruel, cão enraivado! Até quando continuarás a derramar o sangue inocente dos cristãos? Sabe ao menos que não escaparás aos castigos que Deus te reserva: eles serão proporcionados aos teus crimes." Continuou a sua fala nesse tom, dirigindo-lhe as mais duras recriminações que ele já ouvira. Ezelino estava nessa hora cercado de seus guardas, que escutavam estupefatos as invectivas do santo homem. Conhecendo bem o temperamento do amo, eles não tinham a mínima dúvida de que lhes daria a ordem de o matar imediatamente; esperavam somente o sinal, para executá-lo. Mas Deus, que tem nas mãos os corações dos reis, dispôs muito diversamente. Com grande espanto dos guardas, o tirano ficou abalado pelo discurso tão veemente e ousado de Antônio. Entrou a arrepender-se dos excessos a que se entregara; e, depondo repentinamente a sua ferocidade natural, feito mais manso que um cordeiro, suspendeu ao colo o boldrié. Prostrou-se aos pés do homem de Deus, e, por entre a surpresa de todos os assistentes, confessou humildemente seus pecados; prometendo corrigir-se, conforme o desejo que lhe fora manifestado. Ezelino, ao levantar-se, voltando-se para os seus esbirros, leu-lhe nos olhos a decepção que a sua conduta lhes havia causado. Então revelou-lhes o que lhe sucedera, quando ouvia as apóstrofes de Antônio. — Caros companheiros d'armas, lhes disse ele, não fiquéis surpresos nem indignados. Eu vo-lo digo com toda a sinceridade, e

estou certo de que é a verdade: vi uma luz divina sair do rosto desse Padre, quando ele me falava; e tão apavorado fiquei dessa visão, que julguei ir ser precipitado no mais profundo do inferno.

Depois da cena que acabo de narrar, Ezelino teve Antônio em grande apreço. Enquanto o Santo viveu, ele evitou fazer ao povo o mal de outrora, por consideração aos méritos desse patrono e pelos compromissos que tomara publicamente. Não parece, entretanto, que se houvesse convertido de todo. O mau gênio do imperador, Frederico II de quem favorecia a política, e o âmago de seu natural, que ele não pudera mudar de um jacto, impeliam-no sempre a medidas cruéis; à força de derramar sangue, e de lhe respirar o odor, havia contraído uma espécie de monomania homicida. Temos a prova disto nas sortidas frequentes do Santo contra o seu governo. Antônio denunciava do alto do púlpito a sua tirania; lançava protestos arrojados contra a sua crueldade. Todavia, — é isto digno de nota —, nunca Ezelino usou de violência contra ele. Respeitava talvez a sua popularidade; talvez não pudesse livrar-se de lhe ver no rosto esse raio divino que nele produzira tão surpreendente efeito. A realidade, porém, é que não era sincero; procurava desembaraçar-se dele, armando-lhe ciladas. Um dia, quis experimentar-lhe a retidão e o amor da justiça: enviou-lhe um belo presente, com grande aparato. Pôs em ordem de marcha todos os servos de seu palácio, e deu-lhes as seguintes instruções: Apresentareis em meu nome este presente a Fr. Antônio, com toda a deferência e piedade de que fordes capazes; se o aceitar, imediatamente o degolareis, se, ao contrário, o repelir com indignação, suportai pacientes suas rudezas e arrebatamentos; voltai para o palácio sem lhe fazer nenhum mal. Os servos executaram à risca as ordens recebidas.

Ministros hipócritas de um príncipe de astúcia e de velhacaria, apresentaram-se ante o homem de Deus; e, após reiteradas demonstrações de profundo respeito, disseram-lhe: Vosso filho, Ezelino de Romano, recomenda-se a vossas orações; ele roga que aceiteis este pequeno presente que vos envia como um penhor de sua dedicação, e que ofereçais a Deus pela salvação de sua alma as vossas fervorosas orações. Mas o bem-aventurado Antônio não caiu na, armadilha que lhe entendiam: repeliu com indignação o presente, cobrindo de exprobrações os que lho traziam. Ide, lhes respondeu ele; não quero partilhar com vosso amo os despojos do pobre povo. Todo os vossos tesouros perecerão, e vós com eles. Retirai-vos da minha vista o mais depressa possível; não mancheis por mais tempo este lugar com a vossa presença. — A tais palavras, os servos ficaram confusos; voltaram para o tirano, contando-lhe o que lhes tinha sucedido. Este limitou-se a dizer : Antônio é o homem de Deus; deixai-o tranquilo; agora, diga ele de mim o que quiser.

Porém a estadia do Bem-aventurado em Pádua, após sua missão de Verona, não foi de longa duração. Logo que deu a última demão à redação de seus sermões, e satisfeita a piedade dos fiéis, para os quais sua presença era uma festa, dirigiu-se para Bolonha. Aí realizou um milagre de primeira ordem.

Certa mulher foi acusada de um grande crime, que os autores não caracterizam. Inocente, ela era vítima de uma intriga infernal, cuja urdidura a sagacidade dos magistrados não lograva deslindar. A infeliz tinha por si tão somente a sua consciência. Isto, porém, não bastava diante dos homens; estava, pois, em risco de perder a honra e a vida. No meio de suas angústias, recorreu ao Bem-aventurado, que parecia ser enviado do Céu, expressamente para a tirar do embaraço. Ele, vendo nos braços da infeliz o menino que amamentava, teve a inspiração de invocar o testemunho deste pelo Deus que faz os surdos ouvirem e que dá eloquência aos lábios das criancinhas de peito. Interrogou-o, de fato; e logo a língua da criança desatou-se: ela proclamou, diante da imensa multidão, a inocência de sua mãe; dando assim a vida aquela de quem a tinha recebido. É a esse milagre que se alude na liturgia franciscana, no ofício do Santo, onde se lêem estas palavras : "A inocência é proclamada pela boca do menino de peito; por ele o Senhor sufoca a inveja e o espírito de vingança."

Nisto o ministro geral João Parente, natural de Florença, querendo ser agradável à sua pátria, deu-lhe por missionário o mais ilustre de seus filhos. Antônio chegou a esta cidade no fim de Novembro de 1228. Achou-a, como então estava a maior parte das comunas da península, presa das agitações da guerra civil.

Assim achou um vasto campo aberto a seu zelo apostólico. Durante quatro meses que aí residiu, com o seu costumado vigor atacou as paixões dominantes. Sempre poderoso pela palavra, infatigável na ação, achando forças para despender, até mesmo quando a natureza levada já ao extremo pedia tréguas, ele exerceu profunda influência. Os grandes efeitos eram já inseparáveis de seu ministério.

Contra o costume, os historiadores da vida do Bem-aventurado relatam poucos fatos notáveis de sua missão em Florença. Citam, entretanto, o seguinte milagre, que permite supor outros cuja narração não tenha chegado até nós. Um dia o homem de Deus devia falar nos funerais de um usurário notório. Tomou por tema de seu discurso este texto do Evangelho (S. Mateus VI, 21): "Onde estiver o teu tesouro, aí estará teu coração". No desenvolvimento de sua ideia, disse entre outras coisas: Este rico morreu e foi sepultado ao inferno. Ide revistar o seu cofre, e lá achareis seu coração, apesar de já

estar enterrado o cadáver. — Os parentes e os amigos do morto abriram, de fato o cofre, e encontraram o coração do usurário no meio das moedas de ouro e de prata.

Após a quaresma o Bem-aventurado Antônio, que nunca recuava, aplicou-se aos deveres de seu cargo. Sempre dedicado aos interesses de sua Ordem e cioso de lhe aumentar a glória a fim de melhor promover a de Deus, pôs-se a caminho para visitar sua província. Estava-se então na primavera do ano de 1229.

Nessa época, o Bem-aventurado fundou na pequena cidade de Varese um convento de Frades Menores. Todas as suas obras tinham inícios modestos, porque a todas queria ele dar o cunho da humildade; por saber, pela experiência, que elas não prosperam noutras condições. Tinha sempre ante os olhos a pobre cabana abandonada ao lado da cidade de Assis, em que o homem de Deus, Francisco, se recolhera com seus companheiros; onde viveram segundo a forma da santa Pobreza, ocupados no trabalho e contentes de pouco; procurando a sua refeição muito mais no pão das lágrimas que nas delícias da mesa.

Adquiriu uma casa de mesquinha aparência, para onde chamou certo número de religiosos. Presidiu ele mesmo à sua instalação; antes de os deixar, assegurou-se de que tinham em seu pobre convento as coisas mais indispensáveis: ele não temia descer às mais particulares minudências. Era um dispensador fiel e prudente que o Senhor havia constituído para governar sua casa, a fim de que lhe desse na hora oportuna a medida de frumento necessária. Mandou cavar um poço no meio do pátio: as águas jorraram logo em abundância.

Entretanto, os habitantes de Vercelli, pela fama que corria do benefício que o homem de Deus concedera a Varese, reclamaram a sua parte na mercê. Enviaram-lhe delegados, para lhe pedirem que voltasse àquela cidade, a fim de benzer as águas de sua principal cisterna. Ele prestou-se complacente a esse desejo. Voltando atrás, chegou a Vercelli, donde saíra pouco tempo antes; dirigiu-se à praça pública; e, ante o povo reunido, deu sua isenção à cisterna, cujas águas para logo se tornaram medicinais.

O poço de Varese e a cisterna de Vercelli conservaram por longo tempo a virtude que o Bem-aventurado lhes comunicara; alguns autores pretendem até que a possuíam ainda no século passado.

Mântua foi a última estação da viagem apostólica do Bem-aventurado. Durara ela mais de um ano; e fora fecunda era magníficas empresas, em toda parte coroadas de êxito. Caro, porém, custava tudo isso ao bravo apóstolo: havia sofrido longas fadigas;

todavia, sempre a exultar de alegria, mesmo no meio dos mais árduos trabalhos. O pensamento de que se dedicava à glória de Deus e à dilatação de sua Ordem, sustentava-lhe o ardor. Ele dizia com S. Paulo: *Jesus Cristo é a minha vida; a morte para mim será lucro.*

CAPÍTULO XIV

Trasladação do corpo de S. Francisco — Capítulo Geral

O ministro geral da Ordem dos Menores havia dirigido cartas de convocação aos Frades espalhados por toda a Europa, assim como aos príncipes cristãos, para a solene trasladação do corpo do bem-aventurado Franciscano, recentemente inscrito no catálogo dos Santos, para a nova igreja dedicada à sua memória. A cripta dessa igreja, destinada a receber aquele precioso tesouro e a defendê-lo contra os assaltos que lhes pudesse dar uma devoção indiscreta, estava acabada. Tinham-na cuidadosamente fortificado em todas as suas faces; nesses tempos, não eram inúteis semelhantes precauções. As cartas de convocação diziam também que se celebraria em Assis o Capítulo Geral, no qual se deveriam tratar negócios graves, concernentes ao bom governo da Ordem. Elas anunciavam, finalmente, haver esperanças de que o soberano pontífice presidisse à cerimônia.

Motivos tão poderosos atraíram de todos os pontos da cristandade um imenso concurso. Contaram-se em Assis mais de dois mil Frades. A multidão de povo, composta de homens de todas as idades e condições, era tão considerável que não pôde acomodar-se dentro dos muros da cidade. Foi preciso distribuí-la pelos subúrbios e campos circunvizinhos, aos magotes, que se alojavam em tendas e, como lhes era possível, se proviam do alimento, que chegou a escassear.

Quando o bem-aventurado Antônio recebeu a ordem de ir a Assis com seus Irmãos, deixou os trabalhos empreendidos em Veneza, e apressou-se a partir. Impeliamento o espírito de perfeita obediência de que era animado, e sua ternura de coração para com o santo Patriarca, de quem se iam exaltar os ossos na terra, como glorificada fora sua alma no Paraíso.

Depois que foram terminados os preparativos, a trasladação do corpo de S. Francisco realizou-se no dia 25 de maio, véspera de Pentecostes. O caixão de madeira

que o encerrava na igreja de S. Jorge, foi levantado da cova ao som de trompas e de outros instrumentos de música; puseram-no sobre um bellissimo carro, decorado de magníficos ornatos, e puxado por bois cobertos de escarlate : seu extremo peso tornara necessário esse meio de transporte. O ministro geral e outros padres considerados da Ordem haviam sido nomeados peio Papa comissários da trasladação, com plenos poderes para agir em seu nome e com sua autoridade; mas não lhes foi possível desempenhar essas funções. Os magistrados de Assis, que traziam muita gente armada, à força apoderaram-se do santo corpo; não admitiram que outros se aproximassem dele, temendo, sem dúvida, que o levassem ou dele roubassem alguma parte. Chegado à igreja o préstito, eles opuseram-se ao desejo que mostravam todos de contemplar os sagrados restos; tiveram o arrojo de tomá-los consigo, no meio do tumulto, com as suas próprias mãos tocando o sagrado depósito para o collocarem no jazigo que lhe estava destinado, sem permitir aos Frades venerarem o corpo de seu Patriarca. Por esse modo causaram uma perturbação e confusão indescritíveis. Estes fatos estão consignados numa carta que Gregório IX dirigiu aos bispos de Perúgia e Spoleto, na qual censura severamente os magistrados de Assis e pede reparação pelos ultrajes feitos à sua dignidade.

Na tarde mesma da festa, os frades presentes em Assis reuniram-se em Capitulo, e puseram em deliberação questões capitais de que dependia o futuro da Ordem.

Neste memorável Capitulo, o bem-aventurado Antônio representou um dos principais papéis. Pouco depois encontramo-lo em Roma, onde recebeu de Gregório IX o mais benévolo acolhimento. O velho pontífice não havia esquecido o monge de palavra ardente e profundeza de doutrina, que, três anos antes, agitara a Cidade eterna e lhe arrancara gritos de admiração. Ele tornava agora a vê-lo, mas revestido de maior prestígio; as cidades italianas que este havia evangelizado formavam-lhe um cortejo a seus olhos, apertando-o ao peito, abraçava península apaziguada e regenerada. Gregório IX applicou o maior cuidado ao exame das dúvidas que lhe eram submetidas pelos delegados do Capitulo geral. A parte a graça de estado ligada à Cadeira de Pedro para julgar as contendas que se levantam na Igreja, tinha ele sido o amigo de S. Francisco; chegara a conhecer o seu pensamento íntimo, porque lhe recebera as confidências; melhor que ninguém, podia fixar o sentido da Regra do Patriarca e restabelecer a concórdia entre seus filhos divididos. Mas, como sabia que tesouro tinha à mão, não se descuidou de aproveitá-lo. Apesar da presença do ministro geral em Roma, era Antônio que ele consultava em conferências frequentes e prolongadas. Preferia o espírito de Deus ao espírito do homem, porque dirige mais seguramente, sobretudo quando se trata de traçar as linhas da teologia mística e os caminhos da perfeição religiosa. Antônio era

"um verdadeiro filho de luz". A bela denominação que a antiguidade lhe deu, era justificada não só por essa luz da graça de que estava cheio, e que se traduzia exteriormente por obras de vida e de caridade; mas ainda pela outra luz que lhe inundava a inteligência, e que, comunicando-se às almas, derramava na Igreja salutares claridades. Nesse momento crítico, o Santo deixou cair sobre a sua Ordem um raio de seu coração, pelo qual veio a exercer sobre os incertos destinos dela uma considerável influência. Um de seus mais autorizados historiadores afirma, sem que por outro seja contestado, que ele teve a parte principal nas decisões proferidas pela Santa Sé sobre as questões propostas. Atribui-lhe até a redação da constituição em que elas se contêm: assim Antônio por seus serviços colocava-se ao lado de S. Francisco, que não reparte com outro a glória de legislador da Ordem seráfica. O mestre havia formulado ao pé da Cruz máximas sublimes, que podiam pela própria beleza perturbar a sua posteridade, intimidando a fraqueza do maior número. O discípulo explicava, sob a guarda do pontífice romano, a doutrina do amor e do sacrifício: evitando todos os extremos, ele reconduzia os dissidentes; animava os pusilânimes; continha os imprudentes; recompondo assim a unidade de sua família monástica, por um instante ameaçada. Mais tarde, S. Boaventura, feito ministro geral, escrevera a sua Exposição sobre a Regra dos Menores, que virá a ser clássica e dirigirá durante séculos os destinos da Ordem. A realidade, porém, é que ele porá em obra os materiais deixados pelo gênio piedoso de Antônio, cujo mérito irá assim imergir-se no trabalho imortal de um de seus Irmãos. Não se devem temer as repetições, quando se quer pôr em relevo o traço distintivo de uma fisionomia de santo. A vocação de Antônio não era ficar obscuro, fazendo grandes coisas. O que dele se narra não é a metade daquilo que executou. Ele está sepultado como uma pedra preciosa no campo do pai de família. Cada vez que o analista revolve este solo sagrado, comete indiscrições trazendo à luz algum novo aspecto dessa alma bem-aventurada.

Gregório IX, que, desde muito, conhecia as qualidades apostólicas de Antônio, pudera medir nesta solene circunstância as sérias aptidões de que era ele dotado para o governo. Por isso resolveu prendê-lo à sua pessoa, com a esperança de colher dele preciosos serviços. Estava já velho, os tempos eram difíceis, encontrava-se às presas com paixões indomáveis, exposto sempre a ter de sair de Roma que a astúcia e a violência lhe disputavam à porfia; não era demais que tivesse em torno de si homens de talento e de caráter, para sustentarem a situação. Antônio era um destes; mas recusou as sedutoras ofertas do pontífice. Outro teria provavelmente sido mais dócil não faltavam razões para as aceitar. Mesmo impondo silêncio à voz da ambição, poder-se-ia encarar o bem que se oferecia a fazer em funções ministeriais cuja influência se estende a todo o

universo. Os perigos que delas eram então inseparáveis, provocando as generosidades do coração, acabavam por tranquilizar uma consciência delicada. A corte pontifícia, a despeito do esplendor que a cercava, não podia ser comparada à corte dos príncipes seculares: a santidade não se sentia por demais constrangida sob os seus tetos dourados.

Mas Antônio tinha uns surtos que iam acima dessa honesta teologia. Não lhe bastava servir a Igreja; precisava ainda servi-la sem proveito para a própria glória. Um atrativo irresistível conduzia-o longe das dignidades eclesiásticas e do rumor dos negócios.

Ferido no coração com uma flecha de amor divino, buscava no silêncio da solidão, as emoções da oração e as austeras alegrias do sacrifício. Ele era como que um exilado por Deus e por si próprio, no meio das assembleias públicas; a menos que não fossem compostas de homens do povo e de pecadores afluídos para ouvirem a palavra evangélica.

Oh! como é grande a alma dos santos, elevando-se acima de todas as grandezas!
Quanto suas aspirações diferem das nossas!

A vida, para nós, passa-se em cálculos mesquinhos, com o fim de aumentar uma polegada à nossa estatura; e nem sempre o atingimos. A deles é um esforço contínuo para atirar o mundo aos pés, pondo-se eles mesmos sob os pés de todo o mundo: triunfam, abatendo-se. É salutar esse espetáculo. Condenando a nossa vaidade, ele prepara-nos para o desapego das coisas deste mundo, ao qual — ah! — nunca, chegamos inteiramente.

Se o bem-aventurado Antônio foi admirável por seu desinteresse, Gregório IX não o foi menos pelo respeito de que cercou as disposições do humilde monge. Bastar-lhe-ia dizer uma só palavra, para lhe vencer as repugnâncias e pô-lo a seus joelhos, na posição de filho que ouve a um pai. Esta palavra, o Pontífice não a proferiu. Animava-o, já se vê, o senso reto e superior que Jesus Cristo dá a seu Vigário, e com o auxílio do qual este discerne a ação da graça divina em uma alma, e o desígnio da Providência na direção dos interesses da Igreja.

Gregório IX compreendeu que um santo exerce influência mais profunda que um sábio ou um homem d'Estado. Demais, ele considerava que se pode achar um sábio e formar um homem d'Estado, porém não se inventa um santo. Abençoou, pois, com ternura o amável Antônio, que, esclarecendo com os seus conselhos as deliberações do palácio, havia embalsamado Roma com o perfume de suas virtudes; e soltou a cândida

ave do Senhor, que, recobrando as asas, voou para as cumiadas do Alverne, a repousar aí e desafogar-se em gemidos de amor.

CAPITULO XV

Antônio de volta à Pádua

Saudemos a Alvéria, á montanha dos prodígios, amada pelos filhos de S. Francisco, e que não é estranha a nenhuma alma cristã. O bem-aventurado Antônio não foi o contribuinte único de sua glória; ele partilha com outros esse mérito; mas deixou traços de si nessas cumiadas, o que justifica a narração que insiro nesta história.

A calcularem-se as datas dos acontecimentos do ano 1230, sem custo se abraça o parecer dos que sustentam que o bem-aventurado Antônio, em seu regresso de Roma, se retirou para a Alvéria, mais ou menos ao aproximar-se o sexto aniversário da estigmatização de S. Francisco: sabe-se que ela succedeu no dia da Exaltação da Santa Cruz, a 14 de setembro de 1224. Sua devoção para com o seráfico Patriarca, e pelas chagas de que este havia sido honrado, aumentou ainda, quando ele galgava a montanha em que o prodígio se tinha realizado; numa hora que ressuscitava a sua recordação toda recente. Prostrou-se com ambos os joelhos, e banhou com suas lágrimas, cobriu de ósculos, o lugar querido em que o Cristo visitara seu servo. Não precisou, para imitar a Moisés diante da sarça ardente, descalçar as sandálias; porque trazia os pés nus. Mas despojou-se perfeitamente de si próprio, para se abandonar à ação da graça, que o solicitava mais vivamente que de costume. Durante os dias que passou na Alvéria, entrou num profundo recolhimento; esqueceu o mundo, aproximou-se do céu, e, por entre as fadigas da vigília e as do dia que se seguia, experimentou as delícias da santa oração.

Deixou saudoso a santa montanha, donde havia tocado o céu com a mão: sentia que lá se respirava bem acima das tempestades da vida. De bom grado teria ele cavado aí sua tumba, para esperar a ressurreição. Davam-lhe os seus serviços direito de aspirar ao repouso : mas o tempo ainda não era chegado. Deus, que o reservava para coisas transcendentas, o havia conduzido à Alvéria a fim de que se enchesse aí do espírito de S. Francisco e haurisse a força para defender a sua Ordem em perigo. Desceu, retemperado para as supremas lutas.

Depois da quaresma, o Bem-aventurado, desejoso de dar também a Deus e à Igreja os restos de sua vida, percorreu os campos que cercam Pádua, pregando nos

povoados e nas aldeias que encontrava no caminho. Prolongou os santos exercícios de sua missão até a festa de Pentecostes. Foi, no entanto, constrangido a parar, porque se aproximava a época, da messe, e os camponeses, ocupados em colher os frutos da terra, estavam impossibilitados de acompanhar suas instruções.

Não obstante a pureza de intenção que presidia a todas as obras de seu apostolado, estava ele fatigado de tão frequentes relações com os seculares. Por isso, pensou em deixar a cidade e se recolher à solidão e para se aplicar mais livremente à oração e ao estudo da Santa Escritura. Escreveu uma carta a seu provincial, a lhe pedir licença para seguir esta inclinação. Fechada a carta, deixou-a sobre a mesa e saiu para ir com muita humildade pedir ao guardião que lhe proporcionasse um correio para levá-la ao destino. Logo que o achou, o servo de Deus voltou à cela para tomar a carta; mas, a despeito de procurar com muito cuidado, não a descobriu mais no lugar onde estava um momento antes. Imaginou que talvez não fosse vontade de Deus se afastasse ele do convento em que estava, para se meter na solidão, e que tal fosse a causa desse desaparecimento. Dominado por este pensamento, abandonou seu primeiro projeto; e disse ao guardião que não mais se inquietasse pela expedição da carta. Mas oh prodígio! — quando foram decorridos tantos dias quantos precisaria o correio para levar a carta e voltar ao convento, o bem-aventurado Antônio recebeu do provincial uma resposta ao pedido que tencionara dirigir-lhe. O provincial permitia-lhe retirar-se para o lugar que ele escolhera, fazendo votos para que gozasse muitas consolações espirituais.

Antes de partir, quis prestar um último serviço aos habitantes de Pádua: ele não deixava escapar nenhuma ocasião de lhes testemunhar sua dedicação. Ezelino continuava a oprimir Pádua e todo o território que dominava. Para melhor vencer-lhes as resistências, levou para Verona reféns, escolhidos entre os cidadãos mais distintos; e lhes fez sofrer cruéis tratamentos, ameaçando-os de sorte ainda mais dura. Os magistrados da cidade, aflitos por tal situação, e solicitados também pelas famílias das vítimas, tinham recorrido aos meios ordinários; mas sem êxito. Lembrou-lhes então a diligência que o bem-aventurado Antônio fizera o último discurso que proferia na terra, dirigia-o a um príncipe, a fim de livrar a uma desgraçada junto a Ezelino, três anos antes, após o morticínio de Verona; e a impressão sobrenatural que nele produzira com a liberdade de sua linguagem. Tinham a esperança de que, não havendo diminuído o seu prestígio, pudesse ainda ele tocar o coração do feroz tirano. Vieram, pois, suplicar-lhe que se interpusesse uma vez mais e advogasse a causa de Pádua. O Bem-aventurado, sempre pronto para fazer o bem, partiu conquanto já enfermo. Chegado à presença de Ezelino, fez valer, o melhor que pôde, os motivos de humanidade capazes de o comover e desarmar sua cólera. Muito provável é que não fosse menos eloquente que outrora: era

cidade dos males que sobre ela pesavam; todavia, naufragou. Ezelino, que tivera outrora uma quase devoção por ele, sem lhe retirar agora o seu apreço, ficou inexorável ante as suas súplicas e lágrimas: era quiçá, a primeira derrota do bem-aventurado Antônio. Ele sabia que o homem nada pode, mau grado as suas faculdades, quando o céu não lhe vem em auxílio : Deus pareceu recordar-lhe esta verdade, permitindo que a sua palavra não produzisse então nenhum efeito ali onde antes ganhara esplêndida vitória. O bem-aventurado retirou-se do palácio de Ezelino, exprimindo o voto de que esse príncipe se desprendesse dos laços da facção gibelina, de que era o escravo. Em seu coração, ele rogou a Deus que cobrisse com a sua proteção a cidade de Pádua, e com a sua graça a consolasse nas provações que atravessava.

Desde muito conhecia já o servo de Deus a hora de sua morte: estava próxima; porém, para não contristar a seus Irmãos, não lha quis revelar. O Autor anônimo, segundo a Variante dos Bolandistas, dá como prova da presidência que ele tinha de sua futura glorificação, um tocante fato, que estabelece uma analogia mais entre S. Francisco e o bem-aventurado Antônio. Da mesma sorte que S. Francisco, ao morrer, tinha abençoado Assis, o bem-aventurado Antônio quis abençoar Pádua.

Cerca de quinze dias antes de sua morte, o bem-aventurado Antônio, sentado numa colina, olhava a planície ornada, nessa, estação, de todos os encantos da primavera. Lançou os olhos sobre Pádua, que se expandia no centro e parecia sair de um ramalhete de flores. Sentiu então um estremecimento interior; e entrou a felicitá-la pela beleza de seu sítio e peia coroa que Deus lhe cingira à frente. Depois, voltou-se para o companheiro de excursão, e profetizou a glória de que ela se cobriria. Mas não disse qual seria essa glória, nem de quem lhe viria. O acontecimento incumbia-se de esclarecer o mistério. No dia seguinte à morte do bem-aventurado Antônio, Pádua já colherá os benefícios das palavras que lhe dirigiu ele ao deixá-la. Começará então a procissão dos povos, que de todos os lados a virão visitar; seus muros serão muito acanhados para conter as multidões. Noite e dia nela ressoarão os louvores de seu incomparável apostole; sucumbirá sob o peso e a magnificência dos presentes de que se ornarão os seus templos; inundar-se-á de milagres que se consumarão em seu seio, em torno do altar em que repousará seu tesouro. O nome de Antônio será o seu mais belo título; por esse nome, eia será uma consolação para todos os infelizes. “Ó Pádua, cidade querida por Deus, outrora tão feliz nos imortais dias de Antônio. Tens razão de te entregar à alegria e de te desafogar em transportes. Sê sempre digna da bênção de teu Antônio, que te granjeou um magnífico patrimônio de glória; guarda com zelo até o fim, o depósito que o céu te confiou.”

Entretanto, o homem de Deus, Antônio, cuidou em utilizar-se da permissão que obtivera do seu provincial: partiu para Campietro, aldeiazinha ao norte de Pádua, numa região muito retirada e pacífica. Vivia aí um fidalgo chamado Tisso, que tivera uma existência tempestuosa, nos campos em tempo de guerra, e durante a paz nos países em que continuava a profissão das armas. Ele, porém, soube reparar todas as suas desordens com uma vida exemplar: Deus serviu-se do bem-aventurado Antônio para reconduzi-lo a si. Tocado por sua palavra, renunciou à milícia e às honras do século; pôs a sua pessoa e bens à disposição do santo homem, para seguir em tudo os seus conselhos. Entrou para a Ordem Terceira de S. Francisco; e foi até o fim um modelo de virtudes. Causou-lhe alegria indizível a chegada de seu pai espiritual; fez-lhe um acolhimento respeitoso e terno; cercou-o de atenções e de cuidados. Tinha ele em seus domínios um pequeno bosque, situado à curta distância do convento dos Frades, no qual havia uma gigantesca nogueira que se esgalhava em seis ramos, que, elevando-se e reunindo a sua folhagem, formavam uma espécie de coroa impenetrável aos raios do sol. Ao ver esta nogueira, desejou o homem de Deus que se lhe construísse entre os ramos dela uma cela, porque o lugar lhe parecia muito próprio para favorecer o recolhimento e a tranquilidade d'alma. E o bom Tisso, informado, pelos Frades, desse pio desejo do santo homem, ocupou-se logo em construir três celazinhas, uma para o Bem-aventurado, e as outras duas para Fr. Lucas de Belludi e Fr. Rogério, seus companheiros de viagem. Fez este trabalho, com muita devoção; acabado que foi, os três solitários instalaram-se no seu convento aéreo.

No fundo de sua cela verdejante, levava o bem-aventurado Antônio a vida eremítica, fruindo inefáveis delícias. Ele nutria-se dos sucos balsâmicos da Santa Escritura; dava-se amiúde à contemplação. A nogueira de Campietro foi sua derradeira morada, enquanto viveu entre os homens. Aí, separado das turbas tumultuosas e do rumor dos acontecimentos do mundo, pensava em si, ocupado sempre em meditações, e absorto em orações fervorosas. Assim se elevava cada vez mais alto, acima das cousas perecíveis; e purificava seu coração de todas as máculas que sói o coração humano contrair nesta vida. Sublime penitente, que tinha de expiar tão somente a sua inocência, ele examinava cuidadoso os grãos de pó que com o trato dos seculares teria em si. Quando cria ter descoberto qualquer imperfeição, ainda leve, derramava abundantes lágrimas de compunção; verdadeiro batismo, que, não achando máculas a lavar, lhe fazia resplandecer a alma com todo o brilho das pedras preciosas. Sentia-se bem que ele estava à porta do Céu, e que ia entrar na posse da felicidade dos escolhidos.

Entretanto, parece que a solidão não foi até o fim absoluto. Refere um escritor que, tendo a multidão sabido a sua estada em Campietro, correu das aldeias vizinhas para ver o santo homem e gozar-lhe ainda a arrebatadora e salutar palavra. Embora esse

fato repouse sobre um só testemunho, ele é verossímil, depois do que tenho referido sobre o apostolado de Antônio e as maravilhas que produzia. Como esconder-se, quando se está assim em todos os corações e em todos os lábios! Quando se tem uma das mãos estendida para a Igreja, e a outra sobre a pátria; e, levantando-se os braços, como que se levanta e suspende neles o seu século, inteiro ! O Bem-aventurado não pertencia mais a si; ele tinha seduzido as almas: as almas o buscavam, por toda parte. Antônio lhes perdoava as indiscrições; e, como o Divino Mestre no deserto, não as despedia em jejum, por medo de que caíssem desfalecidas no caminho. Então a noqueira de Campietro deixava de ser uma cela para se tornar uma tribuna. Do alto desse púlpito, o eloquente apóstolo pregava a seu auditório o reino dos céus. O sermão da montanha pôde vir a ser o sermão da noqueira. As bem-aventuranças, que resumem toda a moral cristã, e às quais Jesus Cristo comunicou tanto encanto, foram como que mais patéticas ainda, caindo de uma boca que ia fechar-se. Ao cair da tarde, quando o sol baixava no horizonte, os fiéis arrebatados retomavam o caminho de suas casas. Um dia, por fim, o bem-aventurado Antônio desceu de sua noqueira: era para morrer.

CAPÍTULO XVI

Ultima enfermidade e morte do Santo

O Bem-aventurado Antônio retirado em Campietro, ao lado de um convento de sua Ordem, dava à contemplação as horas livres. Mas seu amor à observância regular não lhe permitia dispensar-se dos exercícios da comunidade. Deixou, pois, o retiro, segundo o seu costume, e voltou para os Irmãos, a fim de tomar com eles sua refeição. Foi nessa hora que a mão de Deus o tocou para lhe dar o sinal da partida. Apenas se havia sentado à mesa, as forças o abandonaram: repentinamente, perdeu o equilíbrio. E o mal-estar que experimentava aumentou mais e mais; foi constrangido a levantar-se, e, encostado aos braços de seus Irmãos, tentou caminhar. Mas lutou em vão contra o desfalecimento: não pôde sustentar o peso dos membros, e entendeu-se num leito de palha. Sentiu então que a dissolução de seu corpo estava próxima; chamou um dos companheiros, Fr. Rogério, e lhe disse: "Se achais bom, meu caro irmão, para poupar embaraços ao convento em que estou, eu me farei transportar para Pádua, à casa de nossos Irmãos de Santa Maria." Fr. Rogério anuiu; mandou logo preparar um carro para nele conduzir o Bem-aventurado, apesar da resistência dos Frades de Campietro, que lhe suplicavam com lágrimas não lhes arrebatasse tão precioso tesouro. Não puderam eles,

porém mudar as resoluções do piedoso enfermo; decidiram-se, pois, a deixá-lo partir, mau grado o quanto contra isso protestava a sua ternura.

Já o carro se aproximava das portas de Pádua, quando um frade, que estava a caminho para ir visitar o bem-aventurado Antônio em Campietro, o encontrou. Vendo-o estendido e quase sem vida, aconselhou-o a não seguir para adiante; porque, entrando na cidade para ganhar o convento de Sta. Maria, se expunha a ser detido e vexado pelo povo, a quem o espetáculo da sua doença não deixaria de comover. O partido mais prudente era, a seu ver, recolher-se à casa dos Frades que residiam junto ao mosteiro das Damas Pobres, de quem eram os diretores espirituais. O Bem-aventurado aceitou o parecer; e fez-se levar para lá. Apenas chegado, sua moléstia, agravada provavelmente pela fadiga da viagem, tornou, aspecto assustador: num momento reduziu-se à última extremidade. Ele repousou alguns instantes para dar às forças esgotadas o tempo de renascerem; depois fez a confissão de suas culpas, com sentimentos da mais profunda humildade. A absolvição que recebeu, aumentando-lhe a vida sobrenatural, superexcitou por um momento a sua vida orgânica; pôs-se a entoar com voz clara o hino — *O Gloriosa Domina*. Era o canto do cisne. Quantas vezes, nos dias heróicos de seu apostolado, não fizera ressoar nos templos esse cântico dileto? Agora que vai morrer, eis que o repete com particular acento de amor. "Era, diz um historiador, ã recompensa de sua terna devoção aos mistérios da Virgem, principalmente para com a gloriosíssima Assunção."

Ergueu então os olhos para o Céu, e teve por longo tempo o olhar fito nele. Como lhe perguntassem o que divisava, respondeu: "Vejo meu Deus".

Entretanto, os Frades que lhe assistiam, compreendendo que se avizinhava o seu trânsito, pensaram em dar-lhe a extrema-unção. Logo que o santo homem avistou o Irmão que segundo o costume da Igreja, trazia o óleo dos enfermos, olhou-o fixamente e lhe disse: "Eu possuo dentro de mim esta unção. Mas, ainda que não seja necessário que m'a façais exteriormente, recebê-la-ei com prazer, porque será útil à minh'alma." Recebeu, pois, a unção sagrada; depois, tendo estendido as mãos ainda úmidas, recitou com os Frades os salmos penitenciais. Meia hora depois, expirou suavemente, como quem adormece, entre os braços de seus Irmãos. Assim é que esta alma santa, libertada da prisão de sua carne, se abismou no oceano dos esplendores eternos. A aparência do corpo era a de um homem adormecido; as mãos ressequidas pela febre e escurecidas pelo ar, ficaram alvas como a neve e coradas como no princípio de sua mocidade; todos os seus membros tornavam-se flexíveis e tomavam a disposição que se lhes queria dar.

Isto aconteceu no ano da Encarnação de Cristo 1231, no décimo terceiro dia do mês de Junho.

No entanto, os Frades de Arcella quiseram ter em segredo o passamento do Bem-aventurado, pelo receio de que o povo se levantasse à tal notícia, e afluísse em massa e tumultuosamente ao convento. Frustraram-se, porém, os seus esforços. As crianças de Pádua, como se animadas de espírito profético, foram as primeiras a ter conhecimento do fato; saíram pelas ruas aos bandos, a clamarem: "Morreu o Padre Santo; morreu Sto. Antônio". Seus louvores eram o eco dos cânticos que os anjos entoavam no Céu, vendo subir aquela alma gloriosa; eram o prelúdio dos que a Igreja deveria em breve dedicar-lhe. Desde que a notícia desse golpe se espalhou, o povo deixou todas as ocupações; e, sem mais cuidar dos meios de vida nesse dia, voou como um enxame de abelhas para o convento dos Frades, que envolveu logo, e, por assim dizer, pôs em estado de sítio.

Os habitantes do quarteirão, que se chamava de Capodiponte, distinguiram-se por seu ardor em montar guarda; mostravam um interesse particular em defender o corpo do Santo, porque estava entre eles. Por isso, armaram todos os jovens, e os colocaram como sentinelas em torno do convento, para lhe guardar a entrada.

No meio dessa confusão, só se ouviam lamentações e gemidos. Era um povo de órfãos que choravam a perda de seu pai. Mas a dor das Damas Pobres excedia todas as outras. Elas estavam inconsoláveis de perder o amparo de tão grande homem, cujas luzes lhes esclareciam as dúvidas, e cujas virtudes animavam sua fraqueza. Fizeram até diligências, junto aos cidadãos mais consideráveis de Pádua, para o fim de lhes ser concedido o favor de conservar em seu mosteiro o corpo do Santo. Infelizmente para elas, os Frades de Sta. Maria levantavam pretensões contrárias aos seus pios desejos. Sustentavam esses Frades que a vontade do santo homem era que o sepultassem no convento deles; invocavam o testemunho de um Irmão a quem ele recomendara, ao morrer, que não se descuidasse de nada para que o seu corpo fosse transportado para a Igreja de Santa Maria. Insistiam por isso vivamente para serem atendidos; até, já se preparavam para levar o santo corpo. Mas os habitantes de Capodiponte opuseram-se fortemente; nem sequer lhes permitiram tocá-lo.

Na mesma, hora dobraram os postos da gente armada, que velava dia e noite, para que lhes não arrebatassem de surpresa o precioso tesouro.

Então os Frades, não sabendo que partido tomassem, foram procurar o bispo de Pádua, e lhe submeteram a questão. O bispo, convocando os cônegos, pediu-lhes o parecer; opinando muitos destes que se deixasse o corpo do santo homem na igreja das

Damas Pobres. Mas o prelado, movido pelo que alegavam os Frades, pronunciou-se em favor destes; e deu ordem aos magistrados de Pádua para que lhes prestassem mão forte, a fim de se transportar para sua igreja o santo corpo. Durante essas negociações, uma parte de Capodiponte inflamou-se, e resolveu proceder imediatamente os funerais do Bem-aventurado. Os chefes do movimento não tiveram em consideração os magistrados; o arrebatamento deles cresceu, à medida que mais obstáculos encontravam. Para melhor triunfar, chamavam em socorro os amigos, e até os velhos entraram na campanha. Formaram todos juntos uma liga; juraram arriscar tudo, e expor a própria vida, se preciso fosse, antes do que anuir a que se levasse o corpo do santo homem do lugar em que estava.

Sucedeu então uma coisa admirável: tão exaltados e resolutos estavam os conjurados, que, para mais assegurarem o êxito da empresa, muitos deles depuseram ódios velhos, e deram tréguas a lutas intestinas que de há muito sustentavam, reconciliando-se e perdoando-se reciprocamente. Punham a isso uma condição única; a de ficarem unidos até o fim, para não deixarem sair do seu quartirão o santo corpo. E, como temiam ciladas, para que lho não arrebatassem, fizeram um conselho secreto em que decidiram levá-lo consigo eles mesmos.

Os Frades de Arcella, tendo tido um sopro desse projeto, foram procurar os mais graves dentre eles pela idade e pelo bom senso, para lhes pedir que sustassem a execução até a chegada do ministro provincial, que estava ausente; pois convinha deixar-lhe a última palavra em tão delicado assunto. Os conjurados os acolheram bem, e conformaram-se a esse alvitre, que lhes pareceu prudente.

À noite, os Frades despediram a multidão, e fecharam as portas do convento, mas tendo o cuidado de as fortificar, pondo-lhes ferrolhos e trancas de ferro. Ora, ao alvorecer, levantou-se nos ares um imenso clamor. O povo tinha voltado, possuído de um desejo, que parecia irresistível, de ver o corpo do Santo. De fato, os mais ansiosos precipitaram-se com violência sobre as portas e as meteram a dentro. Depois disso, tentaram por três vezes entrar no convento; mas três vezes uma força invisível os impediu de transpor o limiar. Eles mesmos confessaram não saber o que pensar daquilo; pois tinham ficado como petrificados ante as portas abertas, e, ao passo que o interior do convento se achava resplandescente de luz, não tinham eles podido encontrar o caminho que para lá conduzia.

No dia seguinte pela manhã, o quartirão de Capodiponte apresentava edificante espetáculo, que fazia correrem dos olhos de todos lágrimas de alegria. Viram-se afluir

da cidade, dos castelos e das aldeias da vizinhança, multidões inúmeras de homens, mulheres e meninos, que vinham venerar o santo corpo, e se julgavam muito felizes de o tocar, de qualquer modo que fosse. Os que não podiam romper através das massas que obstruíam todas as avenidas do convento, apresentavam, pelas portas e pelas janelas, cintos, anéis, colares, chaves, braceletes, e outros ornatos preciosos, que se aproximavam do santo corpo; desde que haviam sido consagrados a seu contacto, guardavam-nos como relíquias.

Quando estava assim tudo suspenso quanto às resoluções a tomar por causa da ausência do ministro provincial, os Religiosos, temendo que o calor da estação apressasse a decomposição do cadáver, encerraram-no em um caixão de madeira que depuseram no fundo de uma cova provisória, cobrindo-o de ligeira camada de terra. Espalhou-se logo entre o povo o boato de que o santo corpo fora roubado. Então, bandos de furiosos correram para o convento dos Frades, armados de bastões e de espadas: derrubaram as barreiras; arrombaram as portas; dirigiram-se precipitadamente para o lugar em que estava o santo corpo, não descansaram enquanto não descobriram o caixão de madeira que o continha. Em vão os Frades lhes asseguravam que ele aí se achava realmente: a desconfiança deles era extrema.

Anunciou-se finalmente a chegada do ministro provincial, que toda a cidade esperava com ansiedade. Os habitantes de Capodiponte vieram logo pedir-lhe, insistentes, que lhes deixasse o corpo do santo homem. Acompanharam de ameaças os rogos, a fim de intimidar os Frades, declarando estarem decididos a afrontar quaisquer perigos antes do que ceder de suas pretensões. O ministro provincial, vendo que tratava com exaltados, usou de linguagem moderada e prudente: "Meus caros amigos, lhes disse ele, vós não podeis alegar nenhum direito absoluto; se apelais para a minha complacência é coisa diferente. Neste caso, eu consultarei a meus Irmãos, e tomarei o partido que Deus me inspirar. Por enquanto, e para banir do vosso espírito qualquer suspeita de fraude, permito que fiquéis de guarda ao convento em que repousa o corpo do bem-aventurado Padre."

No dia imediato, de manhã, o ministro provincial foi procurar o podestá, para lhe pedir que convocasse o senado, cujas luzes e autoridade poderiam tirá-lo da dificuldade. O podestá, por unânime parecer de seus conselheiros, colocou guardas no lugar em que repousava o santo corpo; e proibiu, sob pena de cem libras de multa, que se fizesse coação aos Frades ou que se aproximassem do convento com armas, até que o bispo e seu clero houvessem decidido o que se deveria fazer.

No dia seguinte, o bispo ocupou-se ativamente da questão. Depois de muito haver refletido, ouvidas as duas partes, decidiu que ficasse tudo submetido à vontade do ministro provincial. Ao mesmo tempo determinou que o clero e o povo se reunissem pela madrugada para assistir à trasladação do santo corpo; e exigiu do podestá medidas que pusessem os Frades a abrigo de maus tratos. O podestá executou as ordens; mandou armar sobre o rio, no sítio era que banha o convento dos Frades, uma ponte de batéis unidos por pranchões; a fim de surpreender os moradores de Capodiponte, e prevenir alguma sublevação, enquanto se levava por outro caminho o santo corpo. Mas a rapidez da operação não impediu que se apercebessem dela. Ficaram logo furiosos, e derrubaram a ponte que se acabava de construir. Este golpe de astúcia, a despeito do êxito que tivera, exacerbou os espíritos em toda a cidade; não havia quem não se considerasse ofendido por tão audaciosos projetos. Então os habitantes da outra margem pegaram em armas e marcharam contra os perturbadores de Capodiponte; outro tanto fizeram estes, e esperaram a pé firme o combate que se lhes vinha oferecer, sem temor do perigo a que se expunham. A situação agravava-se, os espíritos sensatos enchiam-se de sombrios pressentimentos; as Damas Pobres da Arcella não eram as menos assustadas, mormente quando elas se acusavam de ser a causa dos males que ameaçavam a cidade.

Entretanto, o podestá não quis capitular ante a sedição triunfante; mandou convocar pelo arauto público todos os cidadãos para o paço municipal. Os habitantes de Capodiponte lá compareceram como os outros; mas o podestá reteve-os presos, proibindo-lhes, sob as mais severas penas, atravessar o rio para voltarem ao seu quarteirão. O expediente surtiu pleno efeito: a sedição estava vencida; puderam-se então fazer os preparativos da cerimônia da trasladação do santo corpo.

Enquanto estas cenas, terríveis e tocantes a um tempo, se desenrolavam em Pádua, o bem-aventurado Antônio, adormecido em seu féretro, pagava às Damas Pobres a hospitalidade que lhe tinham dado com tanta devoção. Como estavam condenadas a se separarem dele, quis deixar-lhes, partindo, uma lembrança que fosse um consolo. Quando a Arca da Aliança avançava pelas estações do deserto para a montanha de Sião, parou na casa de Obededom; e deu felicidade a Obededom e a toda a sua família. Aquele que Gregório IX chamara "a arca do testamento", ia-se também para seu templo; de caminho, abençoava aqueles que lhe vinham ao encontro.

Um dia, enquanto seu corpo estava exposto à veneração dos fiéis, uma irmã conversa da Ordem das Damas Pobres aproximou-se com respeito; e, cobrindo-lhe as mãos de ósculos, rogou-lhe obtivesse de Deus, por seus méritos, enviar-lhe neste mundo

todas as penas de que seus pecados eram dignos, a fim de ser dispensada dos castigos expiatórios da eternidade. Acabando sua oração, ergueu-se para voltar ao mosteiro; mas foi tomada logo de atrozes dores que lhe percorriam todo o corpo. A intensidade de seus sofrimentos não lhe permitiu dar mais um passo: os gritos que dava puseram em movimento a casa toda; e as Irmãs correram a socorrê-la. O repouso da noite restituiu-lhe alguma calma. No dia seguinte, meio às ocultas foi ao refeitório com a comunidade; mas apenas se sentara à mesa, recomeçaram-lhe as dores; em vez de comer como as outras, caiu a rolar pelo chão, soltando queixas e lamentações. Então a madre abadessa mandou levá-la para a enfermaria. A pobre paciente, não podendo, mais suportar, foi constrangida a mudar de oração: quando na véspera tinha pedido ao Bem-aventurado que lhe obtivesse a graça de sofrer muito, agora suplicava que a curasse do que padecia. Lembrou-se de que tinha algures um pedaço de sua túnica: foram buscar-lhe essa relíquia, e, tendo tocado com ela os membros doloridos, depois disto seu mal desaparecera de todo.

Por esse tempo, o bispo, à frente de seu clero, dirigia-se para o convento dos Frades de Arcella. Seguiam-no os magistrados da cidade, com uma escolta de soldados armados e multidão inumerável de povo. Essa imensa procissão, da qual cada anel era uma cidade ou uma aldeia, fazia ressoarem por toda parte hinos sagrados e cânticos espirituais, com uma alegria que arrancava à morte suas cores sombrias. Para voltar à igreja de Sta. Maria, o cortejo atravessou o quarteirão de Capodiponte, e sua marcha verdadeiramente triunfal causou a todos as mais doces emoções. O corpo do Bem-aventurado era carregado aos ombros pelos cidadãos mais ilustres de Pádua; os magistrados participavam com eles esta honra; todos se julgavam mui felizes de poder tocar, sequer com a ponta do dedo, o esquite. Acenderam-se todos os círios que se puderam achar nas lojas dos negociantes e nas casas de particulares. Chegando-se à igreja de Sta. Maria, o bispo celebrou a missa; depois das últimas orações, o santo corpo foi deposto num sarcófago feito de uma pedra extraordinária e que se descobriu, de cor indefinível. Era o quinto dia após a morte do Bem-aventurado. O humilde Antônio certamente se achava bem no recanto obscuro que ocupava; porém não havia de ficar lá para sempre. Em breve Pádua o retirará de sua tumba modesta, para o sepultar num templo magnífico, levantado à porfia pelo reconhecimento da terra e pelos milagres do Céu.

Dorme em paz, sob as vistas de Deus, entre as asas dos anjos, bravo atleta do Cristo, emulo do seráfico Francisco, flagelo dos hereges, amante da Pobreza, pai das almas, servo da Virgem, contemplador sublime; oliveira fértil, de onde manava o óleo da consolação; vinha magnífica, brotada na Igreja, e cujo fruto regozijava os povos,

inebriando-os do Espírito Santo; luzeiro dos pontífices, vingador dos oprimidos, terror dos tiranos, zelador da disciplina, intrépido campeão do bom direito. Curto foi o teu apostolado, mas bem cheio; o rasto que deixaste é indelével: O mundo marchará sempre ao odor de tua memória. Amável peregrino, que pisaste as plagas do século, tu habitas agora os tabernáculos eternos. Faze-nos propício o Deus que saciou teus desejos, dando-te a vida verdadeira. Conduze-nos até o cimo da santa montanha: concede-nos, ó bem-aventurado Antônio, sermos um dia reunidos Àquele que é ao mesmo tempo Deus e homem, no santo Paraíso em que se mostra a descoberto. Em louvor e glória ao Deus uno e trino, que vive e reina nos séculos. Amém.

CAPÍTULO XVII

Novos milagres — Solene canonização do Santo

Os funerais soleníssimos apaziguaram as discórdias civis, sem amortecer a flama da piedade pública. A igreja de Sta. Maria tornou-se o ponto de reunião de toda a cidade, e como que o centro da religião.

Os habitantes de Capodiponte abriram a série das manifestações de que Pádua foi o teatro. Eles não haviam esquecido suas extravagâncias dos dias precedentes, e os perigos que tinham feito correr a seus concidadãos. Compreenderam que este zelo não era sensato e que não teria agradado àquele a quem queriam honrar. Vieram, pois, ao túmulo do Bem-aventurado, para reparar o ultraje feito à sua memória. Eram precedidos do clero, com a cruz e o estandarte; vertiam lágrimas, soltavam gemidos, e batiam nos peitos. Chegando à igreja de Sta. Maria, descalçaram-se; e seguiram para o túmulo com tanto respeito e sentimentos de tanta compunção que toda a assistência ficou deveras comovida.

Para dar um pouco de ordem ao movimento que se operava na igreja de Sta. Maria, e que produziria inevitável confusão, organizaram-se procissões por quarteirão, e por freguesia : assinou-se a cada uma seu dia e sua hora. Desde então elas sucederam-se regularmente, com um cerimonial que era quase mesmo para todas, e em que a tudo presidia a devoção para com o Bem-aventurado. Todas as idades e todas as condições misturavam-se nas fileiras compactas dos visitantes. Viam-se ali soldados que haviam mudado de vida, e que não se furtavam a nenhum sacrifício para satisfazer a sua fé. Ao lado, estavam damas nobres cuja delicadeza afrontava os muitos incômodos que é forçoso suportar no meio das grandes aglomerações de povo. Tornara-se uma terra

sagrada essa em que descansava o corpo do Bem-aventurado. Deixava-se o calçado à porta; e avançava-se de pés nus, a fim de melhor significar o respeito de que se ia possuído. Os religiosos tiveram também a sua vez; foram vistos prostrarem-se ante o túmulo do Bem-aventurado, que, sendo um servo de Deus, era também o orgulho do estado monástico, do qual continuava para todos modelo perfeitíssimo. O bispo de Pádua, acompanhado de todo o clero, ali veio com grande pompa. Os mestres da Universidade, à frente dos alunos, os magistrados e os cidadãos mais ilustres, escoltados pela milícia, os professores das artes e ofícios, desfilavam, uns após outros, conforme o programa que fora traçado. Avançavam, descalços, trazendo círios na mão com um recolhimento e modéstia admiráveis.

O Autor anônimo, a quem traduzo, entra aqui em pormenores tão pitorescos que não resisto ao prazer de os reproduzir. São cheios de cor local; pintam bem a idade média e a Itália em particular, com a singeleza de sua fé e a sua imaginação de fogo.

"Cada procissão que vinha ao túmulo do bem-aventurado Antônio se acompanhava de círios acesos que mediam muitos pés. Às vezes não se podia fazê-los passar por sob as portas da igreja de Sta. Maria; era então necessário reduzi-los de tamanho ali mesmo. Estes círios não eram menos notáveis pela beleza da forma e pela variedade dos assuntos que se desenhavam na sua superfície. Muitos eram de tão considerável peso, que se fazia preciso carregá-los aos ombros ou conduzir em carros. Sendo imensa, e nunca diminuindo, a multidão que cercava a igreja, os que não podiam penetrar no interior, colocavam os círios na praça pública, e os deixavam arder ao ar livre; outros os acendiam nos muros e nos tetos das casas. Aquela gente velava nas ruas e nas encruzilhadas; privava-se do sono; sofria contente os calores do verão e o frio do inverno. Nada podia desanimar-lhe a devoção, nem arrancá-los às gratas emoções de uma festa que só acabava para recomeçar."

Este quadro de um povo ébrio de amor, que havia esquecido seus lares e seus trabalhos, que não comia, que não bebia, que não dormia, é admirável e arrebatador: dir-se-ia um fragmento do Apocalipse em que S. João descreve a vida dos escolhidos. Era a realização das palavras do Bem-aventurado quando predissera a glória de Pádua. O Autor anônimo prossegue com estas belas reflexões. "Os dias e as noites seguiam-se, sem interromper estas santas ocupações; enquanto se sucediam, os louvores e as ações de graças repetiam-se e elevavam-se para o Céu. Pádua nadava em alegria; estava ornada de luzes como um templo; resplandecia com o duplo brilho das tochas e das almas que ardiam como lâmpadas. As trevas pareciam ter-se despido para sempre; a noite perdera os seus direitos."

Entretanto, os milagres multiplicavam-se por todos os lados. O número a que subiam era por si um novo milagre. Nesse tempo quando se aplacou a tempestade que agitara Pádua, os milagres fulgiram como relâmpagos num céu sem nuvens. Ao contacto do túmulo do homem de Deus, os enfermos recuperavam a saúde, qualquer que fosse a moléstia que padecessem. Os que o não podiam tocar, por causa da multidão que o cercava dia e noite, eram curados repentinamente nas praças, em presença de todo o povo. Então, como diz o Profeta, os olhos dos cegos se abriram: os surdos ouviram; o coxo saltava como um cervo; a língua dos mudos se desatava, para louvar em transportes o Senhor. Eu não poderia reproduzir todos esses fatos; os que vou relatar operaram-se em favor de três espíritos prevenidos contra o Bem-aventurado. A incredulidade é um mal terrível; sua cura, por isso, é ainda mais digna de nota.

Um soldado de nome Aleardino, da aldeia de Salvaterra, pouco zeloso da fé católica, que até abjurara, ouvia falar, por toda parte, dos grandes milagres que se realizavam no túmulo do bem-aventurado Antônio; mas, recusava-se obstinadamente a crer neles. Nesse ínterim, veio à Pádua; e, como na hospedaria em que se alojara, os estrangeiros, à mesa, comentassem as maravilhas que se contavam na cidade, ele disse: "Eu sou duro de prestar fé : antes de crer no que contaís, vou atirar este copo de vidro ao pavimento desta sala; se o Taumaturgo de quem sois entusiastas o impedir de se quebrar, eu me renderei à evidência." No mesmo instante, pegou na taça, e com toda a força do braço atirou-a de encontro às lages do chão. Ora, quando bastaria deixá-la cair por descuido para que voasse em pedaços, nessa hora ela deu saltos como se fosse elástica e ficou perfeita. À vista do prodígio, Aleardino aderiu plenamente à opinião da assembleia: proclamou a santidade de Antônio e a verdade da fé católica. Purificou-se, depois, com uma boa confissão; não contente de submeter-se docilmente às leis da Igreja, pregava em toda parte o poder do Bem-aventurado, de que era uma viva prova; trazendo nas mãos a taça, desde então famosa, de que Deus se havia servido para lhe abrir os olhos.

Outro dia, numa reunião bastante numerosa, falava-se dos milagres em geral. Um dos assistentes exaltou muito os milagres do bem-aventurado Antônio; citou como exemplo o do copo de vidro que o soldado incrédulo tinha lançado, de toda a sua altura, de encontro às lages do chão da sala e que se não tinha quebrado. Então um espírito forte, que escutava a narração, quis galhofar; tomando numa das mãos uma taça vazia e na outra uns ramos secos, disse: "Se o bem-aventurado Antônio fizer nascerem uvas nestes sarmentos em quantidade bastante para que, espremendo-as, eu encha este copo de vinho; confessarei o milagre, e prestarei fé ao que acabais de narrar". Coisa maravilhosa! Mal acabara de falar, os sarmentos começaram a reverdecer; cobriram-se

de folhas como na primavera; viu-se por fim nascerem uvas que logo floresceram e chegaram presto à plena madureza; quando as comprimiram na mão, o vinho que escorreu veio a encher o copo de vidro até a beira. Este prodígio causou pasmo às testemunhas: aqueles que antes zombavam do Santo se tornaram seus panegiristas.

Durante a vida, S. Francisco abençoara a vinha de Rieti, devastada pelo povo que o acompanhava; quando antes dava só doze medidas de vinho, nesse ano a vinha produziu vinte. Depois de morto, o bem-aventurado Antônio com a sua intercessão fecundou ramos áridos, igualando assim o poder daquele de quem havia imitado as virtudes.

Quase nessa mesma época, um clérigo chamado Guidotto, da aldeia de Anguillara, que era agregado à casa do bispo de Pádua, se atrevia a rir consigo dos milagres do santo homem, quando, presentes os comissários nomeados pelo bispo, assistia aos depoimentos das testemunhas convidadas a afirmar juridicamente as mercês que haviam alcançado ou aquelas a que tinham assistido. Mas os seus desdêns e mofa não ficaram impunes. Foi subitamente invadido por um tremor nervoso que lhe agitava os membros, e lhe causava dores tão pungentes que soltava terríveis gritos, confessando que Deus o tratava como ele merecia. Mandou chamar sua mãe, e lhe disse: "Eu me sinto indigno de aparecer ante o Bem-aventurado; mas vós, minha mãe, ide orar em seu túmulo, e pedi-lhe perdão para o meu crime. Prometei-lhe, em nome do vosso filho, uma penitência proporcionada à culpa que cometi". A pobre mãe correu a Sta. Maria, onde orou por muito tempo. O Bem-aventurado deixou-se dobrar por suas súplicas e lágrimas: o delito do clérigo zombador lhe foi perdoado, e seu suplício cessou. Ele nunca perdeu a recordação de tal benefício; e, daí em diante, mostrou-se muito zeloso pela glória do santo homem, e interessado em apressar a hora de sua canonização.

Entretanto, divulgava-se até longe a notícia dos milagres que se operavam. O entusiasmo dos Paduanos ganhava pouco a pouco as cidades vizinhas e os países estrangeiros. Dentro de pouco, todas as nações da Europa se moveram e organizaram peregrinações ao túmulo do Bem - aventurado. Partia-se para Pádua, como se partia para Jerusalém, para Roma, e para Santiago na Galiza. Viam-se afluir Venezianos, Lombardos, Esclavônios, habitantes do Mans, gente de Vicência e de Aquiléia, Alemães, Húngaros, Franceses, Espanhóis, etc. Vendo por seus próprios olhos os milagres de primeira ordem que se renovavam cada dia, não sabiam como falar bastante para celebrar o poder de Deus que se manifestava de modo tão brilhante. Muitas vezes a graça tocava-lhes o coração: e confessavam os seus pecados aos Frades Menores, que para acudir a todos não podiam ter descanso. Coisa digna de atenção: os doentes que

vinham a Pádua solicitar a cura de suas enfermidades não eram nunca atendidos, quando recusavam a confessar-se. Ao contrário, os que procuravam o sagrado tribunal e faziam o propósito de viver segundo o Evangelho, esses voltavam sempre aliviados, como o atestaram aqueles que haviam testemunhado o prodígio.

Isto era como que o prolongamento do apostolado do bem-aventurado Antônio. Do fundo do túmulo, continuava ele a servir a grande causa a que sacrificara sua vida. No meio do imenso concurso que enchia os muros de Pádua, a fé católica era exaltada; o erro, cego em plena luz, experimentava confusão; os dentes cruéis dos hereges não mais podiam morder; os inimigos da Esposa de Cristo se sentiam sem poder para a inquietarem com suas calúnias; as sombras da incredulidade se dissipavam ante as esplêndidas irradiações que saíam dos milagres.

Um mês, apenas, era decorrido após a morte do Bem-aventurado já o clero e o povo pediam sua canonização. O bispo de Pádua ordenara um inquérito sobre os milagres, à medida que se produziram. Esse primeiro processo foi levado a Gregário IX por deputados escolhidos entre as pessoas mais consideráveis pela dignidade e mais estimadas por sua sabedoria. Expuseram eles a causa da sua viagem à corte romana, que lhes fez o mais benévolo acolhimento. Os prelados escutavam com transporte as maravilhas que lhes narravam: pasmava-os a rapidez das manifestações sobrenaturais de que Pádua era o teatro. Depois de haverem deliberado maduramente, foi decidido que se procedesse a novo inquérito sobre a autenticidade dos milagres do Bem-aventurado. Confiou-se este exame a Jacques Conrado, bispo de Pádua, a quem se juntaram os priores de S. Bento e Sto. Agostinho, e Giordano Forzati e João de Vicência, ambos da Ordem dos Frades Pregadores.

Os deputados voltaram a Pádua cheios de alegria, divulgando logo as instruções que tinham recebido da Santa Sé. Os que haviam recebido alguma graça no túmulo do Bem-aventurado, homens e mulheres, corriam então, de todos os lados, para darem testemunho à verdade. Designou-se o lugar em que se fariam os depoimentos; ouviram-se as testemunhas; empregaram-se todas as precauções que a prudência prescreve em tais ocorrências; e redigiu-se o processo verbal de todos os milagres que resistiram à séria crítica. Terminado esse trabalho, nomeou-se uma segunda deputação, de ir prosseguir na corte de Roma a causa introduzida e apressar a sua execução. O bispo e o clero delegaram dois cônegos da Catedral e dois Frades Menores; os magistrados da cidade e o município escolheram igual número de cavalheiros nobres, acompanhados de brilhante escolta; o corpo dos professores da Universidade redigiu uma carta coletiva, em que pedia a canonização do bem-aventurado Antônio.

Quando Gregório IX recebeu a nova súplica que lhe dirigiam o clero e o povo de Pádua, convocou segunda vez o colégio dos cardeais; e ordenou que os milagres cujos processos verbais recebera e que estavam firmados em depoimentos autênticos, fossem submetidos a outro exame. Entre os comissários nomeados para estudar a causa, o mais distinto era João de Abbeville, francês, de nação, da diocese de Amiens, monge de Cluny, que tinha sido abade do mosteiro de S. Pedro de Abbeville, e foi mais tarde arcebispo de Besançon, e afinal bispo-cardeal de Sabina. Este não deixou procrastinar-se o negócio; antes, a instâncias dos deputados de Pádua, apresentou bem prestes conclusões favoráveis.

Admitida a regularidade da informação; assentada a verdade dos milagres: o que restava era proceder à canonização do Bem-aventurado, à qual nada se opunha. Mas entre os cardeais muitos foram de parecer contrário : entendiam que se andava por demais apressado. Houve um que falava com maior vivacidade que os outros contra a precipitação com que se levava negócio tão capital; um sonho tirou-o do erro. Uma noite, pareceu-lhe ver muito claramente o pontífice romano, sagrando uma basílica. Estava rodeado de cardeais revestidos dos paramentos sacros, que lhe assistiam nessa augusta função. Chegando o momento da sagração do altar, o pontífice pediu relíquias para as colocar, segundo o rito, no túmulo da pedra d'ara: não se acharam. Divisou ele então no meio do templo um cadáver, coberto de um véu, que acabavam de trazer; deu ordem de se tomarem dele os ossos que se procuravam, em vão por ali. Mas os cardeais não ousavam tocar, receosos de que se lhes oferecesse aos olhos o trabalho horrível da decomposição que a morte executa. O pontífice lhes disse que se aproximassem sem medo; então levantaram o véu; tocaram o cadáver devotamente, e logo respiraram com gratas sensações um odor suave que dele se desprendia. Pouco depois, reconheceram o corpo do Bem-aventurado; e deste cortaram partículas para fazerem relíquias, proclamando a santidade de Antônio. O cardeal opositor despertou; e veio contar a seus íntimos a visão de que fora favorecido, muito convicto de que lha tinha enviado para lhe fazer compreender que Antônio era digno de ser inscrito no catálogo dos santos. Estando já no umbral da porta, no ato de sair de casa, encontrou os postuladores de Pádua que vinham tentar a vencer, ou ao menos desarmar um pouco, a sua resistência; disse-lhes o seguinte: "A vossa diligência é desnecessária; eu mudei de opinião; agora já acredito que Antônio é um santo e que é digno de ser contado entre os felizes habitantes do céu. Daqui em diante não divergirei dos mais; concordo com a canonização". Cumpriu a palavra, e até empregou toda a sua influência em trazer outros cardeais a aderirem à maioria. No dia da canonização, os oponentes juntaram-se aos que desde o princípio se tinham mostrado favoráveis à causa; e, entre outras coisas,

disseram ao Sumo Pontífice: "Em nós seria crime disputar aos méritos do bem-aventurado Padre Antônio a veneração que merecem na terra; pois que o Senhor de majestade quis coroá-lo de glória e de honra no Céu. Assim coma é perfídia negar fé a milagres cuja verdade está provada, também seria uma, espécie de pecado de inveja não conceder aos méritos dos santos os louvores que lhes são devidos".

No ano de 1232 da Encarnação de Nosso Senhor, e sexto do pontificado de Gregório IX, a 30 de Maio, dia da Festa de Pentecostes, no meio de enorme concurso de homens vindos de todas as partes da Europa, ria cidade de Spoleto, diante do povo reunido, leram-se, do alto da tribuna mor da igreja catedral, os milagres que provavam a santidade de Antônio e justificavam as honras que se lhe iam decretar. Esses milagres são em número de quarenta e cinco ou cinquenta. Seria muito longo relatá-los aqui; além disto, já diversos deles foram narrados nesta história. O Autor anônimo, segundo a Variante dos Bolandistas, resume-se assim: "Contavam-se dezenove estropiados restituídos ao perfeito equilíbrio, cinco paralíticos solidificados, outros tantos corcundas libertos da sua deformidade, três surdos que vieram a ouvir, três mudos que falaram: dois epiléticos sarados, dois febris aliviados, e dois mortos que ressuscitaram. Outros muitos milagres não puderam entrar nesta fórmula geral : Tais são os milagres que o Senhor de majestade se dignou realizar por seu servo Antônio. Há muitos outros que não estão consignados neste livro. No meio de tão grande abundância, escolhi os que acabo de narrar, para fornecer materiais aos escritores que quiserem trabalhar pela maior glória do santo homem; tomei só os principais, e os relatei em conciso discurso, para que se lessem com prazer. Se um historiador referisse todos os milagres de Sto. Antônio, seria de reचार que o número deles causasse cansaço aos leitores; a sua grandeza suscitaria, talvez, escrúpulos e dúvidas nos espíritos fracos".

Após a leitura dos milagres do homem de Deus, no meio das aclamações do povo, que não podia conter seus transportes e era o primeiro a saudar a santidade do Taumaturgo; o pontífice romano, pastor supremo do rebanho de Cristo, ergueu-se, e, de pé em seu trono, elevadas as mãos para o Céu, invocando o nome da Trindade deífica, declarou que o muito bem-aventurado sacerdote e confessor, Antônio, estava inscrito no catálogo dos santos. Ao mesmo tempo fixou a festa dele para o dia de sua morte, da qual se não tinha ainda celebrado o primeiro aniversário; concedeu a todos os que contritos e confessados, lhe visitassem o túmulo, no dia da festa ou num dos da oitava, remissão de um ano de penitência. Os prelados assistentes entoaram logo o hino de ação de graças; depois, o pontífice romano, levantando a voz, exclamou: "ó doutor sublime, luminar da Santa Igreja, bem-aventurado Antônio, que tanto comentastes e tão perfeitamente observastes a lei celeste, rogai por nós ao Filho de Deus". Aquele que

chamara a Antônio "arca do testamento, arsenal das Santas Escrituras", dá-lhe agora o título de doutor. Quis assim reconhecer, e consignar no processo verbal de sua canonização a profunda ciência de que ele havia dado prova na escola, e as ondas de luz que derramara nas almas com o seu apostolado. Mas essa antífona, que se lê no ofício dos santos doutores, não foi inserida na liturgia de Sto. Antônio. Ele que inspirou a tantos doutores dentro e fora da Ordem, não está compreendido nessa gloriosa falange. O título de simples confessor harmoniza-se melhor com o seu destino, de que o principal caráter foi a humildade. No entanto, em Spoleto, o pontífice romano achou eco nos cardeais, e nos prelados; que todos juntos cantaram a antífona sagrada: a cerimônia terminou pela recitação do versículo e da oração do Santo.

Também, diz entre outras coisas Gregório IX, na bula de canonização, dirigida a todos os bispos, o bem-aventurado Antônio tornou-se neste mundo um facho brilhante, que, pela graça de Deus, mereceu ser posto, não debaixo do alqueire, mas sobre o candelabro imortal da Igreja. Por isso Nós vos rogamos a todos, vos advertimos, vos exortamos, e pelas presentes letras apostólicas vos ordenamos que exciteis a devoção dos fiéis e os leveis à veneração do Bem-aventurado. Celebrareis todos os anos a sua festa no dia 13 de Junho; e tereis o cuidado de a fazer celebrar com muita solenidade, a fim de que o Senhor, tocado pelas orações dele, nos conceda sua graça no tempo e sua glória na eternidade. Quanto a Nós, desejoso de ver o túmulo de tão ilustre confessor, que pelo brilho de seus milagres ilumina a Igreja universal, tão frequentado e honrado quanto merece; confiado na misericórdia do Deus onipotente, e na autoridade dos bem-aventurados Pedro e Paulo, seus apóstolos, misericordiosamente concedemos a remissão de um ano de penitência a todos os que verdadeiramente contritos e confessados, visitarem uma vez por ano, com respeito e religião, o túmulo do referido Santo, no dia de sua festa ou num dos dias da oitava. Dado em Spoleto, a 3 de Junho, no sexto ano de nosso pontificado".

Ainda não decorrera um ano após a morte do servo de Deus, Antônio; e já estava ele colocado nos altares. Era um fato sem exemplo na história das canonizações, depois do estabelecimento das formas regulares a que elas eram já submetidas: S. Francisco mesmo tinha sido menos favorecido. Esta circunstância não é o menor dos milagres operados pelo Santo. Mas tudo é milagre nesta existência extraordinária. O continuador do Autor anônimo julgou de cabimento, em seguida à bula de Gregório IX, estas belas palavras: "Não se podem contar, não se poderiam admirar bastante as maravilhas que Deus consumou para glorificar a seu servo. Os milagres de Antônio são tão frequentes e tão contínuos, que todos juntos constituem um só e o mesmo milagre que dura sempre: o milagre não era que ele continuasse a fazer milagres, antes seria querele deixasse de

os produzir. Tão magníficas são as suas obras, tão famoso o fizeram ante os povos que às vezes se é tentado a crer que Deus o trata como a seu pai S. Francisco, e lhe dispensa o dom de fazer milagres, não tanto pelas necessidades das almas, como pelo prazer de afagar a sua glória e de regozijar o mundo". Nesta matéria, a narração nunca chega ao fim: voltando a página, verifica-se que ela recomeça.

No dia em que Antônio foi inscrito na lista dos santos, deu-se em Lisboa um acontecimento que confirma o que eu acabo de dizer. Os homens e as mulheres, tomados de súbita inspiração, da qual ninguém suspeitava a causa, saíram, à mesma hora, das casas, e, espalhando-se pelas praças públicas, entraram a bater palmas, e a cantar e dançar. Todos os sinos da cidade soaram a um tempo e executaram alegres repiques, sem que mão nenhuma lhes imprimisse o movimento. Mostravam eles o seu zelo pela glória de tão grande homem, diz o *Liber miraculorum*, e disputavam aos seus concidadãos o prazer de o festejarem. No meio deste harmonioso concerto, os habitantes de Lisboa não se podiam conter: estavam de contínuo num alvoroço festivo, entregues a vivo contentamento. Procurou-se, em vão por algum tempo, adivinhar donde provinha tal fenômeno, até que, desembarcando uns Frades, que vinham da Itália, comunicaram que no dia em que se manifestara ali esta alegria tão extraordinária, o beatíssimo Antônio havia sido inscrito no catálogo dos santos.

Algo deste piedoso entusiasmo passou à liturgia de Sto. Antônio: ela parece escrita ao ditar dos povos em arroubos de devoção. Cada antífona de Laudes é um transporte de amor; nelas reina um lirismo que ainda se comunica ao leitor, a seis séculos de distância:

"Antônio agora triunfa, ó meu Deus! ele canta o cântico de alegria em vosso Paraíso, onde entrou. Oh luz eterna! inundando-o de vossos raios, fazeis que ele se vos assemelhe, e ficais sendo a sua felicidade e a sua vida".

"Céus azulados, terra fecunda, imensos oceanos, dizeis, todas as criaturas que se agitam em vossos espaços, bendigam o Senhor, que, multiplicando os milagres de Antônio, aumenta no espírito dos fiéis a esperança da vida futura".

"Ó meu coração, bendize o Senhor que deu Antônio à sua Igreja; pede à tuba os seus másculos acentos; chama em teu socorro o tamboril e a harpa, o saltério e os címbalos; mistura numa mesma harmonia os instrumentos de corda e os de sopro, para melhor traduzir a tua mística exultação".

Os fatos, porém, são mais eloquentes que as palavras. Vejamos como responderam os povos à voz do Pontífice romano que acabava de proclamar a santidade de Antônio.

CAPITULO XVIII

O túmulo de S. Antônio

Em Pádua, a alegria não foi menor que em Lisboa. O povo que havia feito ao homem de Deus magníficos funerais; que havia levado as demonstrações de seu amor para com ele até o excesso de comprometer a paz pública, antecipando assim o juízo do pontífice romano pelas inspirações do coração, que também tem a sua infalibilidade, não podia ficar indiferente à notícia das solenidades de Spoleto. De fato, ele rompeu em transportes de alegria; as cenas que então se passavam lembravam as do ano precedente. Mas desta vez a piedade teve medida; como se a canonização de S. Antônio, sem diminuir a ternura, houvesse aumentado o respeito. Parava-se nas ruas, para trocar felicitações em altas vozes ou abraços comovidos. Pádua era uma família, feliz e contente de seu triunfo; ela repartia entre todos os seus filhos a bênção que lhe granjeava o apóstolo de quem tinha adotado a glória e recolhido as cinzas.

O concurso, tão considerável já, que afluía ao túmulo do Santo, aumentou em proporções prodigiosas. Deus se havia tornado o cúmplice da Igreja e do povo, multiplicando ali cada vez mais as graças miraculosas. Segundo o testemunho de um historiador, da arca que encerrava o santo corpo saía um odor suavíssimo, semelhante ao do bálsamo: todos os que se aproximavam para orar, e que o beijavam por devoção, não deixavam nunca de o sentir. Eu mesmo, continua o Autor dos Bolandistas, o experimentei em 1660. Nenhuma causa natural conhecida pode explicar este fenômeno. Esse perfume era o símbolo das virtudes que Sto. Antônio havia praticado na vida, e dos efeitos maravilhosos que produzia nas almas e nos corpos depois de sua morte.

O entusiasmo dos habitantes de Pádua não tardou a dar fruto. A ideia de elevar um templo ao Santo, no lugar mesmo em que ele repousava, germinou em todos os corações e obteve todos os sufrágios. A igreja dos Frades Menores de Pádua era construída sobre as ruínas de um antigo edifício que os pagãos haviam dedicado a Juno e que, nos séculos cristãos, se tornou o principal santuário da cidade; em 1229, Jacques Conrado, bispo de Pádua, consagrou-o a *Santa Maria Mãe de Deus*. Foi sem dúvida a razão pela qual Sto. Antônio morrendo no mosteiro de Arcella, exprimira, o desejo

de ser sepultado nesse lugar: a fim de dormir aos pés daquela a quem tanto havia amado, e continuar a prestar-lhe, até no túmulo, o culto que lhe votara. Ora, essa igreja tinha de mudar de nome segunda vez, e chamar-se por antonomásia a *igreja do Santo*. Dir-se-ia que a Virgem quis fazer ato de cortesia para com o seu servo, retirando-se à sua aproximação, para lhe ceder o lugar. Os trabalhos de construção foram começados em 1232, e prosseguidos muito ativamente até 1237. Nessa época foram interrompidos pelos infortúnios da pátria para só se reatarem em 1269. Depois de nova suspensão, causada pela escassez dos recursos, voltou-se novamente à obra em 1307: o zimbório que cobre o coro só foi construído em 1424. Decorreram assim dois séculos enquanto um povo, procurando igualar sua homenagem à sua ternura, lançava nos ares verdadeiras magnificências de arquitetura, destinadas à ornamentação do túmulo.

A igreja de Sto. Antônio é um monumento de estilo compósito, ogival até dois terços de sua altura, e oriental rio resto. Esse duplo caráter lhe tira a unidade, sem lhe fazer perder o encanto. Isto explica-se pela influência das duas épocas a que ele corresponde: foi começado no século treze, em pleno florescer da arte gótica; veio a ser acabado no século quinze, quando a renascença substituía em toda parte as velhas formas.

A igreja mede 280 pés de comprida, sobre 131 de larga, e 110 de alta. No exterior é desenhada pelo modelo de S. Marcos de Veneza. De fato, sabe-se pelo testemunho dos Bolandistas, que se tinha querido imitar Sta. Sofia de Constantinopla, a qual serviu de tipo a todos os templos bizantinos do Ocidente. É coroada de seis grandes cúpulas, abertas à claridade, e tendo todas uma cruz no vértice. Dos angules do coro partem quatro torres poligonais da muitos andares, rasgadas de janelas, e terminando em compridas flechas. A maior dessas torres acaba numa claraboia, sobre a qual se ergue um grande anjo, de asas abertas, que toca uma trombeta; e que, rodando sobre o pé, conforme a direção dos ventos, vem a ser um esplêndido catavento. Na linha que corresponde à nave transversal, de cada lado do teto vêem-se dois campanários octógonos, com aberturas em cada face; verdadeiros primorzinhos de ligeireza e de graça, ainda mais admiráveis porque repousam sobre as abóbadas.

Nesta maravilha que acabamos de descrever, há outra que vence a primeira, não quanto às proporções, mas pela opulência e delicadeza das particularidades: falo da Capela do Santo. Ela ocupa o lado norte da basílica. Tem 40 pés de comprida sobre 25 de larga: veio a ser começada em 1532. "É tão grandiosa, diz Valério Polidoro; tal é o esplendor de seus materiais e de suas formas, que se pode compará-la aos primeiros santuários da Itália". O frontispício é todo de mármore. A partir do pavimento da

basílica, vê-se sobre um degrau quatro soberbas colunas de mármore branco, e duas pilastras situadas nas duas extremidades da galeria, que sustentam cinco arcadas de cimbrião inteiro cujas arquivoltas são ornadas de folhames. Entre as curvaturas exteriores destas arcadas, acima do ponto em que elas se encontram, esculpiram-se quatro medalhões que representam os quatro Evangelistas. Mais acima, corre uma cornija, com um friso coberto de ornatos. No plano superior, vêem-se outros dois frisos, dos quais o principal é dividido em cinco almofadas por seis pilastras cheias de esculturas. Quatro destas almofadas têm em seu centro pequenos ornatos de forma circular e em losangos; na do meio, lê-se esta inscrição : *Divo Antônio confessori. Sacrum. RP. PA. PO. A Sto. Antônio confessor.* A república de Pádua. No frontão vê-se uma bela galeria transversal que tem toda a largura da Capela. Compõe-se de dezesseis elegantes pilastras de forma desigual, distribuídas em grupos ternários no centro, e em grupos binários nas duas extremidades. Entre os grupos de pilastras, há cinco nichos praticados na espessura da parede, com cinco grandes estátuas. Sto. Antônio ocupa o nicho central; à direita, e à esquerda, estão Sta. Justina e S. Prosdócimo, primeiro bispo de Pádua; nas duas extremidades, S. João Batista e S. Daniel mártir.

A capela termina por um majestoso zimbório, revestido interiormente de gesso e de tijolos. Na parede do zimbório, lê-se este verso famoso, tomado ao ofício do Santo, segundo a liturgia franciscana do século treze :

Gaude, felix Pádua, quae thesaurum possides.

No meio da capela a arca de pedra de preço, descrita no capítulo precedente, encerra o corpo do Santo. Esta arca, disposta em forma de altar, sustenta-se em quatro colunas. Chega-se a ela por uma escada de mármore, composta de sete degraus, e bordada de balaustradas de igual matéria. Estas balaustradas estendem de cada lado até os ângulos do altar: os colunelos de que são ornadas, e os quatro anjos erguidos nos quatro cantos, lhes dão um belíssimo aspecto.

No degrau do altar, repetiram-se as estátuas de Sto. Antônio e de S. Prosdócimo; são acompanhadas da de S. Luís, bispo de Tolosa. A entrada deste santuário é fechada por duas portas de bronze.

Esta basílica é uma ideia; ela resume, para Pádua, a religião, a arte, a ciência e os destinos da pátria.

Todo o movimento religioso, tão largo nessa época, convergiu de preferência, para esse teatro cheio de prodígios. Um túmulo tornou-se um evangelho. As almas

caminhavam para Deus, criam, esperavam, amavam, choravam seus pecados, temiam o julgamento, e as penas do inferno, tudo isso por obra de Sto. Antônio. A piedade pública não tardou a transformar-se em instituições que ainda estão de pé; e que, tão eloquentemente como as belezas da arquitetura, atestam a influência do Santo sobre o país. Estabeleceram-se na basílica duas confrarias, que em pouco tempo se tornaram muito numerosas. Foi primeiro a confraria da Conceição da Virgem Maria, cuja glória se desenrolava como uma vinha mística em toda a parte onde se exercia a ação do apóstolo que tantas vezes a celebrara ante os povos. Mais tarde, erigiram-se a confraria de S. Francisco e a de Sto. Antônio.

Além disto, o movimento não se limitou ao território da república, ou somente à Itália: tomou parte nele todo o Ocidente. O historiador Cantu afirma que o papa Alexandre IV convidou toda a cristandade a concorrer para a construção da basílica de Sto. Antônio. Fosse ou não assim, o certo é que o túmulo do Santo veio a classificar-se entre as peregrinações mais frequentadas do mundo. Ficava em caminho de Roma; os cristãos de além-montes, que iam visitar o túmulo dos Santos Apóstolos, ao passarem, não deixavam de ir honrar o do Santo de Pádua. Os milagres que nele se operavam, contribuía não pouco para entreter a corrente.

Eu já acima disse qual era a irradiação do nome de Sto. Antônio em toda a cristandade, nos séculos treze e quatorze. Não foi uma voga como a obtêm, às vezes, os santos, pela permissão de Deus que os opõe a um mal passageiro, e a qual cessa quando o fim é atingido. O prestígio de Sto. Antônio perdurou. O continuador do Anônimo escreve o seguinte: "O tempo nada tira à majestade e ao esplendor da basílica do Santo; ao contrário dá-lhe cada dia um novo lustre. E não é isto mais do que justiça, tão numerosos e consideráveis são os milagres que até hoje se reproduzem pelos méritos e pela intercessão do beatíssimo Antônio, a quem Deus se compraz em glorificar por esse modo. A notícia dessas maravilhas espalhou-se por toda a terra; e, posta de parte a imaculada Virgem Maria mãe de Deus. pode-se dizer que tem a religião cristã poucos patronos que estejam acima do bem-aventurado Antônio quanto ao culto que se lhes rende, e a quem se ofereçam mais valiosos presentes, e se invoque mais frequentemente e com maior devoção, nos perigos. Esta é a razão da beleza do templo que se lhe erigiu, templo tão admirável que tem gradação distinta entre os mais famosos. Tal é a veneração que cerca a memória do bem-aventurado taumaturgo, não só em Pádua mas ainda nos países estrangeiros, que de todas as Espanhas, da Inglaterra, da Áustria, de Portugal, da França e da Germânia, vêm consta] il emente romeiros em visita à basílica do santo homem e a venerar-lhe as relíquias".

Isto se escreveu no século dezessete, perto de quatrocentos anos após a morte de Sto. Antônio. Esse testemunho estabelece já o caráter de universalidade que seu culto havia obtido na Igreja. O que me resta a dizer prová-lo-á ainda melhor.

CAPÍTULO XIX

Santo Antônio glorificado na história

A missão dos homens ordinários termina com a sua vida. A imortalidade de seu nome, ainda quando chega a se impor à posteridade, não os salva da impossibilidade em que estão de exercer mais uma ação qualquer sobre os destinos do mundo. Pequeníssimo número entre eles conserva uma certa influência, pelas ideias que semearam e pelos discípulos que deixam; mesmo assim, eles não têm um papel ativo e pessoal. A morte os pôs fora da cena.

Não sucede assim com os santos. Porque nos deixaram, crê-se que estejam aniquilados; mas suas almas estão em paz. A paz que eles gozam, porém, não é o repouso absoluto. O Deus que contemplam face a face, é um Deus que está sempre a agir; e eles estão a seu serviço, vão aonde ele os envia. A Igreja, de quem os santos são os filhos glorificados, é militante. Eles não esquecem essa mãe que os gerou para a graça e a glória; tomam parte em seus combates; ajudam-na a recolher os escolhidos, buscando-os nos quatro cantos do universo. Forneceram-lhe outrora o fervor de suas orações, o heroísmo de suas penitências e a eloquência de sua palavra; prestam-lhe agora suas intercessões onipotentes, a virtude de suas relíquias e os efeitos maravilhosos de suas intervenções. Eles passam através dos povos; são vistos, são ouvidos; e, mesmo quando se deslizam como puros espíritos, provocam movimentos felizes. Aqueles que recebem as suas visitas, confessam gratos que os favoreceu a visão dos anjos. Assim têm os santos duas histórias: a primeira vai de seu berço a seu túmulo; a segunda começa no dia de sua sepultura e chega a durar séculos.

O apostolado de Sto. Antônio foi curto na terra; mas o infatigável obreiro fez muito em poucos anos. Nós vimos que ele, não contente de trabalhar na salvação das almas durante o dia, empregava ainda as noites a sacudir a indiferença dos pecadores.

Morreu com o pesar de não ter levado mais longe as suas conquistas; desforrou-se, continuando do alto do Céu a obra a que se havia consagrado. Poucos santos têm um apostolado póstumo comparável ao seu. Do século treze ao dezoito, seus volumosos anais estão abarrotados de fatos que são a prova do que afirmo. De parte os milagres

obtidos pela intercessão do Santo, em seu túmulo, diante de suas imagens, ou com o óleo de suas lâmpadas; os Bolandistas relatam não menos de trinta aparições tiradas das coleções italianas, portuguesas, espanholas, belgas, etc. Estas aparições trazem datas antigas e modernas; produzem-se em teatros os mais diferentes, e às vezes separados por grandes distâncias; muitas, dentre as mais consideráveis, sucederam na pátria do Santo; como se tivesse querido compensá-la das graças que lhe não tinha concedido durante a sua carreira mortal, e desarmar-lhe a inveja para com as nações que ele parecia lhe haver preferido. Muito frequentemente, Sto. Antônio acompanha a S. Francisco; com o que se explica que, na idade-média, tenham eles gozado igual popularidade. Algumas vezes, Sto. Antônio segue a Virgem Maria, servindo-a com humildade, invocando-a, em proveito dos que o invocam a ele próprio, para fazer reverter sobre ela a glória do benefício concedido.

Sob a rubrica *Das almas desesperadas*, Wadding, insere esta lenda interessante :

"Numa aldeia de Portugal, chamada Berta, vivia uma mulher, de nome Sara, que tinha particularíssima devoção para com os bem-aventurados Francisco e Antônio. Seu marido era um homem libertino e ímpio. Não contente de abandonar a legítima esposa, para levar uma vida escandalosa com suas concubinas, nutria para com ela sentimentos de ódio que o levavam a batê-la brutalmente, e a causar-lhe dores de toda a espécie. Esta infeliz deixou-se dominar pela tristeza; e bem cedo, alucinada pelo desespero, afagou a ideia de enforcar-se, para pôr termo a uma vida que se tornava insuportável. Uma noite, na ausência do marido, quando a gente da casa dormia, ela dispôs uma corda no quarto; e, impelida pelo diabo, ia meter a cabeça no laço para se estrangular, quando alguém abalou fortemente a porta da casa, dando um grito. Sara apressou-se logo a esconder a corda, e veio ver quem aí estava. Ao abrir, viu dois Frades Menores que lhe pediram humildemente os recebesse pelo amor de Deus. Perguntou-lhes donde eram, e como se chamavam. Os Frades lhe responderam serem de um país muito distante, e que um se chamava Francisco e o outro Antônio. Fê-los sentar à mesa; e, enquanto comiam, com discursos piedosos e confortadores deram eles à sua hospedeira o pão da alma. Escutando-os, Sara sentiu-se mudada; por consideração a estes santos homens, resolveu não executar nessa noite o seu funesto projeto. No entanto, os Frades recolheram-se ao aposento que lhes tinha ela preparado para dormirem. Por sua vez, ela foi deitar-se. Ora, neste mesmo tempo, os dois Frades Menores apareceram a seu marido e lhe falaram assim: Nós somos S. Francisco e Sto. Antônio; Deus nos envia para te anunciarmos que, se não renunciarees à tua vida desregrada e se não deixares tuas concubinas para ser fiel à tua legítima esposa, que nos é tão devota, dentro de três dias morrerás, e serás sepultado nos sombrios abismos do inferno. Tua esposa, desesperada pelos maus tratos

que lhe fazes sofrer, esta noite esteve quase a enforcar-se; e o teria feito, se nós não tivéssemos vindo pedir-lhe a hospitalidade. Volta, pois, à tua casa; se queres um sinal da verdade das nossas palavras, pede à tua vítima a corda de que ela ia servir-se. A tais palavras, o libertino, cheio de terror, entrou a detestar seus pecados; levantou-se pela madrugada, e partiu para sua casa. A esposa já estava de pé; indo logo informar-se dos Frades, não os encontrara; e até o leito deles estava feito, como se ninguém ali se tivesse deitado; o que lhe causou grande espanto. Nesse momento, entrou seu marido; e, saudando-a com uma bondade não costumada: Minha cara amiga, lhe disse, onde está a corda com que te quiseste enforcar esta noite ? A essa pergunta, ela ficou muda e como fulminada. — Eu sei perfeitamente, acrescentou o marido, a graça que te alcançaram S. Francisco e Sto. Antônio a quem deste a hospitalidade na noite passada; e como tu e eu fomos salvos, pela intervenção deles, da morte do corpo e da alma. — Sara, vendo o seu plano descoberto, confessou-lhe tudo: pela sua parte, o marido comunicou-lhe a visão de que fora favorecido, e pediu-lhe perdão de sua vida passada. Desde esse dia, viveram eles em perfeita união, e na prática de todas as virtudes; e até sua morte, nunca cessaram de celebrar os louvores de S. Francisco e Sto. Antônio.

Como Santo Antônio livrava os obsessos

Na aldeia de Castagneto, situada no território de Vicenza, um homem chamado João, da família dos Pozzi, uma das mais ilustres do país, tinha em seus domínios uma velha torre. Tendo-a visitado alguns nigromantes, nela descobriram por artes mágicas um tesouro escondido, e partiram. Um servo, tendo entrado na torre depois deles, aí viu animais de toda a espécie, pássaros, reptis, quadrúpedes todos de formas terríveis. Notou, particularmente, três cavalos de tamanho enorme, que tinham cornos, e que lançavam chamas por todo o corpo. Eram montados por três cavaleiros gigantescos medonhos de aspecto, que traziam o rosto voltado para a cauda dos cavalos e estavam armados de bastões. A esse espetáculo, o moço tentou fugir, fazendo o sinal da cruz; porém não o pôde. Recomendou-se então à Virgem Mãe de Deus e Sto. Antônio, dirigindo-lhes do coração uma prece que não podia exprimir com os lábios. Apesar deste recurso caiu num estado gravíssimo: sentiu que estava cego e mudo. Alguns dias se passaram sem que sobreviesse mudança alguma em sua situação. Pouco mais tarde, porém, teve uma visão: apareceu-lhe Sto. Antônio, trazendo na mão uma cruz deslumbrantemente luminosa, e lhe disse : Coragem, filho, tem confiança na bondade divina. Ele despertou logo; e, levantando-se, fez sinal à gente da casa que o levasse à Pádua, ao túmulo de Sto. Antônio. Satisfizeram-lhe o desejo; e apenas foi ele introduzido na igreja, recobrou a vista e a palavra; depois do que voltou para a sua

residência, bendizendo a Deus, e rendendo graças a seu servo Antônio. Isto aconteceu em 1268.

Como Santo Antônio pregava o decálogo, e forçava os ladrões a restituírem os bens mal adquiridos

No ano 1674, um africano que fora comprado a um negociante de escravos, estava a serviço de um cavalheiro, na cidade de Nápoles. Tendo tido ocasião de apoderar-se de uma quantia considerável, carregou-a furtivamente. Fez confidência do ocorrido a outro criado da casa; e, arrastando-o na sua fuga, com ele embarcou em um navio que velejava para a Sicília. Estavam quase a entrar no porto, quando sobreveio um temporal violento, e seu companheiro foi arrebatado pelo vento e se submergiu no fundo do mar. O mouro temeu sorte igual; porém sentiu de repente a mão de Sto. Antônio que o agarrava, pelos cabelos, gritando-lhe: Entrega o que roubaste; senão, morrerás. Dizendo tais palavras, o Santo o reconduziu para Nápoles, onde ele encontrou seu senhor, o qual tendo mandado dizer um certo número de missas em honra do Santo, procurava descobrir o rasto do servo fugitivo. Este, não podendo ocultar-se dele, caiu a seus pés; e pediu-lhe perdão da ofensa que lhe fizera- Obteve-o sem custo; depois disso, conforme a ordem que recebera do Santo, cuidou logo de restituir o dinheiro que roubara. Tudo lhe foi então de proveito; escapou a morte certa, e resgatou do pecado e do inferno sua alma, recebendo o batismo, que o alistou nas fileiras dos fiéis do Senhor.

Como Santo Antônio livrava os presos inocentes, e os salvava do último suplício

No ano 1672, em Cracóvia, metrópole do reino da Polônia, tinham prendido um homem que tinha muito particular devoção ao Santo. Acusavam-no de homicídio; e como havia algumas aparências contra ele, submeteram-no à tortura. Ele não teve a força de suportar a dor; e, antes do que padecer muitas mortes, quis morrer deveras uma vez, fazendo a confissão do crime que não cometera. Foi, com efeito, condenado à pena capital; e dispôs-se então a terminar bem esta vida para ganhar outra melhor na eternidade. Para esse fim, distribuiu aos pobres largas esmolas, e dispôs um legado para que se dissessem missas no altar do Taumaturgo. Mas na véspera do dia fatal, à noite, o Santo apareceu-lhe em seu cárcere, quebrou suas algemas, arrancou o poste a que ele estava amarrado; e, abrindo os dois batentes da porta, lhe disse: Vai procurar os juízes; apresenta-lhes estas cadeias, e dize a eles: Sto. Antônio me manda ter convosco, para que reformeis a sentença que destes contra mim. O preso obedeceu, e exibiu aos juízes a prova de sua inocência. Quando recobrou a liberdade, toda a cidade celebrou a glória do

Santo. Suspenderam diante do altar os grilhões e algemas do pobre martirizado. Elas ainda lá estão, como nos atestaram Frades Conventuais, de volta desse país.

Como Santo Antônio aplacava as tempestades, e salvou um navio do naufrágio

Em 1630, um navio carregado de tecidos preciosos, ia das costas da Calábria para Nápoles. Foi assaltado em caminho por uma tempestade tão horrorosa, que os marinheiros, não podendo mais afrontá-la, creram que se iam submergir nas ondas. Mas um deles lembrou-se de seu santo patrono, e disse aos outros: Meus amigos, já que tudo está perdido, vamos recorrer à Sto. Antônio : abandonemos o navio à mercê do vento, e façamos uma pequena oração em honra do grande Taumaturgo. Apenas eles tinham acabado as suas invocações, viram, em pé na popa, um religioso franciscano, que lhes disse: Não tenhais medo; deixai o navio seguir a sua carreira; eu estarei convosco. Após estas palavras desapareceu; a coragem voltou aos marinheiros, e a fúria do mar cessou no mesmo instante. Logo que os marinheiros chegaram a Nápoles, a sua maior pressa foi de ir render graças àquele que os tinha salvo de tão iminente perigo.

Como Santo Antônio visitou um menino enfermo, e lhe restituiu a saúde

No ano 1683, Nicolau Grassi, presidente da Câmara Real, foi enviado em missão à Etrúria pelo vice-rei de Nápoles. Ao voltar, parou em Roma, com toda a sua comitiva, para venerar os santuários desta cidade. Chegou o tempo do carnaval, e estava ele no fim, quando o filho único de Nicolau caiu enfermo, e em perigo extremo, ao ponto de que os médicos o abandonaram. Sua mãe perdera já as esperanças; mas, como fosse muito devota de Sto. Antônio, dirigiu-lhe fervorosas orações. Na terça feira antes de Cinzas, cerca das três horas da madrugada, ouviu ela seu filho, que se chamava Filipe, pronunciar docemente o nome de Sto. Antônio; correu logo para o leito do pobre agonizante, e perguntou-lhe o que queria. O menino contentou-se de sacudir com a mãozinha; parecia dizer-lhe que se afastasse, como se ela fosse um obstáculo ao alívio que esperava. A boa mãe arredou-se, de fato; mas o ouviu repetir, ainda mais alegre, o nome de Sto. Antônio. Perguntando-lhe o que significava aquele reiterado chama do Santo, o menino respondeu: Eu vi um Fradezinho que vestia uma túnica de cor parda : esse Frade era Sto. Antônio. Tinha na mão umas flores brancas e vermelhas, com um livro sobre o qual estava sentado um menino brilhante como se fosse todo de prata. Não pôde dizer mais; porém por sinais deu a entender que vira ainda outra coisa. Logo após, entrou em convalescença; e no quarto dia do mês de março seguinte, estava

completamente curado. Algum tempo depois, levaram-no a uma igreja em que se venerava a imagem de Sto. Antônio. Percebendo-a, voltou-se para sua mãe, e exclamou: Minha mãe, aí está como era o Fradezinho que me curou. E cada vez que encontrava um Menor Conventual, repetia: O hábito que o Fradezinho trazia parecia-se com este. Quando o presidente regressou a Nápoles com sua mulher e o filho, foi render graças na igreja de S. Lourenço; e depois, não cessava de publicar por toda parte a insigne graça de que fora objeto.

Como Santo Antônio protegeu uma jovem cuja honra era ameaçada

Havia em Nápoles uma dama de nobre linhagem, que tinha uma filha de grande beleza. Essa mãe desnaturada preferia vender uma virtude confiada à sua guarda, a sofrer uma indignidade vergonhosa para sua família. Deu parte do seu desígnio à filha, que logo se alarmou, e repeliu com indignação a proposta. Depois de vivas e longas alterações, a casta jovem foi um dia ao convento de S. Lourenço, e, derramando torrentes de lágrimas, conjurou Sto. Antônio a que lhe acudisse. Foi ouvida. No mesmo instante, a imagem do Santo, entendendo o braço, entregou-lhe um bilhete, ordenando que o levasse a um rico negociante que lhe designou. No bilhete estavam escritas estas palavras: À mulher que te entregar este papel, darás, em boa moeda de prata, um dote que pese tanto como ele. Adeus. *Assinado*: Fr. Antônio. — A moça, sem perder tempo, foi pressurosa aonde a mandavam : entregou o bilhete, dizendo de quem vinha e onde a cena se passara. O negociante olhou-a; ficou impressionado por sua beleza, e sem saber o que julgar: suspeitou achar-se com uma perdida, que lhe procurasse extorquir dinheiro. Todavia, respondeu-lhe: Ou esse que vos quer esposar com tão pequeno dote, é um libertino; ou ele vos ama loucamente. Como quer que seja, eu farei, em honra de Sto. Antônio, tudo o que me pedis em seu nome. Tomou então o papel, e o lançou numa das conchas da balança enquanto depunha na outra algumas moedinhas de prata; mas essas moedas não bastaram para fazer subir o papel, e ele foi obrigado a aumentar o número, até perfazer quatrocentos escudos. Diante desse prodígio, o negociante lembrou-se de que fizera voto de oferecer ao Santo uma lâmpada de prata, desse preço. Compreendeu que o Santo comutava essa obrigação numa esmola equivalente; e logo contou à jovem os quatrocentos escudos- Esta fez deles um bom uso: procurou colocar-se de modo conveniente à sua condição, e socorrer a indignidade de sua mãe.

Sto. Antônio continuou a ser, mesmo após a morte, uma grande potência. O conhecido padre jesuíta Francisco Mendonça, celebrando as glórias do Santo, com um pouco de ênfase andaluza, compara seu império ao dos heróis, e ao de Portugal em particular: "Todos estes impérios são limitados, são estreitos: o de Sto. Antônio não tem

limites. Antônio tem sob os pés toda a terra : ele doma a fúria do mar, à qual nenhum homem pode impor freio; o ar, que pela sua fluidez escapa à toda coerção, está sujeito a suas ordens; ele susta o fogo, e o impede de consumir o que toca; todas as regiões sublunares reconhecem-lhe a autoridade, e obedecem a um aceno que faça... Assim Antônio domina a terra, o mar, o céu e o fogo; seu império resume todos os outros. Oh ilustre vencedor do mundo! Feliz Coimbra! Ditosa Lisboa! Oh afortunada Lusitânia, cujo nome, propagado em todo o universo pelos feitos de teus navegadores, agora, graças às virtudes de Antônio, ressoa no espaço infinito, acima das esferas que o sol percorre e inunda de seus fogos!"

Mas estas felicitações não cabem somente a Portugal: devem-se dirigir a todas as nações de que Sto. Antônio se tornou o patrono e o protetor.

CAPÍTULO XX

Trasladação das Relíquias do Santo

Enquanto a alma de Sto. Antônio como que passeava através das nações, fazendo o bem por todo o seu caminho; seu corpo venerável repousava no túmulo provisório que se lhe tinha levantado. Ele não estava aí sem honras; os peregrinos que o visitavam noite e dia, coroavam-no de flores e de luzes; cobriam-no de ósculos; inundavam-no de lágrimas; importunavam-no com os seus pedidos e súplicas. Mas Pádua queria fazer mais. Ela recordava-se de que desse túmulo havia saído o sinal de seu livramento: afetuosa e reconhecida, tinha a peito pagar a sua dívida, pondo o seu grande Taumaturgo na posse do templo que ela lhe votara.

Já vimos que as desgraças da república tinham sustado os trabalhos da construção. Logo que surgiram para ela dias mais felizes, as obras foram reatadas com um novo ardor: só se parou, quando terminada a parte da basílica entre o vestíbulo e o coro. A partir deste momento, principia a série das trasladações das relíquias de Sto. Antônio. Essas trasladações correspondem aos desenvolvimentos sucessivos da basílica; elas misturam-se aos acontecimentos da história nacional, sobre os quais exercem às vezes alguma influência. São como outras tantas ressurreições operadas pela Igreja, em glória do Santo que provoca um novo entusiasmo, cada vez que muda de sepulcro; e nunca se deita sem responder com benefícios ao amor que o aclama.

A primeira trasladação foi decretada pelo Senado de Pádua, que a fixou para o dia da oitava de Páscoa, 8 de Abril de 1263. Nesse tempo, S. Boaventura governava a

Ordem dos Frades Menores: foi o encarregado de executar o decreto. Ele desempenha essa piedosa missão com sentimentos de profunda religião e uma ternura de afetos que se explica pela devoção de que era animado para com o servo de Deus. Não havia conhecido o bem-aventurado Antônio; porém este era para ele um jovem antepassado a quem tocava com a mão, e de quem respirara o bom odor, ainda bem vivo na Ordem quando lá entrou. O suntuoso historiador de S. Francisco havia já deixado expandir-se em muitas circunstâncias a admiração que sentia pelo mais ilustre discípulo do Patriarca. Adivinha-se a emoção com que se aproximou da arca do Santo; não suspeitava ele que Deus o havia escolhido para ser a primeira testemunha de um prodígio muito capaz de aumentar a sua piedade para com o Taumaturgo.

Trinta e dois anos eram decorridos desde que se não revolvera mais a terra que cobria o corpo sagrado. Quando o levantaram, todas as carnes haviam sido consumidas; mas a língua estava tão fresca, tão rubra, e tão bela, como se o bem-aventurado Padre houvesse morrido uma hora antes. Fr. Boaventura, homem venerável, ministra geral dos Menores, que foi mais tarde Cardeal e bispo de Albana, assistia à festa da trasladação. Ele recebeu em suas mãos esta língua, com muita reverência; e, depois de a ter banhado de lágrimas, em presença do povo reunido falou, nestes termos cheios de devoção, ó língua abençoada, que tantas vezes bendisseste o Senhor, e o fizeste bendizer por tantos outros ! Agora nós vemos qual é o tesouro de méritos que amontoaste diante de Deus! — Dizendo estas palavras, imprimia-lhes doces e afetuosos ósculos. Depois disso, ordenou que se lhe rendessem honras particulares, colocando-a num relicário especial.

A língua de Sto. Antônio, que mais de três séculos após a sua descoberta inspirava aos escritores católicos páginas ditirâmicas, foi conservada como um inestimável tesouro. Ao passo que a sua ossada, deposta numa nova urna, era posta em mais suntuoso monumento, num ponto da basílica sobre o qual divergem os autores, mas que, segundo a opinião mais provável era aquele em que mais tarde se construiu a capela do Santo; a língua foi encerrada num vaso de cristal que se colocou na sacristia. A segunda trasladação do corpo de Sto. Antônio realizou-se em 1310. Para compreender todas as remoções de que foi objeto, e que teriam degenerado em irreverência, se não fossem justificadas, é preciso seguir paralelamente as modificações sucessivas que sofreu a basílica.

Ela foi feita por Fr. Gonçalves, ministro geral dos Menores.

Viera ele a Pádua para a celebração do Capítulo da Ordem, que se reunia, segundo o costume franciscano, na festa de Pentecostes; teve a felicidade de

acompanhar o corpo do Santo para o meio da grande nave, em que devia passar quarenta anos. Fê-lo assim realizar a segunda marcha da sua peregrinação.

A terceira trasladação é do ano de 1350: Guido de Montfort ligou a ela o seu nome. Este era muito ilustre personagem, filho do conde de Boulogne-marítima, e descendente por sua mãe, de S. Luís rei de França. Depois de ter ocupado a sé episcopal de Tournay, e após, a de Cambrai, foi promovido ao arcebispado de Lião. Feito cardeal e bispo do Porto, desempenhou com muita habilidade, sob diversos papas, as funções de legado. Parece que, numa de suas numerosas viagens, correria grande perigo de vida, e que só à visível proteção de Sto. Antônio tinha devido a sua salvação. Tendo vindo a Pádua em ação de graças, foi aí recebido pomposamente pelo clero e pelos magistrados da cidade; hospedou-se no palácio da Comuna, com toda a sua comitiva, que trazia uma equipagem de trezentos cavalos. A trasladação do corpo de Sto. Antônio efetuou-se a 14 de Fevereiro. Tiraram-no do meio da basílica, para o colocarem sob o altar da capela que depois tomou seu nome.

Além das trasladações de que escrevi a história, há outras, de um caráter diferente, porém não menos gloriosas para as relíquias de Sto. Antônio. Estas são exteriores: melhor se chamariam distribuições, porque o mundo inteiro disputava a Pádua seu tesouro. Em 1579, Sebastião, rei de Portugal, pediu uma relíquia do nosso Santo. De todos os soberanos da cristandade era o que a isso tinha direitos mais incontestáveis; obteve sem custo o favor que solicitava.

Em 1580, a imperatriz da Áustria dirigiu igual pedido, por intermédio do embaixador da República junto ao imperador Matias. Em 1597, o arquiduque Fernando fez outro tanto.

Em 1609, Margarida da Áustria, mulher de Filipe III, rei das Espanhas e de Portugal, que Filipe II, pai deste, submetera à sua coroa, obteve também uma relíquia de Sto. Antônio. Desenvolveu-se nesta aquisição um luxo de formalidades e uma pompa de linguagem de que os documentos fazem fé, e que atestam muito eloquentemente o prestígio do Santo no século XVII, mais ainda que a influência das duas mais poderosas cortes da Europa.

A Divina Providência proporcionou à república urna ocasião de fazer brilhar ainda mais sua piedade para com Sto. Antônio.

Em 1652 a pátria estava em perigo. Veneza achava-se empenhada na guerra de Cândia: esta ilha era o último troço de suas possessões no Oriente. Depois de haver

perdido sucessivamente as ilhas do Arquipélago, o Negro-ponto, diversas praças da Morea, Chipre, as Cíclades, estava ela em vésperas de perder Cândia. Os prodígios de valor de Morosini, que comandava a frota cristã, não o impediam de sofrer derrotas, de vez em quando. Em sua desgraça, Veneza voltou as vistas para Sto. Antônio, feito já um santo nacional. Em data de 2 de Fevereiro de 1652, achamos nos registos do tempo a seguinte carta dirigida a Pádua pelo doge Francisco Molino: "Francisco Molino, por graça de Deus doge de Veneza, aos nobres e sábios varões, André Pisano, por sua vontade podestá de Pádua, e Sebastião Justiniani, capitão da milícia, fiéis e amados : saúde e estima. Na situação cheia de perigos que nos criaram as dificuldades da hora presente, o Senado, para continuar suas tradições de piedade e religião para com Deus, no ardor de seu zelo e admirável devoção decretou erigir na igreja de *Santa Maria della Salute*, de recente fundação, um altar consagrado ao glorioso Sto. Antônio de Pádua, a fim de invocá-lo aí como seu patrono junto ao Deus das misericórdias. Espera ele que, pela plenitude dos méritos deste Santo, as nossas orações subirão ao céu, e que neste momento em que todo o nosso poder humano sucumbe, não será vã a nossa esperança na proteção divina. Por conseguinte, de acordo com o Senado, queremos que façais conhecer o nosso desígnio aos administradores do túmulo do Santo e aos representantes da cidade, escolhendo para isso o modo mais conveniente que a vossa prudência sugerir. Ao mesmo tempo lhes exporeis que muito desejamos obter uma partícula das relíquias do Santo que estão fora do túmulo, a fim de colocá-la e conservá-la com honra sobre o altar projetado, etc."

A 11 de Março desse mesmo ano, o guardião do convento de Sto. Antônio e o procurador do provincial, assistidos por dois administradores do túmulo, apresentaram-se ante o podestá e o Conselho Magnífico dos dezesseis, no costumado lugar de suas deliberações. Declararam eles consentir que se concedesse uma partícula do braço que estava com o queixo inferior do gloriosíssimo Santo. O Conselho deu parecer nessa conformidade, com a cláusula de que no futuro se valeria muito cuidadosamente sobre a relíquia, e dela não se extrairia nenhuma parcela, nem mesmo quando os postuladores fossem príncipes. Por um rescrito datado de 13 de Março, o doge felicitava o Conselho por suas resoluções, e anunciava-lhe estar o Senado decidido a promulgar uma lei para de oravante impedir qualquer alienação da santa relíquia, em favor de quem quer que fosse, embora de régia dignidade.

O programa das festas da trasladação da santa relíquia foi objeto de longas e minuciosas negociações. A 6 de Julho os administradores *de Santa Maria della Salute* apresentaram um projeto que obteve a aprovação do governo: o doge transmitiu-o no mesmo dia às autoridades de Pádua. Pelo mesmo rescrito, marcava para 13 de Junho a

execução do Senatus-consulta de 29 de Fevereiro; indicava ainda os meios a tomar para o desembarque no cais de Veneza. As particularidades do programa se conhecerão aqui pela descrição das festas:

"Então pois, em nome de nosso Redentor Jesus Cristo, no ano de seu bem-aventurado Nascimento 1652, indicação quinta, sábado 8 de Junho, em Pádua, na sacristia dos RR. PP. de Sto. Antônio, acharam-se o Ilustríssimo e Rerevendíssimo Senhor Jorge Comero, digníssimo Bispo desta cidade: os Ilustríssimos e Excelentíssimos SS. André Pisani, podestá, e Sebastião Justiniani, capitão da milícia: em presença de N. N., guardião e provincial do convento, e de N. N., delegados da cidade; o Senhor bispo, abrindo com suas próprias mãos o relicário da maxila inferior do Santo, que continha também o osso do braço, daí tirou o osso inteiro; cortou dele com uma serra a partícula que era destinada a Sua serenidade o doge, e que se devia transferir solenemente para Veneza. De novo colocou o resto no relicário, e nele pôs o seu selo. Todas as testemunhas assinaram a ata".

A santa parcela foi posta num relicário de grande valor, enviado de Veneza pelo doge; e partiu acompanhada de um certo número de religiosos do convento, dois administradores do túmulo, e dois delegados da cidade. Chegando às lagunas, embarcaram-na em uma gôndola preparada de antemão, na qual se tinha armado um altar coberto de círios acesos. O superior do Convento com alguns maiores da Ordem alinharam-se em torno desse altar, fazendo o mesmo os dois administradores do túmulo e os dois delegados de Pádua. Uma segunda gôndola seguia, trazendo o resto do cortejo, composto principalmente de religiosos franciscanos. Entretanto o Reverendíssimo Chantre da basílica patriarcal, em pé na margem da Piazzetta, revestido de seus ornamentos pontifícios, e cercado do cabido e dos cantores da catedral, em pio recolhimento esperava que a gôndola encostasse. Então recebeu a preciosa relíquia de que vinha carregada e muito religiosamente acompanhou-a até a igreja de S. Marcos, protetor de Veneza. Aí, depositou-a no tesouro em que esta ficou até 13 de Junho, dia escolhido para a sua trasladação solene à igreja de *Santa Maria della Salute*.

Desdobrou-se então uma pompa extraordinária. A santa relíquia foi colocada sob um magnífico baldaquim; depois, todos se puseram em marcha para a igreja a que ela era destinada, desfilando lentamente a procissão ao longo da costa. Viam-se nela todas as Ordens do clero secular e regular, as escolas universitárias, os dois seminários, os cônegos da capela ducal e da catedral, o sereníssimo doge revestido de um manto dourado, os embaixadores dos príncipes, acreditados junto à república, e todo o senado com vestes cor de púrpura. O comandante do arsenal tinha lançado sobre o grande canal

unia ponte, como se costuma fazer todos os anos em Novembro, para a festa de *Santa Maria delia Salute*; foi por sobre este arco de triunfo que se ganhou a margem oposta. O Reverendíssimo Chantre celebrou a missa, e recitou as orações prescritas pela liturgia em funções tais; a santa relíquia ficou exposta no altar provisório que se tinha erguido. Durante o dia inteiro, houve um concurso imenso de fiéis, que vinham de todos os pontos da cidade implorar a proteção do glorioso Sto. Antônio junto a Deus a fim de que acudisse à República nas terríveis provações que ela atravessava. À tarde, o Reverendíssimo Chantre voltou com o mesmo aparato à igreja de *Santa Maria delia Salute*. Recebeu a santa relíquia no meio de uma praça vizinha; depois acompanhou-a de novo à igreja patriarcal de S. Marcos, e a encerrou no tesouro donde a tinha tirado, ficando ela aí até acabar-se a construção do altar que se lhe havia dedicado em *Santa Maria delia Salute*.

Assim terminou esse dia famoso, que é uma data nos anais da República, e um dos mais belos episódios da história de Sto. Antônio. Depois dos funerais mais do que régios que Pádua havia celebrado em sua honra, o Bem-aventurado não tivera uma ovação igual. Desde que Veneza recebeu as relíquias de S. Marcos trazidas de Alexandria por mercadores do nosso século não havia ela nunca despendido tanto em honra de nenhum de seus grandes homens. Vendo chegar o leão alado, que devia ser o seu símbolo e presidir-lhe aos brilhantes destinos, em seu entusiasmo exclamou: "Paz a ti, Marcos, meu Evangelista". Recebendo as relíquias de Sto. Antônio, o Adriático murmurou a velha divisa, que não devia figurar na moeda nacional, mas ficaria gravada em todos os corações: "Paz a ti, Antônio, meu Apóstolo preferido".

CAPÍTULO XXI

Culto de Sto. Antônio

Tratando da basílica de Sto. Antônio e das trasladações de suas relíquias, já dei um grande capítulo da história de seu culto. Mas o assunto não está esgotado.

O decreto de canonização que introduziu o nome de Sto. Antônio no calendário católico, assegurou a universalidade e a perpetuidade a seu culto. A Igreja dá este impulso deixando à inspiração dos povos o cuidado de fazer o resto. Essa inspiração é que imprime ao culto de alguns santos certo incremento que os coloca em uma luz particular, e lhes granjeia na terra uma clientela que outros não possuem.

Pádua, sem fazer o monopólio de seu Santo, olha como honra sua o não se deixar exceder em devoção por nenhuma outra cidade. Não contente de lhe dedicar um santuário, em que noite e dia ardem trinta e seis lâmpadas de prata, notáveis por seu tamanho e forma, e que são presentes de reis; ela fundou os aniversários das trasladações já mencionadas. Juntou-lhe outras instituições, capazes de entreter nas almas a devoção para com o seu santo protetor, e que todas ainda hoje estão vivas. A confraria de Sto. Antônio, durante seis séculos, nunca cessou de estender-se, recrutando o seu pessoal em todas as fileiras da sociedade. Cada sexta-feira do ano, honra-se na basílica o passamento do Bem-aventurado, para obter por sua intercessão a graça de uma boa morte.

Florença não esqueceu que ele havia sido seu missionário. A lembrança de sua eloquência e dos efeitos maravilhosos que ela produzira, bastava para assegurar o seu culto nesta cidade. Mas a peste encarregou-se de cercá-lo de um grande brilho. O flagelo que se desencadeou sobre as margens do Arno, em época que os historiadores não determinam, e que é talvez a da peste negra no século quinze, voltou os olhares e as súplicas das vítimas para Sto. Antônio, cujo poder sustou os progressos do mal. Florença, reconhecida, correu com devoção ainda maior que antes, à igreja *Santa Croce*, levantada pelos Frades Menores à glória de S. Francisco, e coberta dos quadros *a fresco* de Giotto. Sto. Antônio tinha aí já o seu altar: mas então ficou ele carregado de ex-votos, de todo o gênero: disputavam-se as missas que lá se celebravam todas as manhãs. S. Francisco dividiu sem inveja o seu templo com o discípulo nascido de seu gênio e de sua ternura.

Nápoles seguiu as pegadas das outras cidades italianas. O Santo operou ali numerosos milagres, que determinaram um notável movimento de piedade para com ele. Foi escolhido como patrono; dedicou-se-lhe uma estátua de prata, que foi colocada na capela dos Santos protetores da pátria. Não se ficou só nisto. Em 1633 instituiu-se na igreja de S. Lourenço, servida pelos Conventuais, uma confraria que tomou o seu nome. Contava mais de três mil associados, entre os quais muitos príncipes e nobres personagens de um e de outro sexo; a qual foi solenemente inaugurada, em presença do arcebispo, do vice-rei e da aristocracia, e no meio de imenso concurso de povo, atraído pelas ricas indulgências que se alcançaram de Roma. Edificou-se uma nova capela, com a qual se despenderam somas avultadas. Assegurou-se a todos os associados uma parte nas orações e boas obras da Ordem franciscana. Os pobres recebiam socorros em suas enfermidades, e, no caso de morte, a confraria tomava a si as despesas dos funerais. Finalmente, cada associado tinha direito a cinquenta missas pelo repouso de sua alma.

Portugal e Espanha distinguiram-se, entre todas as outras nações, por sua piedade para com Sto. Antônio. Poucos dias após a sua canonização, que foi conhecida miraculosamente, Lisboa consagrou-lhe o altar-mór da catedral; mais tarde, erigiu sob o seu vocábulo uma igreja magnífica, levantada sobre o sítio de sua casa paterna; e celebrou todos os anos sua festa, no rito de segunda classe, com vigília e oitava, procissão pela manhã e à noite, e cessação das obras servis; tudo com a aprovação da Santa Sé.

A Espanha não se separou de Portugal no culto de Sto. Antônio. Nós já vimos como a rainha Margarida da Áustria, seguindo o exemplo do rei Sebastião, solicitara e obtivera uma relíquia do Santo. Era já um belo testemunho de sua devoção e da que animava a seus súditos católicos. Segundo um historiador, ela a ofereceu à igreja que se edificara em Lisboa, no lugar da casa paterna do Santo. Essa gentileza, conciliando-lhe o amor dos portugueses, ainda pouco afeitos ao jugo da Espanha, muito contribuiu para aumentar em toda a península a devoção para com Sto. Antônio. Mas as populações não haviam esperado até esse momento para o honrar. Bem se lembravam elas de que Antônio tinha sido seu concidadão, antes de ser o amigo de Deus e o apóstolo da Itália: nelas o patriotismo vinha em auxílio da fé. Desde muito cedo, dedicaram-se-lhe igrejas e mosteiros. Os pobres pescadores do Oceano e do Mediterrâneo colocaram a imagem do Santo em suas barcas, e a invocaram ao velejar. Os grandes navegadores do século quinze associaram-no a suas empresas; repartiram com ele a glória das conquistas, dando-lhes seu nome. O Cabo Verde teve sua ilha de Sto. Antônio. As pontas de Cuba, La Plata, Terra do Fogo e outras, tornaram-se outros tantos cabos de Sto. Antônio. De Sto. Antônio chamaram-se muitas cidades no Texas, no México, no Brasil e na república do Equador. Até rios receberam este batismo. Assim as colônias eram o eco da metrópole: dos dois lados do Atlântico havia uma nobre emulação por dilatar o culto do apóstolo de Pádua. O culto de Sto. Antônio oferece pormenores de um vivíssimo interesse, que não lhe são estritamente peculiares, porquanto se encontram na legenda de muitos outros servos de Deus; mas que raras vezes têm alcançado em outros a mesma importância e produzido os mesmos efeitos. Quero falar, sobretudo, do papel que representam as imagens do Santo nos inúmeros milagres que ele operou após a morte. Essas imagens curavam os enfermos pelo contato; consolavam os que as invocavam; porém, por sobre isto, como que tinham vida e agiam: elas falavam, choravam, batiam, às vezes até rudemente, os que lhes resistiam às ordens. Deus queria que elas fossem fontes de vida; assim lhes comunicava algumas virtudes que mais ordinariamente concede às ossadas dos santos.

Um grande fidalgo de Ilíria, chamado Carlos Giotti, devotíssimo de Sto. Antônio, conta que em 1680, quis celebrar com esplendor a festa deste. Mandou por isso, ornar magnificamente a capela de seu palácio. Colocou na mão da imagem do Santo um lírio arrancado de pouco, que, mesmo tendo perdido o bolbo, conservou as folhas frescas até a vigília da festa do ano seguinte; dir-se-ia que essas folhas eram recortadas em seda branca: os estames amarelos que rompiam do fundo do cálice tinham todo o seu viço.

Em 1681, empregou ainda maior pompa. Uma fâmula sua pôs outro lírio na mão do Santo; esse ficou exposto ao ar e aos raios do sol que penetravam pela janela; durante o verão, brotou duas flores magníficas: uma desabrochou logo de todo; a outra continuou ainda a abrir, quando a haste parecia já ter secado. As testemunhas deste prodígio ficaram maravilhadas. O piedoso Carlos Giotti concluía daí que a imagem do Santo se mostrava disposta a conceder muito mais altas graças àqueles que a invocassem. Tinha razão Carlos Giotti. As flores do lírio miraculoso não eram mais do que um símbolo dos efeitos intelectuais e morais que a imagem do Santo produzia nas almas. Depois das flores, os frutos.

Em 1677 um calvinista convertido publicou em Veneza um tratado sobre a arte de chegar ao conhecimento da verdadeira Igreja pela simples luz do raciocínio. Não querendo ele deixar crer a seus leitores que o raciocínio bastasse para conduzir à fé, expôs os meios de que se serve Deus para converter os transviados: contou sua própria história em apoio da tese.

Os motivos de credibilidade que acabo de enumerar, e outros semelhantes, haviam já formado em mim uma convicção acerca da religião católica. Nesse ínterim, deixei Roma; e, depois de ter passado algumas semanas em Veneza, cheguei a Pádua. Tendo ido visitar a igreja de Sto. Antônio, quando, segundo o meu costume, orava à Divina Majestade com toda a devoção de que era capaz, a imagem do Santo, pintada numa parede, feriu-me as vistas e produziu em mim extraordinária impressão a ponto que fiquei como afogado numa torrente de pensamentos místicos que nasciam espontaneamente em minhas faculdades. Cresceu ainda a minha emoção, ao prostrar-me diante do túmulo do Santo, e ao percorrer os baixos-relevos de mármore sobre os quais estão esculpidos seus milagres. Tocou porém o cúmulo, quando, entrando na *Scuola dei Santo*, que é contígua à igreja, contemplei as pinturas que representam seus milagres, sobretudo o quadro a fresco da mula que se prostra diante do Santíssimo Sacramento da Eucaristia. Essa vista determinou em mim tão viva iluminação e uma persuasão interior tão irresistível, da fé católica, que no dia seguinte, de manhã, tendo deixado Pádua para prosseguir minha viagem pela Lombárdia, até chegar à Milão não pude pensar noutra

coisa. Tinha como ideia fixa que finalmente minhas orações haviam sido escutadas; e não me cansava de admirar os meios plásticos de que Deus se havia servido para me chamar à verdadeira fé, pela mediação de seu glorioso Antônio, esse grande santo de que eu mofara quando me achava ainda nas trevas do erro. Tão forte e inabalável convicção tinha, eu já aí, que estava disposto a sofrer a crueza de todos os males do mundo, se preciso fosse, para chegar a ser discípulo de nosso Senhor Jesus Cristo, no seio da Igreja católica romana.

O culto de Sto. Antônio, estudado nas fontes, apresenta alguns caracteres, à primeira vista um pouco singulares, mas que logo se têm em muito apreço : são o entusiasmo e a familiaridade. Durante a vida, Sto. Antônio era popular, acessível a todos; inspirava mais afeição que temor. Depois da sua morte, nada mudou; tudo se passa em seus santuários, como se estivesse ainda vivo. Sto. Antônio dá audiências, fala-se a ele, e responde. Isto é sobretudo o cunho da devoção italiana.

A propósito de um dos maiores servos do Santo, lê-se na *Analecta dos Bolandistas*: "Não se sabia o que admirar mais, se a confiança filial de Colnago para com o seu celeste amigo, se a simplicidade deste último para com o fraco mortal; pareciam estar em família. Colnago referiu que Sto. Antônio lhe aparecera muitas vezes, mais belo do que a palavra humana o poderia exprimir, cercado de um nimbo de luz; e que, aproximando-se, o tinha abraçado, apertando-o ao peito por instantes... Por seu lado, ele se desfazia em mil cuidados com o amigo celeste. O mais frequentemente que lhe era possível, ia visitar piamente o seu túmulo e venerar-lhe as relíquias; celebrava os seus louvores em verso, a fim de lhe ganhar as almas e aumentar a sua glória; não empreendia nenhuma viagem sem ir saudá-lo ternamente em seus templos; levava-lhe ramalhetes de flores; em seu seio ia desafogar a tristeza e verter lágrimas; soltava queixas a seus pés. Trazia sempre consigo folhas de papel, para redigir as súplicas que lhe dirigia no próprio nome ou no daqueles que vinham reclamar a sua proteção. Tornara-se como que o postulador das causas de seus concidadãos, e o secretário de ordens de Sto. Antônio."

CAPITULO XXII

Santo Antônio patrono das cousas perdidas

Sabe todo o mundo que Sto. Antônio de Pádua foi predestinado por Deus, para restituir a seus donos os objetos perdidos casualmente ou levados por ladrões. É nestes termos que a *Analecta* indica a especialidade para a qual Sto. Antônio é invocado.

A tradição que determina a especialidade de Antônio, é de uma luz fulgurante. Afora os monumentos da liturgia e os fatos históricos, temos o testemunho dos escritores e dos pregadores que proclamavam do alto do púlpito os privilégios do Bem-aventurado. Como diz o franciscano Pelbarto. "da mesma forma que o Senhor glorificou a Sto. Antônio durante a vida, concedendo-lhe a graça de converter as almas transviadas; assim, desde que ele está no céu, conferiu-lhe a de fazer recobrem o perdido aqueles que lhe recorrem". Um doutor da Universidade de Paris, Guilherme Pepino, disse isto mesmo em linguagem mais oratória: "Sto. Antônio recebeu de Deus o privilégio das coisas perdidas, que frequentemente se recuperam por seus méritos, como eu mesmo por muitas vezes experimentei. Assim tenho bem o direito de exclamar, tomando a S. Bernardo as palavras que ele dirige a Maria, mãe de Deus : Neguem-vos seus louvores, ó Antônio, os que, depois de terem piedosamente implorado o vosso auxílio em suas necessidades, se lembrarem que o fizeram em vão."

Em Portugal é que Sto. Antônio foi primeiro invocado como patrono das cousas perdidas. Daí, se espalhou no mundo inteiro esta devoção, e contribuiu não mediocrementemente para a popularidade do Santo. Quanto à origem dela, o autor dos *Bolandistas* declara não a conhecer. Sobre esse ponto, pareceu-lhe tão profunda a obscuridade que nem sequer procura esclarecê-la. Um historiador crê achá-la no fato do *Comentário sobre os Salmos* que um noviço furtara ao Santo, em Montpellier, e que este recobrou pela virtude da oração.

É, porém mais verossímil que tenha por causa única os numerosos milagres que o Santo realizou depois de sua morte, em favor dos que lhe imploravam proteção em tais circunstâncias.

Estes milagres abundam nas Coleções dos *Bolandistas*; eu me contentarei de aqui referir alguns.

Fr. Ambrósio Cancelloti Politi, bispo, da Ordem dos Frades Pregadores, homem distinto por suas virtudes e erudição, tinha composto um certo número de obras, entre as quais um livro *Sobre a glória dos Santos*, no qual consignou a seguinte narração. Um dia, saiu ele de Tolosa, em companhia de seus Irmãos, levando consigo um manuscrito que tinha de estampar. Esse manuscrito estava junto com outros trabalhos cuidadosamente redigidos, sobretudo umas notas sobre pontos de controvérsia, próprias

para combater os hereges. Ora, sucedeu que deixou cair no caminho todo o maço; e quando se apercebeu de que o tinha perdido, estava já longe, muitas léguas, do ponto donde partira. Sentiu vivo pesar, vendo aniquilado o fruto de tantos labores e vigílias. Voltou atrás e entrou de novo em Tolosa pelo mesmo caminho; porém não se encontrou nada. Fez pesquisas em todos os sentidos; apelou para o governador da cidade, que era seu amigo; entretanto, os esforços combinados de ambos não deram resultado. Pôs-se outra vez a caminho, de coração contristado; e como lhe falhassem os meios humanos, lembrou-se do poder de Sto. Antônio em casos tais. Fez votos de, se recobrasse por sua intercessão o que perdera, compor um suplemento a seu livro Da Glória dos Santos, no qual relatasse o benefício que pedia e esperava alcançar. Apenas se havia assim pronunciado, viu caminhar para ele um viajante, que lhe perguntou se não perdera uma obra manuscrita e vários outros papéis com este. O religioso respondeu afirmativamente, e deu-lhe alguns sinais que o ajudaram a reconhecê-los. Então o viajante o conduziu ao sítio em que estavam os papéis: não tinham sofrido nenhum dano. Fr. Ambrósio ficou transportado de reconhecimento para com o Santo, pelo serviço que lhe acabava de prestar; mais tarde, inseriu a narração do acontecimento em sua Obra, a qual foi impressa em Lião em 1552.

O historiador espanhol Gonzaga, estudando as origens de um convento de Franciscanos, fundado em 1380 na aldeia de Ávila, na Galiza, refere um fato extraordinário. No lado direito da grande igreja, havia um altar, dedicado à gloriosa Virgem Maria, acima do qual estava colocada a imagem do Bem-aventurado Padre Antônio de Pádua. Um negociante, chamado João Afonso, homem religiosíssimo, e sua esposa Aldonsa Gonzales, tinham em grande veneração esta imagem: eles atribuíam aos méritos do Santo e à sua poderosa intercessão o bom êxito de tudo o que empreendiam. Estavam no pio costume de oferecer uma lauta refeição aos Frades do Convento em sua festa anual. Quiseram mesmo perpetuar esse testemunho de seu reconhecimento; e por sua morte legaram aos herdeiros terras de lavoura e casas, com o encargo para eles de fornecer mesa generosa aos Frades e seus sucessores, uma vez por ano, em o dia da festa do Santo. Ora, permitiu Deus que o sobrinho deles, Nicolau Afonso, a quem instituíram herdeiro de todos os seus bens, numa viagem por mar, deixasse cair n'água um anel precioso, que era uma lembrança dos que tanto o haviam querido. Aproximando-se nessa ocasião a festa de Sto. Antônio, ele deu ordens para que se preparasse o jantar dos Frades, conforme as últimas vontades de seus maiores, e encomendou a alguns pescadores um bom peixe, digno de figurar na mesa conventual. Quando trouxeram ao convento o peixe, o Irmão cozinheiro abriu-lhe o ventre para o assar, mas com grande surpresa descobriu-lhe nas entranhas o anel que o benfeitor da

comunidade perdera. Este milagre foi atribuído à proteção de Sto. Antônio: todos os Frades renderam graças ao Senhor. Nicolau Afonso não foi o menos reconhecido: sua devoção para com Sto. Antônio cresceu ainda mais, e, para conservar a memória de tão prodigioso acontecimento, o fez pintar, com todas as circunstâncias, em torno da referida imagem, a fim de atrair a atenção dos visitantes, e popularizar a glória de seu santo protetor. O historiador acrescenta: "Tudo isto é verdadeiro, e provado por testemunhas que merecem confiança. Por isso é que eu o inseri em minha obra."

A propósito dos fatos que acabo de citar, e de um cento de outros semelhantes que enchem as Colações portuguesa, espanhola, italiana e belga, há urna observação a fazer. Um grandíssimo número de graças obtidas de Sto. Antônio, o foram pela virtude do responso: *Si queres miracula*, etc., (1) que tem na história o nome de Responso milagroso.

(1) A tradução portuguesa desse Responso, mais vulgarizada, é a seguinte:

*Se milagres desejais,
Recorrei a Santo Antônio:
Vereis fugir o demônio
E as tentações infernais.*

*Recupera-se o perdido,
Rompe-se a dura prisão,
E, no auge do furacão,
Cede o mar embravecido.*

*Todos os males humanos
Se moderam, se retiram;
Digam-no aqueles que o viram,
E digam-no os paduanos.*

Recupera-se o perdido, etc.

*Pela sua intercessão
Foge a peste, o erro, a morte;
O fraco torna-se forte,
E torna-se o enfermo são.*

Recupera-se o perdido, etc.

Glória ao Pai, e ao Filho, e ao Espírito Santo. Recupera-se o perdido, etc.

E conservou um certo caráter sacramental; e, como as fórmulas dos sete sacramentos produzem a graça, assim de algum modo as palavras do responso de Sto. Antônio determinavam efeitos sobrenaturais nas almas e nos corpos. Dir-se-ia que S. Boaventura, tirando-o do coração e fazendo-o passar pelos lábios, lhe comunicara um que de prodigioso e divino. Certo é que os fiéis se serviram dele com proveito.

Em Pádua, instituiu-se a novena Antoniana, que, segundo os anais, tem uma origem celeste. St. Antônio foi inhumado na igreja dos Franciscanos numa terça-feira, cinco dias depois de sua morte. Desde então a terça-feira foi o dia preferido pela piedade pública para visitar o seu túmulo; não tardou a formar-se a devota crença de que na terça-feira o Santo concedia tudo o que se lhe pedia. Em 1617 um prodígio deu a esta devoção um rápido incremento. Certa dama nobre de Bolonha, que solicitava com instância uma graça particular pela intercessão de Sto. Antônio, uma noite, ao orar, viu em sonho o Bem-aventurado; o qual lhe disse estas palavras, que ela ouviu muito distintamente: "Visitai durante nove terças-feiras a minha imagem, na igreja de S. Francisco; e sereis atendida". Tendo a piedosa dama cumprido fielmente as ordens do Santo, alcançou o que desejava. Os Frades Menores, publicando o acontecido, recomendaram com muito zelo a prática das nove terças-feiras, que consistia em meditar uma virtude do Santo e recitar o Responso milagroso com o versículo e oração ordinária. (1) Assim é que esta devoção se propagou, primeiro na Itália, e pouco a pouco em toda a cristandade.

Forçado a limitar-me, aqui só darei como que simples amostra das maravilhas obtidas pela recitação do Responso milagroso.

Ora, é um rico burguês de Alcazar, que vem a achar de novo um anel de alto preço que deixara cair numa cisterna profunda. Ora, é um negociante, que em viagem marítima perde uma bolsa cheia de ouro, que alguns pescadores colhem em suas redes. Aqui, é um pobre Frade capuchinho, aflito por se ter sumido uma conta de seu terço a que estão ligadas muitas indulgências, e que tem a fortuna de ver que lha traz uma formiga. Ali, é outro Irmão leigo, que, tendo deixado o seu sinete cair num poço, vai tomar na capela uma pequena imagem de Sto. Antônio que mete na água na ponta da respectiva corda, e que sobe depois em triunfo, trazendo na mão o sinete desejado. Em Nangasaki, é um menino de três anos que os pais consternados encontram em espessas brenhas. Em Louvain, é um doutor em teologia que se reempossa de umas importantíssimas notas.

(1) A piedade dos fiéis, no decorrer do tempo, elevou de nove a treze terças-feiras esta prática, em memória do 13 de junho, dia que morreu o Santo.

Em Bruxelas, um distinto advogado vem a descobrir o paradeiro de um arrazoado de defesa que lhe havia custado grande trabalho.

Milagres tão numerosos, tão brilhantes, e firmados em graves testemunhos, explicam suficientemente a força da traição em favor da especialidade de Sto. Antônio, que poderíamos chamar a sua característica moral. Depois de mais de seis séculos, ainda em toda a Igreja católica, se invoca a Sto. Antônio como patrono das coisas perdidas. Não há cristão que não o saiba, mesmo dos menos devotos; não há um que, em necessidade, não lhe tenha recorrido nos casos sérios. Os que não crêem nisto, conhecem-no todavia, chamando-o superstição; e, relatando-a, contribuem a seu modo para entretê-la nos espíritos: eles são assim uns propagadores involuntários da glória do servo de Deus. Não há nenhuma fraqueza de espírito em pedir aos santos aquilo que os homens não nos poderiam dar. Não devemos corar de imitar na fé a nossos pais. A confiança deles foi recompensada, desde este mundo, com magníficos milagres; o braço de Deus não se encurtou, nem Sto. Antônio passou à reserva: de nós depende receber dele os mesmos benefícios, se quisermos empregar iguais meios.

A propósito do patrocínio de Sto. Antônio sobre as coisas perdidas, não se deve circunscrever por demais o campo em que ele se exerce. A leitura dos fatos referidos pelos historiadores faz supor que se trata só de coisas materiais subtraídas a seus donos. Na realidade, os fatos deste gênero são os mais frequentes; porque os anais dos santos, como os dos povos, se compõem principalmente de acontecimentos sensíveis, que se podem demonstrar, e que soem impressionar mais os espíritos. Seria, porém, deprimir a ação de Sto. Antônio, e favonear a devoção dos interesses grosseiros, prender-se a uma tal interpretação. Além disto, os fatos por si mesmos não o permitem: há nas Coleções milagres operados para restituir a liberdade a presos, para defender a fracos oprimidos, para vingar a inocência caluniada, para salvar a honra das virgens em perigo. A ordem moral, portanto, faz parte do domínio de Sto. Antônio: sua especialidade é elástica, e entende-se a necessidades nossas de uma ordem mais elevada. Ele reconduz ao grêmio da verdade os espíritos atribulados que a buscam de boa fé; acalma os tormentos do coração, como aplaca as tempestades do mar; restitui a vida às almas que a perderam pelo pecado, como restitui a saúde aos enfermos e o movimento a gélidos cadáveres; faz luzir a esperança aos que cessaram de esperar; restabelece a concórdia nas famílias divididas; reconcilia as classes nas pátrias dilaceradas pela guerra civil. Todos estes bens devem inscrever-se entre as coisas que se podem perder, e que importa recobrar. Ah! Perdem-se tão facilmente eles! Com tanto custo se recuperam! Não é demais um protetor como o grande Sto. Antônio, para nos valer no meio de tais

provações. Lembre-mo-nos então dele, para ele soltemos o nosso grito de alarma; e esperemos o seu socorro com plena confiança. A tanto nos anima a história; e até nos obriga.

CAPÍTULO XXIII

As principais virtudes do Santo

No fim desta bela história, que foi como que uma longa conversação com o bem-aventurado Antônio de Pádua, experimenta-se a necessidade de resumir as impressões por ela causadas, e gravar os traços mais salientes que formam o quadro de um dos santos mais cativantes da idade-média, um dos maiores taumaturgos de seu século. Ele foi ao mesmo tempo um fiel imitador das virtudes de Jesus Cristo: aqui é que nós devemos estudá-lo e seguí-lo.

A humildade foi uma das virtudes principais de Sto. Antônio; a despeito do lustre de seu nascimento, da beleza de seu gênio, e de outros sinais de sua predestinação a grandes coisas, ele se julgou sempre pequeno. Teve só uma ambição, a de passar desconhecido na terra.

Sto. Antônio não desdenhou a ciência humana, pois que a possuía num grau eminente; porém não se inebriou com as fumaradas de orgulho que dela saem. Enquanto pôde, ocultou-a: quando foi obrigado a produzi-la, correu a pô-la aos pés de Jesus Cristo, subordinando-a à fé de que ela é a serva. Era maravilhosamente dotado para a ação; fazia da oração as suas delícias. Sabia que Deus é a fonte da vida verdadeira. Nós somos os filhos de uma época febril, que tem pressa de produzir porque está impaciente por gozar. Sto. Antônio nos ensina a desconfiarmos da atividade devoradora de nossa geração. O espírito de oração não é a característica do nosso cristianismo. As obras exteriores nos quadram mais ao temperamento: elas nos seduzem pela beleza dos resultados, e talvez também porque, nos levam para fora de nós mesmos.

Sto. Antônio sabia unir a brandura e a força; havia nele algo do cordeiro e do leão. Era brando com os pequenos deste mundo, meigo com os meninos que acariciava, com os pobres que consolava, e com os pecadores que convertia. Era terrível para com os poderosos, a quem exprobrava em face o abuso que faziam de sua autoridade, anunciando-lhes as responsabilidades que assumiam diante da história e perante Deus. Tinha um vivo sentimento da justiça: foi em toda a parte seu intrépido campeão. Não entendia de outro modo a obediência que todo o homem deve aos poderes legítimos. Ele é assim a prova de que um grande caráter se alia muito bem com a santidade.

É isto a suma das virtudes de Sto. Antônio.

Por mim, julgar-me-ia feliz, se depois de ter como que vivido assim na intimidade de Sto. Antônio pudesse imprimir-lo como um selo em meu coração e em minhas mãos, a fim de que meu coração o ame, e as minhas mãos o imitem.

No fim de um dos hinos de sua antiga liturgia, lê-se esta bela invocação: "Bem-aventurado Antônio, concedei aos vossos fiéis servos, aos que nunca deixarão de louvar as vossas virtudes e bendizer a vossa glória, a paz do Senhor no tempo e na eternidade!"